

ISSN 2177-4730



POLONICUS

Revista de reflexão Brasil - Polônia

Polonicus

Revista de reflexão Brasil-Polônia

Edição semestral

Ano VII – 2/ 2016

CURITIBA - PR

Publicação da Missão Católica Polonesa no Brasil

Endereço da Redação:

Av. Pres. Franklin D. Roosevelt, 920 ~ Porto Alegre-RS. Brasil

tel (51) 3024-6504 ou (51) 99407-4242

E-Mail: revista@polonicus.com.br

www.polonicus.com.br

Coordenação editorial e editoração eletrônica

Zdzislaw Malczewski SChr

Revisão do texto e tradução do polonês

Mariano Kawka

Resumo em polonês

Mariano Kawka, Zdzisław Malczewski SChr

Projeto da capa

Dulce Osinski

Claudio Boczan

Impressão

Corgraf Gráfica e Editora Ltda.

Fone: 41 3012-5000

www.grupocorgraf.com.br

Os originais dos artigos, publicados ou não,
não serão devolvidos.

Os artigos assinados são de inteira responsabilidade
de seus autores.

ISSN – 2177 – 4730

Conselho Editorial:

Henryk SIEWIERSKI

Mariano KAWKA

Piotr KILANOWSKI

Renata SIUDA-AMBROZIAK

Zdzislaw MALCZEWSKI SChr

Conselho Consultivo:

Aleksandra SLIWOWSKA- BARTSCH - Universidade Candido Mendes - Rio de Janeiro

Barbara HLIBOWICKA-WĘGLARZ - Universidade Maria Curie-Skłodowska - Lublin (UMCS)

Benedykt GRZYMKOWSKI SChr - In memoriam

Cláudia R. KAWKA MARTINS - Colégio Militar - Curitiba

Edward WALEWANDER - Universidade Católica de Lublin (KUL)

Franciszek ZIEJKA - Universidade Jagiellônica de Cracóvia (UJ)

Jerzy MAZUREK - Universidade de Varsóvia (UW)

José Lucio GLOMB - Ordem dos Advogados do Brasil-PR

Marcelo PAIVA de SOUZA - Universidade Federal do Paraná (UFPR)

Marcin KULA - Universidade de Varsóvia (UW)

Maria Teresa TORIBIO BRITTES LEMOS - Universidade Estadual
do Rio de Janeiro (UERJ)

Regina PRZYBYCIEN - Universidade Federal do Paraná (UFPR)

Tadeusz PALECZNY - Universidade Jagiellônica de Cracóvia (UJ)

Thaís Janaina WENCZENOVICZ - Universidade Estadual do RS (UERS)

Tito ZEGLIN – Vereador da Câmara Municipal de Curitiba

Tomasz LYCHOWSKI - Instituto Brasileiro de Cultura Polonesa – Rio de Janeiro

Waldemiro GREMSKI - Pontificia Universidade Católica - PR

Walter Carlos COSTA - Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

Wojciech NECEL SChr - Universidade de Card. S. Wyszyński de Varsóvia (UKSW)

**A revista conta com o apoio financeiro destinado
às comunidades polônicas no exterior pelo
Ministério das Relações Exteriores da Polônia**



Czasopismo jest współfinansowane w ramach funduszy polonijnych Ministerstwa Spraw Zagranicznych RP

**Fundo editorial / Fundusz wydawniczy:
Pe. Jan SOBIERAJ, SChr – Curitiba-PR
Pe. Kazimierz PRZEGENDZA, SChr – Curitiba-PR**

Ficha Catalográfica:

Polonicus : revista de reflexão Brasil-Polônia / Missão Católica Polonesa no Brasil -
- Ano 7, n. 13 (jul/dez.2016) – Curitiba :
v.; 23cm.

Semestral.

ISSN 2177 - 4730

1. Poloneses – Brasil – Periódicos.

SUMÁRIO

EDITORIAL

Wstęp

POLÔNIA

Polska

SAUDAÇÃO DO PRESIDENTE DA POLÔNIA ANDRZEJ DUDA EM GNIEZNO	20
<i>Przemówienie Prezydenta Polski Andrzeja Dudy w Gnieźnie</i>	

MENSAGEM DO PRESIDENTE DA POLÔNIA DIANTE DA ASSEMBLEIA NACIONAL POR OCASIÃO DO JUBILEU DOS 1050 ANOS DO BATISMO DA POLÔNIA	22
<i>Przesłanie Prezydenta Polski wypowiedziane wobec Zgromadzenia Narodowego z okazji Jubileuszu 1050 lat Chrztu Polski</i>	

Mariano KAWKA

HENRYK SIENKIEWICZ:

A LITERATURA EM DEFESA DA NAÇÃO	32
<i>Henryk Sienkiewicz: Literatura w obronie narodu</i>	

I SIMPÓSIO POLÔNICO DA UV: A COMUNIDADE POLONESA NO EXTERIOR: BRASIL. PALAVRAS DE ABERTURA DO EMBAIXADOR DO BRASIL NA POLÔNIA, ALFREDO LEONI VARSÓVIA, 25 DE OUTUBRO DE 2016	37
<i>I Sympozjum polonijne na Uniwersytecie Warszawskim: Wspólnota polonijna: Brazylia. Przemówienie Alfredo Leoni - amabadora Brazylji w Polsce. Warszawa, 25 października 2016</i>	

ARTIGOS

Artykuły

MENSAGEM DO PAPA FRANCISCO PARA O DIA MUNDIAL DO MIGRANTE E DO REFUGIADO 2017	41
<i>Przesłanie papieża Franciszka z okazji Światowego Dnia Migranta i Uchodźcy 2017</i>	

Jerzy MAZUREK
DE MARNE 1914 A MARNE 1918
As grandes batalhas da I Guerra Mundial47
Od Marne 1914 do Marne 1918

Aurea Alice LEMINSKI
Paulo Leminski - UM POLACO DO AVESSO DO INVERSO63
Paulo Leminski – od Polaka odwrotnego do przeciwnego

Jucelino de SALES
**O POLONÊS ANTÔNIO REBENDOLENG SZERVINSK,
A REFUNDAÇÃO DA NAÇÃO POLONESA
E A REINVIDICAÇÃO SIMBÓLICA DE UM TERRITÓRIO
NA FAZENDA “POLÔNIA” NO SERTÃO DE GOIÁS,
INTERIOR DO BRASI**71
*Polak Antoni Rebendoleng Szervinsk, odrodzenie narodu polskiego i symboliczne
roszczenie terytorium w Fazenda Polônia na pustkowiu
Goiás, na prowincji Brazylii*

Schirlei Mari FREDER, Rhuan Targino Zaleski TRINDADE
**ORGANIZAÇÕES POLONO-BRASILEIRAS: ORIGENS,
CONSTITUIÇÃO JURÍDICA E PLANOS DE SUCESSÃO**95
Organizacje polsko-brazylijskie: początki, struktura prawna i plany sukcesji

Thaís Janaina WENCZENOVICZ
**IDENTIDADE(S) E MEMÓRIA:
ESPAÇOS DE PRESERVAÇÃO E RESSIGNIFICAÇÃO**117
Tożsamość (ści) i pamięć: Przestrzeń uchronienia i przewartościowania

Marlena KACZMAREK
**SEMELHANÇAS ESTRUTURAIS E DIFERENÇAS
NA MÍDIA POLÔNICO-BRASILEIRO À LUZ DA ANÁLISE
DO SEU CONTEÚDO**131
*Strukturalne podobieństwa i różnice w mediach polonijnych
w Brazylii w świetle analizy treści*

Murielle Silveira BOEIRA BENTHIEN
**IMIGRAÇÃO POLONESA
EM SANTA CATARINA: PROBLEMÁTICA PARA REFLETIR**167
Imigracja polska w Santa Catarina: problematyka pod zastanowienie

RESENHAS

Przegląd literacki

Mariano KAWKA

SZÉLIGA, Márcia (org.) *Lendas Polonesas / Legendy Polskie.*

***Casa da Cultura Polônia-Brasil, Curitiba, 2016* 177**

CRÔNICAS

Wydarzenia

FESTIVAL DE CINEMA POLONÊS NO BRASIL 179

Festival filmu polskiego w Brazylii

Anderson SPEGIORIN, SChr

**120 ANOS: BREVE HISTÓRICO DA PARÓQUIA NOSSA SENHORA DO
ROSÁRIO – RIO CLARO DO SUL – PR** 181

120 lat: historyczny szkic parafii Matki Bożej Różańcowej

– Rio Claro do Sul-PR

RECITAIS EM HOMENAGEM

AOS 1050 ANOS DO BATISMO DA POLÔNIA 186

Recitale dla uczczenia 1050 lat chrztu Polski

Zdzisław MALCZEWSKI, SChr

**VIGÍLIA EM MONTE CLARO NA INTENÇÃO
DOS EMIGRADOS POLONESES**

E DOS SEUS DESCENDENTES 187

Czuwanie na Jasnej Górze w intencji polskich emigrantów i ich potomków

EDITORIAL

Apresentamos aos nossos leitores mais um número do nosso periódico. Convido para um contato inicial com o conteúdo dos textos que escolhemos para esta edição de Polonicus.

Na primeira seção, intitulada “Polônia” , publicamos quatro textos muito importantes em razão de relevantes comemorações polonesas ocorridas neste ano.

Desnecessário se torna lembrar que no corrente ano a Nação Polonesa rememora o batismo do duque Mieszko I e os primórdios do Estado polonês nas margens do Vístula. As solenidades centrais realizaram-se nos dias 14 a 16 de abril deste ano em Gniezno e em Poznań. Durante as solenidades eclesásticas na catedral de S. Adalberto em Gniezno o presidente da Polônia, Andrzej Duda, pronunciou um profundo e caloroso discurso. Pela primeira vez na história da Polônia, realizou-se em Poznań a Assembleia Nacional. O Senhor Presidente também enviou uma mensagem à Nação. Justamente em razão da mensagem universal desses discursos do chefe de Estado polonês, nós os publicamos na nossa revista. Neste ponto, em meu próprio nome e em nome dos leitores, expressei o cordial agradecimento à Chancelaria do Presidente da República da Polônia por ter expressado a autorização para que pudéssemos publicar nas páginas da nossa revista essas importantes alocações do Senhor Presidente.

A segunda solenidade importante comemorada na Polônia é o Ano de Henryk Sienkiewicz. Por iniciativa do Senado da República da Polónia, o ano de 2016 é dedicado a esse notável escritor polonês. A decisão da câmara superior do parlamento da Polónia foi tomada para relembrar o centésimo aniversário da morte do grande escritor, líder social e patriota. Para a decisão do Senado nessa questão teve também influência a excepcional atividade de instituições científicas, educacionais, culturais e artísticas que para o ano 2016 programaram uma série de interessantes eventos visando à divulgação da obra e da atividade do nosso primeiro galardoado com o Prêmio Nobel. Essas iniciativas comprovam continuamente quão excepcional personalidade

foi Henryk Sienkiewicz e quanto lhe deve a cultura polonesa. O fiel e há vários anos atestado colaborador do periódico, Mariano Kawka, dedica à figura de Henryk Sienkiewicz – escritor e patriota – um artigo de sua autoria. O autor busca apresentar a obra literária desse polonês como um instrumento especial de defesa da Nação, que se encontrava sob a força opressora e destruidora das três potências da época: Rússia, Prússia e Áustria.

Igualmente nessa seção, decidimos publicar o texto do discurso que no dia 25 de outubro de 2016 pronunciou Sua Excelência Alfredo Leoni – embaixador da República Federativa do Brasil durante o I Simpósio Polônico na Universidade de Varsóvia. Após um prolongado intervalo, o Centro de Estudos Latino-Americanos (CESLA) dessa meritória universidade polonesa, que está festejando os 200 anos da sua fundação, retornou à louvável prática de promover encontros científicos a respeito da coletividade polônica no Brasil.

A segunda seção, “Artigos”, inicia-se com a mensagem do papa Francisco dirigida não apenas aos membros da Igreja católica, mas a todas as pessoas de boa vontade por ocasião do Dia Mundial do Migrante e do Refugiado, a ser celebrado no próximo ano.

Jerzy Mazurek, que há anos pesquisa a história do grupo étnico polonês no Brasil, convida-nos à leitura do seu artigo, no qual nos apresenta uma das guerras mais sangrentas, a saber, aquela que foi denominada a Primeira Guerra Mundial e que se travou nos anos 1914-1918. Esse foi o maior conflito armado na Europa desde o tempo das guerras napoleônicas. Essa guerra culminou com a derrota dos Estados centrais, com o fim das potências da Santa Aliança e com o surgimento, na Europa Central e Meridional, de vários Estados nacionais. Entre eles, após 123 anos de privação da liberdade, renasceu a Polônia como um Estado independente e soberano. A Primeira Guerra Mundial custou a existência de mais de 14 milhões de seres humanos.

Áurea Alice Leminski, filha de um renomado poeta curitibano, apresenta-nos a figura de seu pai e o seu significado para a literatura, não apenas brasileira, paranaense, mas também polônica. Em sua poesia, Paulo Leminski refletiu igualmente as suas raízes polonesas. Com certeza, o artigo publicado servirá de ocasião para um melhor conhecimento da rica personalidade e do

inquestionável engenho de Paulo Leminski.

Entre os muitos militares que aportaram ao Brasil antes ainda da febre emigratória polonesa, estava o general Antoni Dołęga-Czerwiński. Pelos seus méritos, ele ganhou do imperador Dom Pedro II uma grande extensão de terras no estado de Goiás, que até os tempos de hoje levam o nome de “Fazenda Polônia”. Jucelino de Sales, um dos numerosos descendentes do famoso general, adotou um método interessante de apresentar a pessoa do general polonês. Vale a pena não apenas conhecer a impressionante história do nosso herói, mas também a forma de apresentar a sua personalidade em confronto com a mitologia grega. É dessa forma que Jucelino de Sales procura apresentar-nos o seu antepassado.

O artigo seguinte é fruto da cooperação científica de dois autores: Schirlei Mari Freder e Rhuan Targino Zaleski Trindade. A pesquisa dos autores tem como tema as organizações polono-brasileiras, o seu surgimento no contexto histórico, bem como a sua adaptação às exigências do direito civil brasileiro vigente. Os fundadores dessas organizações foram os imigrantes poloneses. Muitas delas surgiram graças à iniciativa do Dr. Stanisław Kłobukowski, que visitou os núcleos imigratórios poloneses no início do seu estabelecimento no Brasil. A primeira organização polonesa, que surgiu na América Latina no dia 15 de junho de 1890, foi a Sociedade Tadeusz Kościuszko em Curitiba, e ela existe até o dia de hoje. Vale a pena assinalar que essas organizações são mantidas pelos descendentes dos imigrantes poloneses.

Thaís Janaina Wenczenowicz é a autora seguinte, que nos sensibiliza à necessidade de preservar a memória da história da imigração polonesa no Brasil. Essa memória nos ajudará a preservar a nossa identidade e não permitirá que ela seja esquecida. A presença da memória histórica sobre o grupo étnico polonês, que é parte do mosaico social brasileiro, é uma missão que cabe aos pesquisadores e historiadores. A autora menciona os nomes das instituições no estado do Rio Grande do Sul onde pode ser encontrada documentação relacionada com os colonos poloneses. Segundo a autora, entre os 497 municípios daquele estado há 28 deles onde se podem encontrar fontes que documentam a vinda dos colonos poloneses. Não se pode menosprezar o tu-

rismo regional, que ultimamente se desenvolve e apresenta a riqueza cultural das coletividades locais, mas também contribui para o fortalecimento econômico, tanto dos municípios como dos descendentes dos imigrantes poloneses.

Marlena Kaczmarek, no texto por ela apresentado, promove uma análise detalhada das mídias polônicas no Brasil. A coletividade polônica é diferente em cada país, razão por que também são diferentes as mídias que apresentam a vida dessa coletividade. A autora concentrou a sua atenção investigativa em duas publicações, *Echo Polonii Brazylijskiej* (Eco da Comunidade Polônica Brasileira) e *Polonia Carioca*, que são acessíveis na internet. Foram submetidos à análise da autora 38 números de *Echo Polonii Brazylijskiej* e 5 edições (2014-2015) de *Polonia Carioca*, com detalhadas comparações da temática abordada nesses dois periódicos.

Murielle Silveira Boeira Benthien é a autora que publica as suas pesquisas a respeito da imigração polonesa no estado de Santa Catarina. Segundo ela, ainda são poucas as publicações sobre a imigração polonesa naquele estado. A colonização polonesa em Santa Catarina ocorreu no final do século XIX e no início do século XX. Em geral os poloneses se estabeleciam juntamente com colonos alemães. A autora se empenha para descobrir no mapa desse estado as localidades onde se estabeleceram os poloneses. Fornece também o ano da chegada dos nossos imigrantes a essas regiões. A autora afirma que são ainda muito poucas as publicações a respeito das minorias étnicas em Santa Catarina. Igualmente, segundo ela, há ainda poucas informações a respeito dos contatos dos colonos europeus com a população indígena, negra ou com os mestiços. A autora assinala igualmente a falta de trabalhos mais significativos a respeito da atividade da Igreja e das escolas polonesas em Santa Catarina. No entanto, a respeito das organizações ou dos grupos de folclore polônês são relativamente numerosas as informações, o que com certeza testemunha bem a vitalidade da comunidade polônica no estado. Como observa a autora, a temática da imigração polonesa em Santa Catarina é fascinante, mas exige ainda muita atenção para se tornar objeto de novas pesquisas.

A seção seguinte do nosso periódico é “Resenhas”. Publicamos nela a resenha de um livro publicado por uma instituição nova mas muito ativa e farta de iniciativas, que é a Casa da Cultura Polônia-Brasil em Curitiba. O

livro *Lendas polonesas / Legendy polskie*, publicado em polonês e português, tem como organizadora Márcia Széliga. A resenha foi escrita por Mariano Kawka, que percebe na publicação do livro em análise certa coincidência. Em outubro comemoraram-se os 145 anos da vinda a Curitiba do primeiro grupo de colonos poloneses. Atualmente os descendentes dos imigrantes poloneses exercem na sociedade de Curitiba do Paraná diversas profissões e ocupam muitos cargos influentes. A presença polonesa e a sua contribuição para o desenvolvimento são bem percebidas entre os brasileiros.

Na última seção da revista, “Crônicas”, publicamos quatro textos, descrevendo o que, na nossa opinião, parece ser o mais importante do período transcorrido. 1. O Festival do Cinema Polonês. Essa já foi a sua sexta edição, durante a qual foram apresentados ao público brasileiro 6 filmes documentários de curta metragem e 6 filmes de longa metragem. Os filmes foram apresentados em Brasília, Belo Horizonte, Fortaleza, Curitiba, Porto Alegre e São Paulo. 2. A paróquia de Nossa Senhora do Rosário, em Rio Claro do Sul comemora neste ano os 120 anos da sua fundação. Ela se situa na região meridional do estado do Paraná. Desde o início da colonização polonesa naquela região, em razão da sua elevada torre, a primeira igreja construída pelos nossos colonos era chamada “Częstochowa Paranaense”, nome que se preservou até os tempos atuais. 3. Em razão dos 1050 anos do batismo da Polônia, o Prof. Henryk Siewierski, da Universidade de Brasília (UnB), realizou uma viagem artística pelo estado do Rio Grande do Sul, durante a qual, através de um recital artístico-musical, apresentou aos brasileiros e aos polônicos a história da Polônia, com uma mescla de elementos religiosos, patrióticos e poéticos. O Prof. Siewierski apresentou-se em Porto Alegre, São Luís Gonzaga, Guarani das Missões e Ijuí. 4. Todos os anos, no final de outubro, a congregação religiosa Sociedade de Cristo, que exerce o ministério religioso e cultural entre os emigrados poloneses, organiza no santuário da Senhora de Monte Claro, em Częstochowa, uma vigília noturna na intenção dos compatriotas que vivem fora das fronteiras da Polônia. Tradicionalmente, todos os dias, na capela da milagrosa imagem da Madona Negra, realiza-se uma oração especial chamada “Apelo de Monte Claro”. Por ocasião da vigília deste ano pelos emigrantes poloneses e seus descendentes, o “Apelo de Monte Claro” foi dirigido pelo

Pe. Zdzislaw Malczewski SChr – reitor da Missão Católica Polonesa no Brasil. Do encontro de oração deste ano, participaram mais 2 mil peregrinos vindos da Polônia, bem como de outros países onde se estabeleceram os emigrados poloneses.

Entregamos para a leitura de vocês, estimados leitores, mais um número de Polonicus. Alimentamos a plena esperança de que os textos nele publicados lhes apresentarão uma visão diversificada da nossa presença polonesa e polônica no Brasil.

Faço votos, portanto, de uma rica e enriquecedora leitura e convido ao mesmo tempo ao apoio na redação deste periódico singular no mundo polônico.

Zdzislaw Malczewski SChr – redator

WSTĘP

Oddajemy do Twoich rąk Drogi Czytelniku kolejny numer naszego periodyku! Zapraszam do zapoznania się z treścią tekstów, jakie wybraliśmy do tej edycji „Polonicusa”.

W pierwszym dziale zatytułowanym „Polska” zamieściliśmy cztery bardzo ważne teksty ze względu na ważne tegoroczne polskie obchody. Nie trzeba przypominać, że w obecnym roku Naród Polski wspomina chrzest księcia Mieszka I oraz początek Państwa Polskiego nad Wisłą. Główne uroczystości odbywały się w dniach od 14 do 16 kwietnia br. w Gnieźnie i Poznaniu. Prezydent Polski dr Andrzej Duda podczas uroczystości kościelnych w katedrze św. Wojciecha w Gnieźnie wygłosił głębokie i z serca płynące przemówienie. W Poznaniu miało miejsce, po raz pierwszy w historii Polski poza stolicą kraju, Zgromadzenie Narodowe. Pan prezydent również wygłosił orędzie do Narodu. Właśnie ze względu na uniwersalne przesłanie tych przemówień głowy Państwa Polskiego zamieszczamy je w naszym czasopiśmie. W tym miejscu, w imieniu własnym oraz naszych Czytelników, wyrażam serdeczne podziękowanie do Kancelarii Prezydenta Rzeczypospolitej Polskiej za wyrażenie zgody, abyśmy mogli zamieścić na łamach naszego pisma te ważne przemówienia Pana Prezydenta.

Drugą ważną uroczystością obchodzoną w Polsce jest Rok Henryka Sienkiewicza. Z inicjatywy Senatu Rzeczypospolitej Polskiej rok 2016 dedykowany jest najbardziej znanemu pisarzowi Henrykowi Sienkiewiczowi. Decyzja wyższej izby parlamentu Polski została podjęta dla upamiętnienia 100. rocznicy śmierci wielkiego pisarza, działacza społecznego i patrioty. Na decyzję Senatu w tej sprawie miała również wpływ ogromna aktywność środowisk naukowych, edukacyjnych, kulturalnych i artystycznych, które na rok 2016 zaplanowały wiele ciekawych wydarzeń popularyzujących twórczość i działalność pierwszego polskiego noblisty. Te działania ciągle udowadniają, jak wyjątkową postacią był Henryk Sienkiewicz i jak wiele zawdzięcza mu polska kultura. Wierny, wypróbowany od wielu już współpracownik periodyku Mariano Kawka poświęca postaci Henryka Sienkiewicza - pisarza, patrioty swój artykuł. Autor stara się ukazać pisarstwo tego Polaka jako szczególny środek w obronie Narodu będącego pod zaborczą i niszczącą siłą trzech

ówczesnych potęg: Rosji, Prus i Austrii.

W tym też dziele zdecydowaliśmy zamieścić tekst przemówienia, jakie Jego Ekscelencja Alfredo Leoni – ambasador Republiki Federacyjnej Brazylii wygłosił 25 października 2016 r. podczas I Sympozjum Polonijnego na Uniwersytecie Warszawskim. Po długiej przerwie Centrum Studiów Latinoamerykańskich (CESLA) - tej zasłużonej polskiej uczelni świętującej swoje 200. lecie założenia – powróciło do chwalebnej praktyki kontynuowania spotkań naukowych na temat społeczności polonijnej w Brazylii.

Drugi dział „Artykuły” otwiera przesłanie papieża Franciszka skierowane, nie tylko do członków Kościoła katolickiego, ale do ludzi dobrej woli z okazji przyszłorocznego Światowego Dnia Migranta i Uchodźcy.

Jerzy Mazurek, od lat badający dzieje polskiej grupy etnicznej w Brazylii, zaprasza nas do lektury artykułu, w którym przybliży nam jedną z najbardziej krwawych wojen, a mianowicie tę którą nazwano pierwszą wojną światową, a rozgrywającą się w latach 1914-1918. Był to największy konflikt zbrojny w Europie od czasu wojen napoleońskich. Wojna ta zakończyła się klęską państw centralnych, likwidacją mocarstw Świętego Przymierza i powstaniem Europy Środkowej oraz Południowej licznych państw narodowych. Wśród nich po 123 latach niewoli odrodziła się Polska, jako państwo niepodległe i suwerenne. Pierwsza wojna światowa pochłonęła ponad 14 milionów istnień ludzkich.

Aurea Alice Leminska, córka słynnego kurytybskiego poety przybliży nam postać swojego ojca oraz jego znaczenie dla literatury nie tylko brazylijskiej, parańskiej, ale także polonijnej. Paulo Leminski w swojej poezji odzwierciedlał również swoje polskie korzenie. Z pewnością zamieszczony artykuł będzie okazją do lepszego poznania bogatej osobowości oraz niekwestionowanej twórczości Paula Leminskiego.

Wśród wielu wojskowych, którzy dotarli do Brazylii jeszcze przed polską gorączką emigracyjną do tego kraju by generał Antoni Dołęga-Czerwiński. Za swoje zasługi otrzymał od imperatora Piotra II wielkie obszary ziemi w Goiás, które do naszych czasów noszą nazwę „Fazenda Polonia”. Jucelino de Sales – jeden z licznych potomków słynnego generała podjął się interesującej metody ukazania postaci polskiego generała. Warto nie tylko poznać frapujące dzieje naszego bohatera, jak też sposób przedstawienia jego

postaci na tle mitologii greckiej. W ten sposób Jucelino de Sales stara się nam przybliżyć swojego protoplasta.

Kolejny artykuł jest owocem współpracy naukowej dwóch autorów: Schirlei Mari Freder i Rhuan Targino Zaleski Trindade. Tematem ich badań są organizacje polsko-brazylijskie, ich powstanie w kontekście historycznym, jak też kwestia ich dostosowywanie się do wymogów obowiązującego brazylijskiego prawa cywilnego. Założycielami tych organizacji byli polscy emigranci. Wiele z nich powstało dzięki inicjatywie dr Stanisława Kłobukowskiego, odwiedzającego polskie środowiska emigracyjne w początkach ich osiedlenia się w Brazylii. Pierwszą polską organizacją, jaka powstała na terenie Ameryki Łacińskiej 15 czerwca 1890 r. jest Towarzystwo Tadeusza Kościuszki w Kurytybie, istniejące po dziś dzień. Warto zaznaczyć, że organizacje te utrzymywane są przez potomków polskich emigrantów.

Thaís Janaina Wenczenovicz to kolejna autorka, która uwrażliwia nas na potrzebę zachowania pamięci o naszej polskiej historii emigracyjnej w Brazylii. Pamięć ta pomoże nam zachować naszą tożsamość i uchroni od zapomnienia! Zachowanie pamięci historycznej o polskiej grupie etnicznej, będącej częścią brazylijskiej mozaiki społecznej, jest misją badaczy i historyków. Autorka wymienia nazwy instytucji w municypiach stanu Rio Grande do Sul, gdzie można spotkać dokumentację odnośnie polskich osadników. Według autorki wśród 497 municypiów w tym stanie federacji brazylijskiej jest 28 municypiów, gdzie można spotkać źródła dokumentujące przybycie polskich osadników. Nie można marginalizować rozwijającej się ostatnio turystyki regionalnej, która nie tylko przybliży bogactwo kulturowe społeczności lokalnych, ale także przyczynia się do ekonomicznego wspierania tak municypiów, jak też potomków polskich emigrantów.

Marlena Kaczmarek w prezentowanym tekście podjęła się dokładnej analizy mediów polonijnych w Brazylii. Społeczność polonijna w każdym kraju jest inna. Stąd też media ukazują rzeczywistość tej społeczności. Autorka skoncentrowała swoją uwagę badawczą na dwóch publikacjach „Echu Polonii Brazylijskiej” i „Polonia Carioca”, które są dostępne w internecie. Autorka poddała analizie 38 numerów „Echa Polonii Brazylijskiej” i 5 wydań (2014-2015) „Polonia Carioca” dokonując dokładnych porównań tematyki poruszanej w tych periodykach.

Murielle Silveira Boeira Benthien to autorka publikująca swoje dociekania na temat polskiej emigracji w stanie Santa Catarina. Według niej mało jest jeszcze publikacji o polskiej emigracji w tym stanie. Polskie osadnictwo w Santa Catarina przypada na przełom XIX i XX wieku. Polacy osiedlali się, na ogół, wraz z osadnikami niemieckimi. Autorka podjęła wysiłek odszukania na mapie tego stanu miejscowości, gdzie osiedlali się Polacy. Zamieszcza także rok przybycia naszych emigrantów do tych okolic. Autorka stwierdza, że na temat mniejszości etnicznych w Santa Catarina jest jeszcze zbyt mało opracowań. Również – według autorki – jest bardzo mało informacji odnośnie kontaktów osadników europejskich z ludnością indiańską, murzyńską czy metysami. Autorka zaznacza także brak większych opracowań na temat działalności Kościoła i szkół polskich w Santa Catarina. Natomiast aktualnie na temat organizacji, grup folkloru polskiego posiadamy względnie dużo informacji. To z pewnością dobrze świadczy o żywotności Polonii w tym stanie. Jak zauważa autorka, tematyka emigracji polskiej w Santa Catarina jest fascynująca, ale wymaga jeszcze wiele uwagi, aby stała się przedmiotem kolejnych badań.

Kolejny dział naszego periodyku to „Przegląd literacki”. Zamieszcza w nim recenzję książki wydanej przez młodą instytucję, ale bardzo energiczną i pełną inicjatyw, jaką jest Dom Kultury Polska-Brazylia w Kurytybie. Książka „Legendy Polskie”, wydana po polsku i portugalsku, została przygotowana pod redakcją Marcii Szeligi. Recenzję napisał Mariano Kawka. Autor recenzji postrzega w wydaniu omawianej książki pewien zbieg okoliczności. W październiku minęła 145 rocznica przybycia do Kurytyby pierwszej grupy polskich osadników. Aktualnie potomkowie polskich emigrantów realizują w społeczeństwie Kurytyby i Parany różnorodne zawody, zajmują wiele wpływowych stanowisk. Obecność polska i jej wkład w rozwój jest dobrze postrzegana w środowisku brazylijskim.

W ostatnim dziale czasopisma „Wydarzenia” zamieszczamy cztery teksty opisujące to, co według nas, wydaje się najważniejsze w minionym okresie, a mianowicie. 1. Festiwal filmu polskiego. Była to już szósta edycja podczas której zaprezentowano publiczności brazylijskiej 6 krótkometrażowych filmów dokumentalnych oraz 6 filmów długometrażowych. Filmy były wyświetlane w: Brasílii, Belo Horizonte, Fortaleze, Kurytybie, Porto Alegre i São Paulo. 2. Parafia pod wezwaniem Matki Bożej Różańcowej w Rio Cla-

ro do Sul obchodzi w obecnym roku 120 lat założenia. Jest ona położona w południowym regionie stanu Parany. Od początków polskiej kolonizacji w tamtym regionie, pierwszy kościół zbudowany przez naszych osadników, nazywany był ze względu na swoją wysoką wieżę „Częstochową Parańską”. Nazwa ta utrzymała się po czasy współczesne. 3. W nawiązaniu do 1050 lat chrztu Polski prof. Henryk Siewierski z Uniwersytetu w Brasílii (UnB) odbył podróż artystyczną po stanie Rio Grande do Sul, gdzie poprzez recital słowno-muzyczny przybliżył Brazylijczykom i Polonusom historię Polski, w której przeplatał się wątek religijno-patriotyczno-poetycki. Prof. Henryk Siewierski występował w Porto Alegre, São Luiz Gonzaga, Guarani das Missões, Ijuí. 4. Każdego roku pod koniec października zgromadzenie zakonne Towarzystwo Chrystusowe – pełniące posługę religijną i kulturalną wśród polskich emigrantów organizuje w sanktuarium Pani Jasnogórskiej w Częstochowie czuwanie nocne w intencji rodaków żyjących poza granicami Polski. Tradycyjnie, każdego dnia, w kaplicy przed cudownym obrazem Czarnej Madonny odbywa się specjalna modlitwa nazwana „Apelem Jasnogórskim”. W ramach tegorocznego czuwania za polskich emigrantów, ich potomków „Apel Jasnogórski” poprowadził ks. Zdzisław Malczewski SChr - rektor Polskiej Misji Katolickiej w Brazylii. W tegorocznym spotkaniu modlitewnym wzięło udział ponad 2 tysiące pielgrzymów przybyłych z Polski, a także z innych krajów, gdzie żyją polscy emigranci.

Oddajemy do Twoich Rąk Drogi Czytelniku kolejny numer „Polonicusa”. Jesteśmy pełni nadziei, że zamieszczone w nim teksty przybliżą Ci wielorakie spojrzenie na problematykę naszej polskiej i polonijnej obecności w Brazylii.

Życzę zatem ubogacającej i frapującej lektury i zapraszam zarazem do współpracy przy redagowaniu tego jedyne go w polonijnym świecie specyficznego periodyku:

Zdzisław Malczewski SChr – redaktor

SAUDAÇÃO DO PRESIDENTE DA POLÔNIA ANDRZEJ DUDA EM GNIEZNO, PROFERIDA DURANTE A MISSA EM AÇÃO DE GRAÇAS PELOS 1050 ANOS DO BATISMO DE MIESZKO I

*Eminentíssimo e Reverendíssimo Senhor Cardeal Legado,
Eccelentíssimo Senhor Arcebispo Primaz, Anfitrião desta Catedral,
Prezados Senhores Presidentes,
Prezada Senhora Premiê,
Eminentíssimos Senhores Cardeais,
Excelentíssimos Senhores Arcebispos e Bispos,
Todos os Venerandos Religiosos, Irmãs, Padres e Irmãos presentes,
Prezados Senhores e Senhoras, Caros Compatriotas!*

Este é um momento emocionante e muito sublime, quando nos encontramos aqui 1050 anos após os dias em que certamente numa celebração solene o então soberano destas terras, o duque Mieszko, aceitou o batismo. O cronista Gall escreveu mais tarde que a luz iluminou estas terras. A luz iluminou a Polônia. Porque esse batismo, o início da realidade da nossa história polonesa, tinha duas dimensões. Tinha uma dimensão espiritual, incomum, porque trouxe para cá uma nova religião. A religião na qual a maioria dos poloneses permanece até hoje. E porque proporcionou as bases para a construção de um Estado moderno. Certamente moderno para as condições daquela época, porque trouxe algo de absolutamente novo. Mas trouxe uma modernidade que possui um caráter permanente, que tem um caráter universal.

Esses dois elementos, o espiritual e o nacional, entrelaçaram-se e perduram. Perduram, embora tenha havido na história momentos em que o elemento do Estado desapareceu. Desapareceu em consequência da ira, desapareceu em consequência da guerra, desapareceu em consequência da agressão contra as terras polonesas, que atingia os poloneses. Mas justamente em razão do que trouxe o batismo para as almas, para as almas das pessoas que aqui residem,

| Polônia

as gerações jamais permitiram ser privadas do polonismo. Jamais permitiram ser privadas daquilo em razão do que era edificada a tradição, a cultura, a comunidade.

E a Polônia, mesmo quando desaparecia do mapa, voltava. Voltava pela força dos poloneses e voltava pela força do espírito que lhes dava a fé e o batismo, e que a Igreja lhes ajudava a preservar. E por isso sou imensamente grato a vossas eminências, a vossas excelências por podermos iniciar estas comemorações dos 1050 anos do batismo da minha pátria justamente a partir desse elemento espiritual. Iniciar a partir da oração, iniciar a partir da ação de graças a Deus pelos 1050 anos de proteção à nação polonesa. Do agradecimento aos santos que por esses 1050 anos a nossa nação produziu.

E para, inclinando a cabeça aqui em Gniezno, o berço da nossa nação e da nossa pátria, na terra pela qual outrora caminhou Mieszko, e depois seu filho, o primeiro rei da Polônia Boleslau o Bravo, prestar uma homenagem a todos aqueles que por todos esses séculos prestaram serviços à nossa pátria.

Prestar uma homenagem a todos aqueles que morriam com a exclamação “Viva a Polônia!” nos lábios. E agradecer a Deus pela proteção dispensada à nossa pátria. E pedir a S. Adalberto aqui, aos pés da sua conversão, onde se encontram as suas relíquias, pedir a S. Estanislau de Szczepanowo, bispo da minha cidade natal, pedir a S. André Bobola, meu padroeiro e padroeiro da nossa pátria, e pedir a S. Faustina, intercessora da misericórdia divina, a bênção e a intercessão junto a Deus pela nossa pátria, pela nossa nação e por tudo aquilo que nos é importante.

Para permanecermos na tradição dos antepassados, na fé, em tudo aquilo que fez e continua fazendo com que sejamos fortes. Que Deus abençoe a minha pátria, que Deus abençoe os poloneses, que Deus abençoe a Igreja.

MENSAGEM DO PRESIDENTE DA POLÔNIA DIANTE DA ASSEMBLEIA NACIONAL POR OCASIÃO DO JUBILEU DOS 1050 ANOS DO BATISMO DA POLÔNIA

Prezado Senhor Presidente do Parlamento, Prezado Senhor Presidente do Senado, Prezada Senhora Premiê, Eminentíssimo Senhor Cardeal Legado, Eminentíssimo Senhor Primaz, Prezados Senhores e Senhoras Primeiros-Ministros, Senhoras e Senhores Ministros, Prezadas Deputadas e Prezados Deputados, Senhoras e Senhores Senadores, Prezados Representantes dos Parlamntos Europeus, Excelentíssimo Senhor Arcebispo Nuncio, Excelentíssimos Senhores Arcebispos e Bispos, Honrados Sacerdotes, Prezados Representantes das Igrejas e Comunidades Religiosas, Excelentíssimos Senhoras e Senhores Embaixadores, Prezados Representantes das Administrações Locais – Caros Anfitriões e Convidados deste encontro, Prezadas Senhoras e Prezados Senhores!

O batismo do duque Mieszko I é o mais importante acontecimento em toda a história do Estado e da nação polonesa. Não foi, mas é – porque a decisão do nosso primeiro soberano histórico decidiu todo o futuro posterior do nosso país. A herança cristã, até o dia de hoje, molda os destinos da Polônia e de cada um de nós, poloneses. Era justamente isso que tinha em mente o Santo Padre João Paulo II quando dizia que “sem Cristo, não se pode compreender a história da Polônia”.

De acordo com a tradição, o batismo do soberano dos polanos realizou-se provavelmente no Sábado Santo, 14 de abril de 966. E foi também então que nasceu a Polônia. Nasceu das águas batismais para uma nova vida, para uma vida cristã. Nasceu para o mundo, deixando a época pré-histórica e ingressando na arena da história da Europa. Nasceu para si mesma como uma comunidade nacional e política, porquanto a aceitação do batismo no rito latino definiu a nossa identidade polonesa. A partir de então, começamos a pensar e a falar a respeito de nós mesmos: “Nós, os poloneses”.

| Polônia

Dissemos então “sim” à liberdade e à autodeterminação. Mostramos que estávamos prontos para edificar a nação e o nosso próprio Estado, que se preocupasse com o seu bem-estar. Para criá-lo, defendê-lo e por ele morrer. Não havia o aval de que isso daria certo, de que surgiria uma comunidade. Mas deu certo. Conseguimos edificá-la sobre o fundamento da fé, que a partir de então inseriu-se definitivamente em nossa identidade, tornando-se, no processo da história, muitas vezes o mais importante e o último escudo da liberdade e da solidariedade. Aceitando o batismo, os nossos antepassados definiram a essência em volta da qual se moldou a maravilhosa nação polonesa. E, quando a situação era extremamente ruim, quando os nossos inimigos tentavam destruir a Igreja para solapar os fundamentos da nossa identidade, a nação, opondo-se a isso, abarrotava os santuários, buscando ali a comunidade. Comprovando a sabedoria supratemporal da decisão dos antepassados.

O ano de 966 é, portanto, a marca mais importante na nossa história. E as presentes solenidades são a comemoração dos 1050 anos do “nascimento” da nossa nação e da nossa Pátria. Considero uma honra e muito me alegro por podermos hoje aqui em Poznań, sede do primeiro bispado em terras polonesas, todos juntos – reunindo as mais altas autoridades da República, do episcopado e do clero da Igreja católica e de outras comunidades cristãs e religiosas, juntamente com representantes de muitos Estados amigos da Europa e do mundo – inaugurar as comemorações desse venerável jubileu. A todos os eminentes e prezados hóspedes cordialmente agradeço por terem vindo.

Essa grande festa do polonismo, que é a fonte do nosso orgulho e da nossa alegria, será por nós continuada pelos meses seguintes em todo o país. E a sua culminância será a primeira visita à Polônia do papa Francisco e a Jornada Mundial da Juventude. Confio que graças aos enormes esforços dos organizadores, graças ao envolvimento de milhares de voluntários, esse será para nós o tempo de maravilhosas vivências espirituais e de alegria

Polônia

proporcionada pela edificação de uma grande comunidade.

Ao iniciarmos estas comemorações jubilares, encaminhamos os nossos pensamentos às solenidades anteriores – ao milênio do batismo da Polônia em 1966, que foram uma extraordinária experiência para toda a nossa comunidade e o único fenômeno desse tipo em toda a Europa Central e Oriental daquele tempo.

Nós, poloneses, havia 27 anos nos encontrávamos então sob um poder imposto: primeiramente dos ocupantes alemães e – depois da guerra – dos comunistas. Tanto estes como aqueles buscavam o enfraquecimento e a ruptura da nossa nação com a Igreja. Sabiam que dessa forma estavam atingindo as próprias bases da nossa comunidade; que uma nação desprovida de um apoio espiritual facilmente poderia ser transformada numa massa escravizada. Os nazistas utilizavam com esse objetivo o sangrento terror. Os comunistas, que assumiram o governo após a guerra, empenhavam-se por fazer com que os poloneses se afastassem do cristianismo. Propagavam uma ideologia ateísta, chicaneavam e algumas vezes chegavam a matar sacerdotes e fiéis. Não hesitaram sequer em aprisionar o Primaz da Polônia.

E foi justamente naquele período que o cardeal Estêvão Wyszyński teve a ideia de defender a identidade polonesa e cristã da nossa nação diante da doutrinação e das repressões. De defendê-la através de um grande retiro nacional. Esse retiro foi inaugurado com o Juramento da Nação Polonesa de 1956 em Monte Claro, que aludia diretamente ao juramento de Lvov do rei Casimiro, feito 300 anos antes. A seguir se iniciou uma novena de nove anos, que prepararia os poloneses para as comemorações milenares.

Há 50 anos, em abril de 1966, iniciaram-se as comemorações do milênio do batismo da Polônia. No dia 3 de maio, na planície de Monte Claro, participaram delas 250 mil fiéis. As solenidades se estenderam pelo ano todo, congregando inúmeras multidões de poloneses. O jubileu foi também celebrado por mais de 50 mil compatriotas emigrados: em Londres e em Chicago, em Roma e em Paris, e até na Austrália e na Nova Zelândia.

| Polônia

Sem medo de errar se pode dizer que graças à iniciativa do Primaz da Polônia toda a nação polonesa fortaleceu os laços que a uniam com a herança cristã. E isso aconteceu apesar dos obstáculos da parte das autoridades comunistas, que “detinham” a cópia do ícone de Monte Claro que peregrinava pelo país, provocavam atritos dos fiéis com a polícia, dificultavam a vinda às solenidades milenares e perturbavam o seu transcurso e finalmente organizaram as comemorações concorrentes do milênio do Estado polonês, para a participação nas quais eram forçadas fábricas e instituições inteiras.

As comemorações milenares de 1966 e o papel especial que nelas desempenhou o Primaz do Milênio Estêvão Wyszyński manifestaram o significado supratemporal do batismo de Mieszko e a força unificadora do cristianismo para a nossa comunidade. A nação rejeitou o falso lema “Polônia Popular – o coroamento do milênio do nosso Estado”. Os poloneses não foram convencidos igualmente pela ação – propagandística no propósito das autoridades – da construção de mil escolas para o milênio, apesar de ela ter trazido importantes e bons resultados para o desenvolvimento da educação e a melhoria das condições do sistema escolar. Os poloneses escolheram a fidelidade à Igreja, o autêntico amor à Pátria e a esperança de recuperar a liberdade. Fortaleceu-se a autoridade dos bispos e dos sacerdotes. A obra do primaz Wyszyński abriu o caminho para o pontificado do Santo Padre João Paulo II e para a revolução pacífica do “Solidariedade”.

Prezadas Senhoras e Senhores!

O milênio deu a nós, poloneses, o sentimento da soberania na sua dimensão mais fundamental – como a pessoas e cidadãos livres. As numerosas manifestações dos paroquianos em defesa dos seus padres e das suas igrejas durante todo o período da Polônia Popular, o pleno engajamento dos fiéis na construção ilegal de santuários, apesar da oposição das autoridades, a espontânea auto-organização e a participação maciça nas solenidades dos anos 1956-1966 –, tudo isso comprovou que dormita em nós uma força enorme, cuja fonte é justamente a identidade comum – nacional e cristã. Uma força que por

Polônia

diversas vezes nos últimos séculos se manifestou na nossa história; que nos ajudou a superar as piores experiências: a perda das liberdades cívicas e do Estado independente, as tentativas de desnacionalização e descristianização. Uma força graças à qual, no confronto com os inimigos, os conquistadores e os ocupantes, fomos capazes de alcançar a vitória e de sair dessas experiências ainda mais fortes e mais unidos.

Desse inquebrantável espírito nacional fomos, somos e seremos sempre orgulhosos. Dessa grande riqueza podemos e queremos continuar a desfrutar. Trata-se também, para nós, de uma lição para o futuro: de que nós, poloneses, somos capazes de realizar coisas grandes e importantes desde que queiramos agir juntos e de acordo com os valores que nos unem. Valores cuja fonte é o indissociável vínculo do polonismo com as suas raízes cristãs.

Há mil e cinquenta anos a Polônia se juntou à comunidade cristã europeia daquele tempo. Voluntariamente. Com a consciência das vantagens que esse ato acarretaria. Inclusive de vantagens políticas. Graças à previdente decisão do príncipe Mieszko, a cristianização deu à Polônia um poderoso impulso desenvolvimentista. O Estado conquistou bases mais firmes de segurança e soberania. Com o passar dos anos, tornava-se cada vez mais moderno, habilmente governado, interiormente coeso.

Os anunciadores da Boa Nova abriram diante dos poloneses o enorme tesouro das riquezas espirituais, difundiram na nossa cultura cristã a visão do homem. Desde o ocaso do século X, o Decálogo e o Evangelho penetravam cada vez mais firmemente em milhões de corações nas margens do Warta e do Vístula, do Odra e do Bug, do Niemen e do Dniepr. Estimulavam à edificação de um mundo melhor, mais humano, Por isso, o ingresso no âmbito da civilização cristã – na sua variante latina – foi para nós um momento crucial.

Três colunas dessa civilização tornaram-se também as colunas da identidade e da cultura polonesa.

| Polônia

A primeira delas foi e continua sendo a filosofia grega, ou seja, o amor à sabedoria. Portanto, o primado da verdade objetiva. Instrumentos de precisão para o conhecimento e a análise da realidade. As bases até hoje inabaláveis do desenvolvimento de todas as ciências.

A segunda coluna foi e continua sendo o pensamento legal e organizacional romano. O ideal do governo da lei. A concepção da república, ou seja, de um Estado que é o bem comum de todos os cidadãos que o governam. É também o etos cívico – o etos dos privilégios, com os quais também se relacionam obrigações.

Esses são os princípios aperfeiçoados e testados pelos séculos sobre os quais em grande medida baseia-se também o moderno direito civil, penal, processual e administrativo.

A terceira coluna foi e continua sendo o âmago do pensamento cristão: o Antigo e o Novo Testamento, o Decálogo e o Evangelho. Trata-se de uma nova e revolucionária visão da humanidade como uma família, como uma comunidade de irmãos e irmãs iguais diante do Pai e da Sua lei moral. Trata-se igualmente de um apelo à paz, ao arrependimento pelo mal cometido e ao perdão das injustiças sofridas. A imposição de sobrepor a pessoa humana às coisas, às vantagens triviais e à vontade de possuir. A defesa dos mais fracos, o apelo à ajuda solidária aos necessitados e o genial princípio da colaboração. É o reconhecimento da dignidade das mulheres e da variada contribuição que elas trazem à vida das sociedades. O ideal da autoridade e da superioridade como serviço, bem como a convicção de que também os governantes estão sujeitos ao julgamento moral. O cristianismo é igualmente uma concepção singular de divisão do *sacrum* e do *profanum*, daquilo que é de Deus e que é de César. O ideal da autonomia, mas também da colaboração da autoridade civil e da autoridade religiosa. São também as instituições da universidade e da escola pública, do hospital e do orfanato. É uma nova visão da ética militar, médica, econômica. E finalmente – as culminâncias da arte e do gênio, às quais se elevaram artistas cristãos inspirados: artistas plásticos, arquitetos, músicos e poetas.

Polônia

Portanto, ninguém se deve admirar de que somente no âmbito dessa civilização tenham surgido também ideais e fenômenos tais como a concepção dos direitos do homem – naturais e inalienáveis, o universal direito internacional, o movimento operário e emancipador, o moderno etos do debate público. Todos eles, pelas suas raízes, estão profundamente inseridos na herança cristã.

Hoje esse círculo civilizatório é assinalado não somente por Atenas, Roma e Jerusalém. Graças aos esforços de trinta gerações de poloneses, no mapa da cristandade surgiram outros centros importantes.

É, por exemplo, Gniezno, na qual repousam as relíquias de S. Adalberto – que difundiu a fé não pela espada, mas pela palavra.

É Varsóvia – capital de um Estado sem fogueiras nem guerras religiosas. Cidade na qual o Parlamento da Polônia aprovou a Confederação de Varsóvia – o primeiro ato legal no mundo a garantir a tolerância religiosa universal. É Varsóvia – sede do rei João II Sobieski, vencedor em Viena, e a cidade em cujos subúrbios em 1920 foi detida a invasão da barbárie comunista na Europa.

São Toruń e Frombork – cidades relacionadas com Nicolau Copérnico, chanceler do cabido da Warmia, autor de uma das maiores revoluções na história do pensamento humano.

É Cracóvia – cidade do bispo S. Estanislau de Szczepanowo, valoroso proclamador dos deveres das autoridades públicas, cidade da Academia de Cracóvia e do padre Paulo Włodkowic – um dos mais eminentes teóricos da tolerância religiosa. É a Cracóvia de Karol Wojtyła – do Santo papa João Paulo II, que em todo o significado da expressão introduziu a Igreja polonesa no segundo milênio.

É Poznań – sede episcopal de Lourenço Goślicki, no século XVI o autor de concepções administrativas originais, nas quais se inspiraram os autores da Constituição americana, bem como muitos outros adversários do arbítrio monárquico.

| Polônia

É Brest Litewski – lugar da assinatura da união eclesiástica, que foi um dos maiores esforços em prol da reconciliação do Oriente e do Ocidente cristãos.

É Częstochowa – cidade que é preciso visitar para compreender a posição especial e o respeito de que gozam as mulheres na Polônia. Cidade na qual, aos pés do maior monumento de culto na Polônia, diante do ícone da Senhora de Monte Claro, ressoa continuamente o cântico da *Mãe de Deus* – considerado como o primeiro hino nacional polonês.

São centenas de localidades, especialmente nas antigas Terras Orientais, nas quais as minorias étnicas e religiosas têm vivido em paz umas ao lado das outras.

São finalmente os lugares com que se relacionam a vida e a criatividade de muitos dos nossos compatriotas – artistas de fama mundial, literatos, cientistas e inventores. Pessoas que de maneira imponente pagaram a dívida de gratidão diante da cultura que as moldou.

A civilização cristã – há 1050 anos conjuntamente criada e devotadamente defendida pelos poloneses – é o resultado do trabalho titânico e da luta de milhões de pessoas. O resultado de muitas pesquisas e experiências, de tentativas e erros históricos. É um produto amadurecido, universal, a exercer uma poderosa influência em toda a humanidade.

Não é um fóssil petrificado. Ela continua a desenvolver-se organicamente. Das suas novas folhas e dos seus novos brotos, necessita tanto quanto das raízes ocultas. Necessita também do tronco que os intermedeia, ou seja, da natural síntese do antigo e do novo.

Uma árvore pode ser cortada. É fácil envenenar as suas raízes e ver como ela definha. Isso não exige muito esforço e não ocupa muito tempo. Mas plantar uma árvore nova e esperar o seu crescimento e os seus frutos – é um processo demorado.

Polônia

Por isso a destruição das bases da nossa civilização, bem como as tentativas de substituí-las por outras concepções, desarticuladas e frouxamente traçadas – sempre foi e sempre será paga com enormes sofrimentos e destruições. Comprovou isso da forma mais clara o século XX e dois projetos ideológicos trágicos em seus efeitos: o comunismo e o nazismo.

O século XXI rapidamente nos colocou diante de novos e difíceis desafios. Nas condições de uma aldeia global, a natural rivalidade de diferentes modelos civilizacionais atingiu uma intensidade até agora não encontrada.

Na Polônia e na Europa travam-se debates a respeito de como enfrentar esses novos desafios. Pessoalmente acredito que nessa situação vale a pena, sobretudo, confiar na força da nossa identidade. Fazer uso do rico tesouro de ideias, experiências e soluções elaboradas na corrente unida de duas grandes tradições: a greco-romana e a judaico-cristã. São elas que devem ser a base das nossas ações.

É verdade, a obrigação básica do Presidente, do Senado, do Parlamento e do Governo da República é o desvelo pelo nosso presente. Pela Polônia e pela Europa, nas quais a dignidade, os direitos e as aspirações de todos os cidadãos são respeitados e protegidos. Pela Polônia e pela Europa, nas quais acima das rivalidades e do jogo de interesses devem reinar a solidariedade, o sentimento de comunidade. No entanto, uma tarefa para nós igualmente importante é o desvelo pelo futuro. Pela preservação e pelo continuado crescimento da nossa herança de tolerância e abertura, da nossa liberdade, da nossa força material e espiritual.

Prezadas Senhoras e Senhores!

Estamos aqui hoje juntos. Na Poznań dos Piasts – berço do nosso Estado e da nossa nação, berço da nossa comunidade – no 1050º aniversário do batismo de Mieszko. Estamos aqui, visto que compreendemos a responsabilidade que pesa sobre nós. Responsabilidade tanto diante de história como diante das

| Polônia

futuras gerações de poloneses.

Na véspera do ingresso da Polônia na União Europeia, o papa João Paulo II apontava que se tratava para a nossa nação de uma grande oportunidade para o enriquecimento espiritual do Ocidente – desse mesmo Ocidente que outrora nos transmitiu a fé cristã. A Europa necessita da Polônia, e a Polônia necessita da Europa – dizia o Santo Padre. É por isso que – prestando uma homenagem aos nossos previdentes antecessores de 1050 anos atrás – quero hoje, com toda a ênfase, expressar a convicção de que, seguindo a orientação do nosso grande compatriota, a Polônia é e permanecerá fiel à sua herança cristã. Nela temos, com efeito, um comprovado e firme fundamento para o futuro.

Prezadas Senhoras e Senhores, Caros Compatriotas!

Não estamos aqui para sempre, assim como não estiveram para sempre Mieszko, os reis poloneses, os grandes chefes da nossa nação, como não esteve conosco para sempre o nosso Santo Padre João Paulo II. Não estamos aqui para sempre, mas temos a grande obrigação de preservar as bases da nossa tradição e da nossa cultura, temos a obrigação de edificar um Estado forte, inclusive como uma grande comunidade da nossa nação, baseando-se naquilo sobre o que crescemos, sobre o que fomos educados – na nossa grande tradição de respeito mútuo, de honestidade, de lealdade e, caso necessário, também de heroísmo na defesa da pátria.

Fomos educados na tradição da edificação de uma Polônia forte, não somente para nós e para os nossos familiares, mas sobretudo para as gerações futuras. Acredito profundamente que daremos conta dessa tarefa.

HENRYK SIENKIEWICZ: A LITERATURA EM DEFESA DA NAÇÃO

Mariano KAWKA*

Há cem anos, no dia 15 de novembro de 1916 morria o escritor polonês Henryk Sienkiewicz, cujas obras literárias constituem uma parte essencial da herança cultural da nação polonesa. Num dos períodos mais difíceis da história da Polônia, quando o país havia perdido a sua soberania e fora riscado dos mapas da Europa em consequência da ultrajante agressividade e da cobiça das potências vizinhas, os seus livros encontraram abrigo nos lares poloneses e contribuíram para manter acesa a centelha que inspirava a nação para lutar pela sua liberdade. A influência da obra de Sienkiewicz sobre a própria língua polonesa moderna dificilmente pode ser superestimada, e os seus livros, desde que começaram a ser publicados, entraram para sempre no cânone fundamental da literatura polonesa. Através da sua atividade literária e social, Sienkiewicz despertava a consciência nacional, estimulava o orgulho de ser polonês, a capacidade do sacrifício e a dedicação a causas difíceis. Ele foi e continua sendo um embaixador do polonismo, de maneira especial em razão do seu romance *Quo vadis*, que encerra valores universais e que numa época de choque de civilizações assume um significado adicional e moderno. Para os poloneses, principalmente os seus romances históricos têm servido de alento para o cultivo do patriotismo. Até os dias de hoje, Sienkiewicz continua sendo um dos mais populares escritores no mundo.

Aniversários que reavivam a memória

* Professor e tradutor, membro do Conselho Editorial de *Polonicus*.

| Polônia

O ano 2016 foi proclamado pelo Senado da República da Polônia “Ano de Henryk Sienkiewicz” em razão do centésimo aniversário da morte desse grande escritor, que ocorre no dia 15 de novembro. Neste ano ocorrem igualmente outros aniversários relacionados com o escritor: os 111 anos do Prêmio Nobel de literatura a ele concedido, os 170 anos do seu nascimento e os 120 anos da publicação do seu romance *Quo vadis*.

Na fundamentação da Resolução que proclama o Ano Jubilar de Sienkiewicz, fala-se dos “méritos para a Nação e da sua inestimável participação no renascimento da Polônia”. Além disso, lemos ali: “Henryk Sienkiewicz é um grande escritor, cujos romances históricos preservaram o moral de sucessivas gerações de poloneses em tempos de infortúnios nacionais. Ele foi também um polonês laureado com o Prêmio Nobel na área da literatura pelo conjunto da sua obra e um gênio raramente encontrado, que encarnou em si o espírito da nação. O seu engenho, a sua ação social e constante intervenção por um Estado polonês independente desempenharam um papel essencial na recuperação da soberania da Polônia”.

Vida e obra

Henryk Adam Aleksander Pius Sienkiewicz, do escudo de armas Oszyk, nasceu numa família nobre empobrecida em Wola Okrzejska, na região de Podlasie, no dia 5 de maio de 1846. Passou a sua juventude nas propriedades da família na região da Mazóvia. Com a idade de 12 anos, matriculou-se numa escola média em Varsóvia. Elogiado pelos seus textos já como estudante, não era particularmente talentoso na área das ciências exatas. Com a idade de 18 anos, não podendo contar com a ajuda financeira de seus pais, começou a dar aulas particulares. Após obter o diploma da escola média, começou a estudar medicina, que mais tarde trocou pelo direito, para finalmente dedicar-se às ciências humanas (filologia e história), pelas quais se sentia atraído havia muito tempo. Foi durante os seus estudos nessa área que aprendeu o latim e o polonês antigo, que mais tarde usaria nos seus romances.

Sienkiewicz escreveu o seu primeiro livro ainda como estudante. Contudo, esse trabalhou – *A vítima* (Ofiara) – nunca foi publicado,

Polônia

diferentemente de *Em vão* (Na marne). Em 1867 estreou como jornalista e sete anos depois, já como autor de vários romances, tornou-se o chefe da seção literária da revista *Seara* (Niwa). Como um frequentador regular dos salões de Varsóvia e membro da alta sociedade da sua época, em 1876 viajou aos Estados Unidos, em companhia da famosa atriz Helena Modżejewska (Modjeska) e de um grupo de amigos. As suas *Cartas da viagem à América* (Listy z podróży do Ameryki), publicadas no *Jornal polonês* (Gazeta polska), garantiram-lhe o reconhecimento dos leitores. A visita aos Estados Unidos resultou também em outras obras, como *O faroleiro* (Latarnik).

Em 1878 Sienkiewicz voltou à Europa – primeiro a Londres e depois a Paris, onde passou um ano. Na França foi exposto às influências do Naturalismo na literatura e, depois de voltar à Polônia, escreveu um conto nessa linha – *Yanko o músico* (Janko muzykant), seguido de *Em busca do pão* (Za chlebem).

O curto romance histórico *Escravidão tártara* (Niewola tatarska), publicado em 1890, foi um prelúdio de *A ferro e fogo* (Ogniem i mieczem), lançado quatro anos depois. Esse livro era a primeira parte da sua *Trilogia* (Trylogia), uma série de romances históricos localizados nos meados do século XVII: *A ferro e fogo* (Ogniem i mieczem), que aborda a guerra dos cossacos ucranianos revoltados contra a Polônia; *O dilúvio* (Potop), que fala da guerra contra a invasão sueca e *O pequeno cavaleiro* (Pan Wołodyjowski), sobre a guerra contra a Turquia. Esses romances foram também publicados em jornais em forma de folhetins, fazendo com que os leitores se reunissem à noite para saber do destino dos seus personagens favoritos. Sienkiewicz se tornou o escritor polonês mais conhecido e traduzido e, na Polônia, o mais lido e o mais adaptado para o cinema ¹.

Quo vadis, o romance em que Sienkiewicz aborda uma temática mais universal, foi publicado em diversos jornais, de março de 1895 a fevereiro de 1896. A publicação em forma de livro ocorreu um pouco depois e tornou seu autor famoso em toda a Europa. Localizado na Roma do século I, durante o reinado de Nero, o romance foi traduzido para muitas línguas e estimulou o

¹ No Brasil, recentemente, a Editora Record publicou os três romances da Trilogia de Sienkiewicz, numa tradução direta do polonês feita por Tomasz Barcinski.

Polônia

apetite dos leitores por outros livros de Sienkiewicz. Ele se tornou o principal escritor em seu país, e o romance *Os cavaleiros teutônicos* (*Krzyżacy*), publicado em 1900, serviu para confirmar essa posição.

Sienkiewicz escreveu também romances de costumes. Em *A família Polaniecki* (*Rodzina Połanieckich*) ele destaca a família como a base da sociedade, e em *Sem dogma* (*Bez dogmatu*) condena a indiferença à vida. Uma viagem que o escritor realizou à África em 1891 serviu de inspiração para *Cartas da África* (*Listy z Afryki*). Nos últimos anos de sua vida (em 1911), publica *No deserto e na selva* (*W pustyni i w puszczy*). Trata-se de um romance para a juventude, em que o autor aborda a necessidade de moldar na pessoa um caráter firme e sentimentos nobres na luta com as adversidades da vida.

Em 1905 a Academia Sueca concedeu a Sienkiewicz o Prêmio Nobel pela sua obra literária (“por causa de seus notáveis méritos como escritor épico”)². Significativo era o fato de que – como os senadores poloneses apontaram na sua resolução anunciando 2016 como o “Ano de Sienkiewicz” – “nos dias da escravidão, ele escreveu para confortar os corações, e os seus livros encontraram abrigo nas cabanas dos camponeses”.

Contudo, Sienkiewicz não viveu o suficiente para ver uma Polônia livre. Ele faleceu em 1916 em Vevey, na Suíça, para onde tinha emigrado após a eclosão da Primeira Guerra Mundial. Em companhia de Ignacy Paderewski, havia organizado naquele país uma ação de ajuda às vítimas da guerra. Em 1924 o esquife com o seu corpo foi transportado de trem para a Polônia, e solenes multidões se reuniram em muitas das estações por onde passou. O corpo do ilustre escritor descansou nos subterrâneos da catedral de S. João, na capital polonesa.

A literatura em defesa da nação

Merece destaque o fato de que Sienkiewicz viveu e produziu a

2 Neste ponto torna-se oportuno recordar que em anos posteriores a literatura polonesa foi por diversas vezes distinguida com o Prêmio Nobel de literatura: em 1924 – Władysław Reymont (1867-1925); em 1978 – Isaac Bashevis Singer (1902-1991); em 1980 – Czesław Miłosz (1911-2004); em 1996 – Wisława Szymborska (1923-2012).

Polônia

sua obra num período em que a Polônia havia perdido a sua soberania e se encontrava sob o domínio de potências estrangeiras (Áustria, Rússia e Prússia). Privados das suas instituições estatais e, em consequência, da plena possibilidade de organizar a sua vida social, econômica e cultural, os poloneses tiveram que lutar contra essas potências estrangeiras e inimigas para a preservação e a consolidação da sua identidade nacional, para o que a literatura – e de modo especial a literatura de Henryk Sienkiewicz – teve uma contribuição decisiva, com o seu papel de despertar, consolidar e preservar o polonismo. A concretização desses ideais ocorreu dois anos após a sua morte, quando, no final da primeira Guerra Mundial, a Polónia voltou a ser um Estado independente. A obra literária de Henryk Sienkiewicz certamente deu uma parcela significativa de contribuição para essa nobre causa. Sua obra permanece e permanecerá como um tesouro permanente da literatura e da cultura polonesa.

RESUMO – STRESZCZENIE

Rok 2016 ogłoszony został przez Senat RP Rokiem Henryka Sienkiewicza w związku z przypadającą 15 listopada setną rocznicą śmierci tego wielkiego pisarza. W artykule autor szkicuje przebieg życia tego autora, laureata nagrody Nobla w dziedzinie literatury w 1905 r., oraz komentuje dzieło literackie jednego z najwybitniejszych i do dnia dzisiejszych najpopularniejszych pisarzy polskich. W czasach niewoli, jego książki podtrzymywały niewygasłe nadzieje i dążenia do niepodległości Polski. Śmierć zankomitego pisarza nastąpiła dwa lata przed odzyskaniem tej niepodległości, do której jego dzieła literackie znacznie się przyczyniły. Książki Sienkiewicza są i pozostaną trwałym skarbem literatury i kultury polskiej.

**I SIMPÓSIO DA UNIVERSIDADE DE VARSÓVIA SOBRE A
COMUNIDADE POLONESA NO EXTERIOR: BRASIL.
PALAVRAS DE ABERTURA DO EMBAIXADOR DO BRASIL
NA POLÔNIA, ALFREDO LEONI**

VARSÓVIA, 25 DE OUTUBRO DE 2016

Bom dia a todos. Gostaria de cumprimentar o Dr. Mariusz Malinowski, diretor do Centro de Estudos Latino-Americanos (CESLA) da Universidade de Varsóvia, por meio de quem saúdo as demais instituições que organizam este simpósio, a saber: o Instituto de Etnologia e Antropologia Cultural, o Instituto de Estudos Ibéricos e Ibero-Americanos, o Instituto de Língua Polonesa e a Sociedade Polono-Brasileira e o Museu da História do Movimento Popular Polônês em Varsóvia. Estendo calorosas boas-vindas aos professores brasileiros que participam hoje deste simpósio. Desejo-lhes excelente estada na Polônia.

Participar da abertura deste evento é uma grande honra e também uma grande satisfação, pois vejo que o tema da comunidade polonesa no Brasil desperta grande interesse nos meios acadêmicos dos dois países. Para a Embaixada do Brasil esta é uma excelente oportunidade para compreender melhor as características dessa comunidade tão importante em nosso país.

Desde que cheguei a Varsóvia, há um ano e meio, pergunto-me como dois países tão distantes geograficamente como Brasil e Polônia mantêm uma relação bilateral tão profícua, que em breve completará 100 anos. Certamente

Polônia

o vínculo humano, criado pela migração de milhares de poloneses e seu estabelecimento em nosso país como cidadãos brasileiros, é fator importante para explicar essa questão.

No século XIX, o imperador do Brasil, Dom Pedro II, foi membro de uma associação de apoio à independência da Polônia, que à época estava partida e sob ocupação estrangeira. Pouco tempo depois, a independência polonesa foi defendida ativamente por Ruy Barbosa, durante a II Conferência Internacional da Paz, em Haia (1907). A posição do grande jurista brasileiro foi bastante apreciada pela comunidade polonesa no Brasil e reconhecida também na Polônia. Exemplo desse reconhecimento é o Liceu Ruy Barbosa, única escola secundária em Varsóvia que oferece ensino de português como segunda língua.

O Brasil foi o primeiro país latino-americano a reconhecer a independência da Polônia, ainda em 1918. Em 1919, estabelecemos relações diplomáticas. Neste mesmo ano, a Polônia abriu um Consulado Geral em Curitiba e, no ano seguinte, enviou seu primeiro embaixador ao Rio de Janeiro, então capital do Brasil. Em 1921, o Brasil instalou sua embaixada em Varsóvia. A abertura de um consulado polonês em Curitiba apenas um ano após a reunificação da Polônia, em 1919, demonstra a importância que, já àquela época, tinha a comunidade de poloneses e seus descendentes, sobretudo na região sul do Brasil.

Os mais diversos aspectos da comunidade polonesa no Brasil serão objeto de aprofundado exame neste simpósio. Aproveito para parabenizar os organizadores pela inclusão na agenda de tamanha variedade de temas e perspectivas. Desejo, contudo, salientar dois pontos.

Em primeiro lugar, o alto grau de integração dos poloneses à sociedade brasileira – traço que é comum, aliás, à maioria das comunidades tradicionais de estrangeiros no Brasil, tais como portugueses, italianos, libaneses e japoneses. Como se trata de uma migração antiga, faz mais sentido hoje falarmos de comunidade de brasileiros de origem polonesa. O fato de serem

| Polônia

cidadãos brasileiros, com pleno usufruto de direitos civis e políticos no Brasil, não significa que inexistem outras ligações culturais, familiares ou mesmo de cidadania com a Polônia. Esses elos precisam ser estimulados e preservados, papel que as diversas associações polônicas no Brasil desempenham tão bem.

Em segundo lugar, a comunidade de poloneses – ou de brasileiros de ascendência polonesa – é reconhecida por suas importantes contribuições ao desenvolvimento do Brasil, em diferentes áreas. Apenas para citar alguns exemplos notáveis nas artes: a artista plástica Fayga Ostrower, o diretor de teatro Zbigniew Ziembinski e o escritor Paulo Leminski. No campo jurídico, dois dos juizes da nossa mais alta corte, o Superior Tribunal Federal, são de origem polonesa: Ricardo Lewandowski e Teori Zavascki.

A comunidade polonesa no Brasil constitui a dimensão humana de um relacionamento bilateral muito sólido desenvolvido entre Brasil e Polônia, nos planos político, econômico-comercial, educacional, entre outros. Os contatos políticos têm se dado em alto nível. No ano passado, o então vice-presidente Michel Temer, hoje presidente da República, visitou a Polônia acompanhado de extensa delegação de ministros e empresários. Estamos trabalhando para a realização de uma visita do presidente Andrzej Duda ao Brasil no próximo ano. A manutenção de contatos políticos frequentes é importante para impulsionar atividades e cooperação em diferentes áreas.

O intercâmbio comercial é de aproximadamente 1.5 bilhão de dólares. O Brasil é o principal parceiro comercial da Polônia na América Latina. Além disso, seis empresas polonesas têm investimentos diretos no Brasil. Tanto no comércio quanto nos investimentos recíprocos, há potencial de expansão. Um acordo comercial entre os blocos de integração regionais de que são parte a Polônia e o Brasil – respectivamente a União Europeia e o Mercosul – está em negociação. Quando concluído, poderá assegurar melhores condições de acesso aos produtos poloneses no Brasil e brasileiros na Polônia.

Há também grande potencial de expansão do turismo de parte a parte. Creio que a Copa do Mundo em 2014 e os Jogos Olímpicos em 2016 projetaram

Polônia

imagens belas e interessantes do Brasil em todo o mundo, inclusive na Polônia. Do mesmo modo, a Jornada da Juventude em Cracóvia teve grande repercussão no Brasil, o país com maior número de católicos no mundo. O fato de abrigarmos no Brasil a segunda maior comunidade de poloneses no mundo também contribuiu para aumentar o interesse dos brasileiros pela Polônia. Nesse sentido, espero que aumente o número de turistas poloneses em visita ao Brasil e vice-versa. Para tanto, seria de grande valia a existência de ligação aérea direta entre os dois países.

A cooperação educacional se desenvolve com base em vários convênios entre universidades no Brasil e na Polônia, que balizam o intercâmbio de estudantes e professores, visitas de estudo e promoção de pesquisas conjuntas. O programa brasileiro Ciência sem Fronteiras concedeu, no ano passado, bolsas de estudos de pós-graduação a cerca de trinta estudantes brasileiros na Polônia.

A falta de programas contínuos de bolsas e a barreira da língua certamente são fatores que inibem uma maior cooperação educacional e acadêmica. Felizmente, o interesse pelo aprendizado da língua portuguesa na Polônia é grande. Exemplo disso é o fato de a Polônia ser o único país da Europa central em que se aplica o exame brasileiro de proficiência em língua portuguesa, o CELPE-Bras.

Em conclusão, o relacionamento bilateral Brasil-Polônia é muito tradicional, amplo e consolidado. Há, no entanto, muitas oportunidades de adensamento e melhor aproveitamento de seu potencial. Ou seja, há muito trabalho a se realizar. Parte desse trabalho está sendo feito hoje, com iniciativas como o presente simpósio, que promovem um olhar mais aprofundado sobre as comunidades polonesas no Brasil. Como disse anteriormente, este é o vínculo humano que une os nossos dois países. Compreendê-lo melhor em suas várias dimensões é, portanto, fundamental.

Desejo a todos excelente simpósio. Muito obrigado.

**MENSAGEM DO PAPA FRANCISCO
PARA O DIA MUNDIAL DO MIGRANTE
E DO REFUGIADO 2017
[15 de janeiro de 2017]**

“Migrantes de menor idade, vulneráveis e sem voz”

Queridos irmãos e irmãs!

«Quem receber um destes meninos em meu nome é a Mim que recebe; e quem Me receber, não Me recebe a Mim mas Àquele que Me enviou» (Mc 9, 37; cf. Mt 18, 5; Lc 9, 48; Jo 13, 20). Com estas palavras, os evangelistas recordam à comunidade cristã um ensinamento de Jesus que é entusiasmador mas, ao mesmo tempo, muito empenhativo. De facto, estas palavras traçam o caminho seguro que na dinâmica do acolhimento, partindo dos mais pequeninos e passando pelo Salvador, conduz até Deus. Assim o acolhimento é, precisamente, condição necessária para se concretizar este itinerário: Deus fez-Se um de nós, em Jesus fez-Se menino e a abertura a Deus na fé, que alimenta a esperança, manifesta-se na proximidade amorosa aos mais pequeninos e mais frágeis. Caridade, fé e esperança: estão todas presentes nas obras de misericórdia, tanto espirituais como corporais, que redescobrimos durante o recente Jubileu Extraordinário.

Mas os evangelistas detêm-se também sobre a responsabilidade de quem vai contra a misericórdia: «Se alguém escandalizar um destes pequeninos que creem em Mim, seria preferível que lhe suspendessem do pescoço a mó de um moinho e o lançassem nas profundezas do mar» (Mt 18, 6; cf. Mc 9, 42;

Artigos

Lc 17, 2). Como não pensar a esta severa advertência quando consideramos a exploração feita por pessoas sem escrúpulos a dano de tantas meninas e tantos meninos encaminhados para a prostituição ou sorvido no giro da pornografia, feitos escravos do trabalho infantil ou alistados como soldados, envolvidos em tráficos de drogas e outras formas de delinquência, forçados por conflitos e perseguições a fugir, com o risco de se encontrarem sozinhos e abandonados?

Assim, por ocasião da ocorrência anual do Dia Mundial do Migrante e do Refugiado, sinto o dever de chamar a atenção para a realidade dos migrantes de menor idade, especialmente os deixados sozinhos, pedindo a todos para cuidarem das crianças que são três vezes mais vulneráveis – porque de menor idade, porque estrangeiras e porque indefesas – quando, por vários motivos, são forçadas a viver longe da sua terra natal e separadas do carinho familiar.

Hoje, as migrações deixaram de ser um fenómeno limitado a algumas áreas do planeta, para tocar todos os continentes, assumindo cada vez mais as dimensões dum problema mundial dramático. Não se trata apenas de pessoas à procura dum trabalho digno ou de melhores condições de vida, mas também de homens e mulheres, idosos e crianças, que são forçados a abandonar as suas casas com a esperança de se salvar e encontrar paz e segurança noutra lugar. E os menores são os primeiros a pagar o preço oneroso da emigração, provocada quase sempre pela violência, a miséria e as condições ambientais, fatores estes a que se associa também a globalização nos seus aspetos negativos. A corrida desenfreada ao lucro rápido e fácil traz consigo também a propagação de chagas aberrantes como o tráfico de crianças, a exploração e o abuso de menores e, em geral, a privação dos direitos inerentes à infância garantidos pela Convenção Internacional sobre os Direitos da Infância.

Pela sua delicadeza particular, a idade infantil tem necessidades únicas e irrenunciáveis. Em primeiro lugar, o direito a um ambiente familiar saudável e protegido, onde possam crescer sob a guia e o exemplo dum pai e duma mãe; em seguida, o direito-dever de receber uma educação adequada,

| Artigos

principalmente na família e também na escola, onde as crianças possam crescer como pessoas e protagonistas do seu futuro próprio e da respetiva nação. De facto, em muitas partes do mundo, ler, escrever e fazer os cálculos mais elementares ainda é um privilégio de poucos. Além disso todos os menores têm direito de brincar e fazer atividades recreativas; em suma, têm direito a ser criança.

Ora, de entre os migrantes, as crianças constituem o grupo mais vulnerável, porque, enquanto assomam à vida, são invisíveis e sem voz: a precariedade priva-as de documentos, escondendo-as aos olhos do mundo; a ausência de adultos, que as acompanhem, impede que a sua voz se erga e faça ouvir. Assim, os menores migrantes acabam facilmente nos níveis mais baixos da degradação humana, onde a ilegalidade e a violência queimam numa única chama o futuro de demasiados inocentes, enquanto a rede do abuso de menores é difícil de romper.

Como responder a esta realidade?

Em primeiro lugar, tornando-se consciente de que o fenómeno migratório não é alheio à história da salvação; pelo contrário, faz parte dela. Relacionado com ele está um mandamento de Deus: «Não usarás de violência contra o estrangeiro residente nem o oprimirás, porque foste estrangeiro residente na terra do Egito» (Ex 22, 20); «amarás o estrangeiro, porque foste estrangeiro na terra do Egito» (Dt 10, 19). Este fenómeno constitui um sinal dos tempos, um sinal que fala da obra providencial de Deus na história e na comunidade humana tendo em vista a comunhão universal. Embora sem ignorar as problemáticas e, frequentemente, os dramas e as tragédias das migrações, bem como as dificuldades ligadas com o acolhimento digno destas pessoas, a Igreja encoraja a reconhecer o desígnio de Deus também neste fenómeno, com a certeza de que ninguém é estrangeiro na comunidade cristã, que abraça «todas as nações, tribos, povos e língua» (Ap 7, 9). Cada um é precioso – as pessoas são mais importantes do que as coisas – e o valor de cada instituição mede-se pelo modo como trata a vida e a dignidade do ser humano, sobretudo em condições de vulnerabilidade, como no caso dos migrantes de menor idade.

Artigos

Além disso, é preciso apostar na proteção, na integração e em soluções duradouras.

Em primeiro lugar, trata-se de adotar todas as medidas possíveis para garantir proteção e defesa aos menores migrantes, porque estes, «com frequência, acabam na estrada deixados a si mesmos e à mercê de exploradores sem escrúpulos que, muitas vezes, os transformam em objeto de violência física, moral e sexual» (Bento XVI, Mensagem para o Dia Mundial do Migrante e do Refugiado de 2008).

Aliás a linha divisória entre migração e tráfico pode tornar-se às vezes muito sutil. Há muitos fatores que contribuem para criar um estado de vulnerabilidade nos migrantes, especialmente nos menores: a indigência e a falta de meios de sobrevivência – a que se vêm juntar expectativas irreais inculcadas pelos meios de comunicação –; o baixo nível de alfabetização; o desconhecimento das leis, da cultura e, frequentemente, da língua dos países que os acolhem. Tudo isto torna-os, física e psicologicamente, dependentes. Mas o incentivo mais forte para a exploração e o abuso das crianças é a demanda. Se não se encontra um modo de intervir com maior rigor e eficácia contra os exploradores, não será possível acabar com as inúmeras formas de escravidão de que são vítimas os menores.

Por isso, é preciso que os imigrantes, precisamente para o bem dos seus filhos, colaborem sempre mais estreitamente com as comunidades que os recebem. Olhamos, com muita gratidão, para os organismos e instituições, eclesiais e civis, que, com grande esforço, oferecem tempo e recursos para proteger os menores das mais variadas formas de abuso. É importante que se implementem colaborações cada vez mais eficazes e incisivas, fundadas não só na troca de informações, mas também no fortalecimento de redes capazes de assegurar intervenções tempestivas e capilares. Isto sem subestimar que a força extraordinária das comunidades eclesiais se revela sobretudo quando há unidade de oração e comunhão na fraternidade.

| Artigos

Em segundo lugar, é preciso trabalhar pela integração das crianças e adolescentes migrantes. Eles dependem em tudo da comunidade dos adultos e, com muita frequência, a escassez de recursos financeiros torna-se impedimento à adoção de adequadas políticas de acolhimento, assistência e inclusão. Consequentemente, em vez de favorecer a inserção social dos menores migrantes, ou programas de repatriamento seguro e assistido, procura-se apenas impedir a sua entrada, favorecendo assim o recurso a redes ilegais; ou então, são reenviados para o seu país de origem, sem antes se assegurar de que tal corresponda a seu «interesse superior» efetivo.

A condição dos migrantes de menor idade é ainda mais grave quando se encontram em situação irregular ou quando estão ao serviço da criminalidade organizada. Nestes casos, vêm-se muitas vezes destinados a centros de detenção. De facto, não é raro acabarem presos e, por não terem dinheiro para pagar a fiança ou a viagem de regresso, podem ficar reclusos por longos períodos, expostos a abusos e violências de vários géneros. Em tais casos, o direito de os Estados gerirem os fluxos migratórios e salvaguardarem o bem comum nacional deve conjugar-se com o dever de resolver e regularizar a posição dos migrantes de menor idade, no pleno respeito da sua dignidade e procurando ir ao encontro das suas exigências, quando estão sozinhos, mas também das exigências de seus pais, para bem de todo o núcleo familiar.

Fundamental é ainda a adoção de procedimentos nacionais adequados e de planos de cooperação concordados entre os países de origem e de acolhimento, tendo em vista a eliminação das causas da emigração forçada dos menores.

Em terceiro lugar, dirijo a todos um sentido apelo para que se busquem e adotem soluções duradouras. Tratando-se de um fenómeno complexo, a questão dos migrantes de menor idade deve ser enfrentada na raiz. Guerras, violações dos direitos humanos, corrupção, pobreza, desequilíbrios e desastres ambientais fazem parte das causas do problema. As crianças são as primeiras a sofrer com isso, suportando às vezes torturas e violências corporais, juntamente com

Artigos

as morais e psíquicas, deixando nelas marcas quase sempre indeléveis.

Por isso, é absolutamente necessário enfrentar, nos países de origem, as causas que provocam as migrações. Isto requer, como primeiro passo, o esforço de toda a Comunidade Internacional para extinguir os conflitos e as violências que constringem as pessoas a fugir. Além disso, impõe-se uma visão clarividente, capaz de prever programas adequados para as áreas atingidas pelas mais graves injustiças e instabilidades, para que se garanta a todos o acesso ao autêntico desenvolvimento que promova o bem de meninos e meninas, esperanças da humanidade.

Por fim, desejo dirigir-vos uma palavra, a vós que caminhais ao lado de crianças e adolescentes pelas vias da emigração: eles precisam da vossa ajuda preciosa; e também a Igreja tem necessidade de vós e apoia-vos no serviço generoso que prestais. Não vos canseis de viver, com coragem, o bom testemunho do Evangelho, que vos chama a reconhecer e acolher o Senhor Jesus presente nos mais pequenos e vulneráveis.

Confio todos os menores migrantes, as suas famílias, as suas comunidades e vós que os seguis de perto à proteção da Sagrada Família de Nazaré, para que vele por cada um e a todos acompanhe no caminho; e, à minha oração, uno a Bênção Apostólica.

Cidade do Vaticano, 8 de setembro de 2016.

FRANCISCO

DE MARNE 1914 A MARNE 1918 As grandes batalhas da I Guerra Mundial

Jerzy MAZUREK *

Desde 1871, ou seja, desde o encerramento da guerra com a França, no estado-maior alemão existia a forte convicção de que guerra seguinte que a Alemanha travaria seria uma guerra em duas frentes: com a França e com a Rússia. Esse era também o desenrolar dos acontecimentos previsto pelo plano estratégico preparado pelo chefe do estado-maior, general Alfred von Schlieffen (1833-1913), elaborado nos anos 1891-1905. A França devia ser dominada rapidamente, e depois todas as forças alemãs deviam ser lançadas para a frente russa. O realizador desse plano foi o sucessor de Schlieffen, o general Helmuth von Moltke (1848-1916). Na França, desde a memorável guerra com a Alemanha nos anos 1870-1871, não se pensava em ações ofensivas, mas em ações defensivas. Ao longo da fronteira com a Alemanha surgiu uma linha de fortificações de defesa. Somente em 1911 surgiram mudanças significativas na doutrina de guerra francesa. O chefe do estado-maior, general Joseph Joffre (1852-1931), assumiu a norma da passagem a uma imediata e absoluta ofensiva, em grande medida na fronteira com a Alemanha.

Uma prova de realização dessa concepção foi o ataque dos franceses, dirigido no dia 7 de agosto de 1914 contra a Alsácia, anexada em 1871 ao Reich Alemão. Esse ataque não produziu os esperados efeitos, mas nas consequências o seu significado para Paris mostrou ser favorável. Os

* Professor da Universidade de Varsóvia.

Artigos

alemães encaminharam à Alsácia uma parte das divisões de reserva que primitivamente deviam fortalecer o ataque principal. Sem dúvida obtiveram um sucesso tático, mas o objetivo – que era a destruição do exército francês – não foi atingido. Os alemães queriam assegurar isso graças a uma manobra de envolvimento através da neutra Bélgica, de acordo com o plano de Schieffen. A seguir os exércitos alemães deviam envolver Paris do oeste e atacar por trás o exército francês, concentrado na fortificada fronteira franco-alemã, e depois destruí-lo por completo.

A manobra de envolvimento dos alemães não surpreendeu o comando francês. Eles se defrontaram com a resistência não apenas da parte dos franceses, mas também do corpo expedicionário britânico – da British Expeditionary Force, que contava quatro divisões de infantaria e uma de cavalaria. A presença dos britânicos fortaleceu o moral dos franceses e a sua fé na vitória, porquanto não sabiam que o ministro da guerra britânico, Lord Horatio Kitchener (1850-1916), numa instrução ao comandante do corpo – John D. P. French (1852-1925), conclamava à moderação, escrevendo: “Embora o Senhor deva empenhar-se diligentemente por adaptar-se aos pontos de vista e aos desejos dos nossos aliados [...], peço-lhe que se lembre de que o Senhor é plenamente independente e nunca, em nenhum caso e em nenhum significado, se encontrará sob o comando do general aliado”¹.

A coalizão dos exércitos franco-britânicos não deteve o ataque nas forças alemãs na foz dos rios Somme e Oise. No dia 25 de agosto o comandante francês Joffre ordenou a retirada. Esse admirador de Napoleão e leitor de Clausewitz nos momentos mais difíceis era, no entanto, capaz de manter os nervos sob controle. Quando se deu conta de que seus planos haviam falhado, de que tinha perdido a primeira batalha, decidiu retirar-se metodicamente e de forma a não permitir a desorganização do exército. Os exércitos franco-ingleses retiraram-se para o outro lado do rio Marne, a leste de Paris, e ficaram aguardando o momento adequado de passar à contraofensiva. Enquanto isso os alemães avançavam, mas não foram capazes de envolver as forças aliadas. Além disso, no final de agosto e início de setembro Moltke, que residia em Luxemburgo, em razão de problemas de comunicação, perdeu a orientação

1 Pierre MIQUEL. *La Grande Guerre*. Paris: Fayard, 1983, p. 136.

| Artigos

quanto à situação na linha de frente. Em razão da ofensiva russa na Prússia Oriental, removeu para aquela frente dois corpos, e algumas divisões foram envolvidas na conquista de fortalezas no território da Bélgica. A ofensiva alemã perdeu o seu primitivo caráter planejado e foi adquirindo traços de casualidade.

Nessa situação a relação de forças na frente, de Paris até Verdun, no início de setembro mudou a favor dos exércitos franco-britânicos (56 divisões de infantaria e 10 divisões de cavalaria, 1 082 mil soldados, 2 816 de peças de artilharia leves e 184 pesadas), contra os alemães (44 divisões de infantaria e 7 divisões de cavalaria, 900 mil soldados, 2 928 peças de artilharia leves e 436 pesadas). Nessa situação os franceses decidiram-se pela contraofensiva, que começou no dia 6 de setembro e durou quatro dias. Nessa obstinada batalha, definida pela História como a primeira batalha do Marne, mostraram-se melhores os franceses. Diante da ameaça do envolvimento e do extermínio de um dos seus exércitos, os alemães se retiraram. Detiveram-se nas margens do rio Aisne. A contraofensiva francesa, apesar de não ter conseguido repelir o inimigo para além das fronteiras da França, terminou em vitória.

Após dois meses de encarniçadas lutas, a frente de batalha estabeleceu-se ao longo de uma dupla linha de trincheiras, estendendo-se através da França, desde a Suíça até o Canal da Mancha. Iniciou-se uma longa e exterminadora guerra de posições. Essa linha era formada por filas de trincheiras, abrigos e abatis de arame farpado. A defesa predominava sobre o ataque. Tais fortificações não podiam ser obtidas sem o fogo da artilharia. A guerra de posições, num caso de equilíbrio de forças, não podia levar à vitória de nenhuma das partes. Somente em 1918 o predomínio numérico e armado dos Estados aliados levou ao rompimento com a concepção até então adotada de operações bélicas e permitiu passar a uma guerra ofensiva contra a Alemanha.

A batalha do Marne foi um ponto crucial na história da I Guerra Mundial. A derrota da Alemanha impossibilitou-lhe a rápida vitória sobre a França, eliminou as possibilidades de uma guerra de curta duração e abriu o caminho a uma guerra longa, de mais de quatro anos. A culpa pelo insucesso na realização de uma guerra relâmpago coube a von Moltke, que no dia 14

Artigos

de setembro foi destituído pelo imperador Guilherme II. Para o seu lugar foi indicado o ministro da guerra prussiano Erich von Falkenhayn (1861-1922). Para manter as aparências e com o objetivo de não permitir que a sociedade pensasse em derrota, a nomeação de von Falkenhayn só foi anunciada no dia 3 de novembro de 1914.

Naquele tempo, enquanto os alemães conquistavam a Bélgica, e antes ainda do término final da mobilização, moveram uma ofensiva contra eles os russos. O seu ataque foi encaminhado contra a Prússia Ducal (que se estendia do Vístula ao Niemen). A frente noroeste era comandada pelo general de cavalaria Yakov Zhilinski (1853-1918) e era formada de dois exércitos: 1. do exército sob o comando do general de cavalaria Paul von Rennenkampf (1854-1918) e 2. do exército sob o comando do general de cavalaria Aleksandr Samsonov (1859-1914). O objetivo da operação russa na Prússia Ducal era destruir os exércitos alemães que ali se encontravam e garantir a segurança aos territórios ocidentais do Império Russo e ao exército russo envolvido na ação contra a Áustria-Hungria.

Na guerra em duas frentes, para a defesa da Prússia Ducal a Alemanha podia destinar pequenas forças – apenas o 8º exército, comandado pelo general Max von Prittwitz und Gaffron (1848-1917). Essas áreas não tinham para Berlim o mesmo significado que a Renânia, a Vestfália ou a Silésia. A Alemanha contava até com a temporária perda da Prússia Ducal. Apesar disso tinha a esperança de que o formato geográfico do país – florestas e lagos, além de uma bem desenvolvida rede de estradas e ferrovias – possibilitaria ações de caráter defensivo-ofensivo.

Já a 17 de agosto de 1914, o primeiro a entrar no território alemão foi o exército de Rennenkampf. Após alguns dias de marcha, o seu caminho foi cortado pelas forças alemãs, que na batalha de Gabin (Gabin) sofreram grandes perdas. Diante disso Prittwitz, temendo o envolvimento pelo exército de Samsonov, ordenou a retirada dos exércitos alemães. O pânico que se estabeleceu entre os influentes fazendeiros locais e a real perspectiva da perda do berço do Estado prussiano fizeram com que o comando-chefe alemão destituisse o chefe do 8º exército – o psicicamente frágil Prittwitz. Para o seu lugar foi chamado o velho general Paul von Hindenburg (1847-1934), temperado em muitas batalhas, e para a chefia do seu estado-maior – Erich

| Artigos

Ludendorff (1865-1937). A respeito deste, após alguns dias de cooperação, o tenente-coronel Max Hoffmann escreveu: “Para as tarefas locais ele é a pessoa adequada, com o seu incrível rigor e a sua grosseria”².

A 23 de agosto, isto é, no dia em que o general Hindenburg e o general Ludendorff vieram a Malbork, o 2º exército russo entrou na linha de ataque em direção a Olsztyn, o que aconteceu em razão de informações erradas a respeito da situação na linha de frente. Com efeito, o general Samsonov, convencido da derrota dos exércitos alemães e das operações ativas do exército do general Rannenkampf, desviou para cerca de 30 quilômetros a oeste a direção do ataque, querendo definitivamente cortar ao 8º exército o caminho de volta para a outra margem do Vístula. Entre os exércitos russos surgiu uma perigosa lacuna, que atingia a extensão de mais de 120 quilômetros. O comandante do 2º exército estava convencido de que não se estava dirigindo para uma batalha importante com um adversário organizado, mas de que a sua tarefa era apenas impossibilitar a retirada de exércitos já vencidos, desorganizados e desmoralizados. Além da inação do exército do general Rannenkampf, foi justamente isso que motivou a sua decisão de desviar a frente mais para o oeste. Não deixava de ser significativo também o fato de que os alemães conheciam os planos operacionais dos russos, que haviam conseguido de um alto oficial do exército do general Samsonov por eles feito prisioneiro.

Nessa situação o general Hindenburg decidiu flanquear, e a seguir – nas lutas que se estenderam de 26 a 31 de agosto – destroçar completamente o exército do general Samsonov em Tannenberg. A maior parte do exército russo (cerca de 120 mil soldados, isto é, 75% do contingente do exército) foi feita prisioneira. O próprio comandante, o general Samsonov, suicidou-se. O motivo da derrota não foram apenas os problemas de comunicação, mas também a falta de coordenação das ações entre ambos os exércitos russos, porquanto não era segredo que ambos os generais não se viam com simpatia (acusavam-se mutuamente de incompetência e nutriam ressentimentos ainda dos tempos da guerra russo-japonesa), o que impossibilitava coordenação das ações e a colaboração.

2 *Die Aufzeichnungen des General-majors Max Hoffmann*, t. 1, Verlag für Kulturpolitik. Berlin: Hrsg. von Karl Friedrich Nowak, 1929, p. 53.

Artigos

Alguns dias depois Hindenburg decidiu acertar as contas com o exército do general Rennenkampf, apesar de os exércitos russos terem supremacia numérica sobre os alemães. A tarefa destes foi facilitada pelo próprio comandante russo: “A inação de Rennenkampf – escrevia o general Michaelis (1863-1939 – tinha um nítido caráter de traição”³. Na realidade o formato do terreno e as forças insuficientes não permitiram aos alemães envolver o inimigo e pinçá-lo, mas mesmo assim conseguiram garantir a supremacia. A batalha se estendeu de 8 a 15 de setembro. A derrota de Rennenkampf foi esmagadora: 70 mil mortos e feridos, 45 mil aprisionados e 150 peças de artilharia perdidas.

As operações de guerra na Prússia Ducal tiveram sérias consequências e em certo sentido contribuíram para a derrota da Alemanha na frente ocidental. Com efeito, no dia 26 de agosto o general Moltke retirou da França e enviou para a frente oriental dois corpos alemães, que na realidade não conseguiram chegar a Tannenberg e, além disso, fizeram falta no momento da ofensiva decisiva no ocidente – nas margens do Marne. Assim avaliavam esses acontecimentos também os russos: “Estamos felizes porque pudemos sofrer tal sacrifício pelos nossos aliados” – respondeu o comandante-chefe russo, o arquiduque Nikolay Nikolayevich (1856-1929), ao adido militar francês que lhe apresentava condolências em razão da derrota. Ao pronunciar essas palavras, ele certamente não se dava conta de que a derrota na Prússia foi um sensível desastre não apenas para a Rússia, mas também para o tsarismo. Nos campos prussianos pereceram ou foram aprisionados os oficiais mais fiéis ao tsar. O enfraquecimento desse elemento nas primeiras batalhas pesou profundamente nas futuras operações de guerra e na posição do tsarismo.

A estagnação que se estabeleceu na frente ocidental induzia a direção política e militar da Coalizão à busca de novos métodos eficazes de condução da guerra. Os políticos franceses afirmavam na realidade que a guerra seria decidida no ocidente, mas Londres buscava febrilmente caminhos de saída do impasse. Surgiu a ideia de que, visto que não havia chances de vitória num embate com o inimigo principal, era preciso criar uma nova frente, de

3 Eugeniusz DE HENNING-MICHAELIS. *Burza dziejowa. Pamiętnik z wojny światowej 1914-1917*, t. 1. Warszawa: Gebethner i Wolff, 1928, p. 44.

| Artigos

preferência com o elo mais frágil da coalizão dos Estados centrais. Como tal elo foi reconhecido o Império Otomano, que desde o início da I Guerra Mundial se havia colocado ao lado da Alemanha e da Áustria-Hungria, contando que – após a vitória sobre os Estados centrais – recuperaria as terras perdidas ainda no século XIX em favor da Rússia.

No entanto a Turquia tinha um trunfo importante na manga – controlava os estratégicos estreitos do Mar Negro, que, após entrar no conflito, imediatamente fechou. Por isso a Rússia ficou praticamente isolada do mundo, visto que o Mar Báltico era controlado pela poderosa frota alemã. Em tais circunstâncias, no comando dos aliados surgiu um plano que devia ajudar aos russos e eliminar os turcos da guerra. No dia 28 de janeiro de 1915 o Conselho de Guerra britânico ordenou uma “expedição marítima [...] para bombardear a península de Gallipoli, tendo Constantinopla como o objetivo final”⁴. De fato, a conquista de Constantinopla abriria o caminho à Rússia, permitiria que lhe fossem fornecidas as necessárias munições e armas e, em troca, que da Ucrânia fosse importado o trigo. A Grã-Bretanha estava também interessada em fortalecer a sua posição no Oriente Médio, sobretudo no Egito. Esperava-se também que se colocariam a favor da Coalizão três países até então neutros – a Grécia, a Bulgária e a Romênia. Os planos ingleses pressupunham que a marinha britânica isolaria do restante do país os exércitos turcos que se encontravam na península de Gallipoli, o que provocaria na Turquia uma revolução e a mudança do governo em Constantinopla⁵. Esses cálculos, o que mostrou o futuro próximo, não deram muito certo. Em fevereiro de 1915 a Alemanha concedeu à Bulgária um importante empréstimo, o que em consequência levou esse país a aderir ao bloco dos Estados centrais. Por sua vez, à participação da Grécia no ataque contra Constantinopla opôs-se a Rússia, a qual nutria o receio de que os gregos poderiam exigir a anexação da antiga Bizâncio à grande Grécia.

As operações armadas iniciaram-se no dia 19 de fevereiro de 1915. A poderosa frota franco-britânica (17 navios de linha, 6 cruzadores, 22

4 Paul GUINN. *British Strategy and Politics 1914 to 1918*. Oxford: Clarendon Press, 1965, p. 55-57.

5 *Ibidem*, p. 60-62.

Artigos

contratorpedeiros, 9 submarinos, 24 caça-minas) tentou entrar no Mar de Mármara. Após sofrer pesadas perdas num dos campos minados no estreito de Dardanelos, no dia 22 de maio o comando inglês proclamou que a conquista dos estreitos exclusivamente com forças marítimas era impossível. Postulava-se a introdução na luta de forças terrestres, que deviam dominar a península de Gallipoli (que rodeia o estreito de Dardanelos do noroeste) e eliminar a artilharia litorânea turca. Somente então os caça-minas aliados poderiam limpar o estreito das minas e abrir aos potentes cruzadores o caminho a Istambul. Além dos exércitos britânicos e de uma divisão francesa, foram destinados à ação exércitos australianos e neozelandeses (Australian and New Zealand Army Corps – conhecidos pela sigla ANZAC). Mais de 80 mil homens desembarcaram na região sudoeste da península no dia 25 de abril de 1915. A península era defendida por 5 divisões turcas, comandadas por Otto Liman von Sanders (1855-1929), general de cavalaria prussiano e marechal turco. O ataque dos exércitos aliados não teve sucesso total, apesar de os soldados terem conseguido conquistar as cabeças de ponte e mantê-las. No lugar da rápida guerra de manobras, planejada pelo estado-maior aliado, ocorreram destruidoras batalhas posicionais dirigidas das trincheiras, a exemplo daquelas da frente ocidental. Em novembro de 1915 Lord Kitchener, após ter feito uma inspeção, chegou à conclusão de que a entrada em Dardanelos não podia ser forçada. No dia 9 de janeiro terminou a campanha, que foi uma humilhante derrota da Entente e uma das últimas grandes vitórias do Império Otomano. Naquele dia os últimos infantes britânicos abandonaram as praias da península turca de Gallipoli, que por mais de oito meses havia sido palco de sangrentas lutas de centenas de milhares de soldados. Nas lutas pereceram ou ficaram feridos – como se calcula – cerca de 150 mil pessoas do lado da Coalizão e 250 mil do lado turco. As lutas em Dardanelos infligiram um enorme golpe à autoridade da Entente, de maneira especial à Grã-Bretanha.

Outro golpe com que em 1916 teve de se medir a Grã-Bretanha foi o insucesso na batalha naval que na historiografia é definida como batalha da Jutlândia ou batalha de Skagerrak. Desde a vitoriosa batalha nas ilhas Falkland, no dia 8 de outubro de 1914, a frota britânica reinava nos mares. Juntamente com a frota francesa, procurava bloquear as frotas dos Estados

| Artigos

centrais para afastá-los das matérias-primas e da alimentação. Naquele tempo a base da estratégia da frota alemã era evitar o embate direto com a frota britânica, considerada como a melhor do mundo. No dia 18 de janeiro de 1916, o novo comandante da Hochseeflotte (Frota do alto mar) passou a ser o vice-almirante Reinhard von Scheer (1863-1928). Contrariamente ao seu antecessor Hugo von Pohl (1855-1916), ele era um decidido partidário do confronto direto com os britânicos. Assumiu o jogo arriscado que consistia na mobilização dos submarinos, que tinham por tarefa provocar a frota britânica a sair para o mar, para ali a atacar e lhe infligir um sensível golpe. O resultado da nova estratégia foi a maior batalha naval dos tempos da I Guerra Mundial, que ocorreu no dia 31 de maio de 1916⁶.

Da batalha da Jutlândia participaram de ambos os lados 250 navios de diversas classes, que transportavam cerca de 105 mil pessoas. A frota britânica, comandada pelo almirante John Jellicoe (1859-1935), dispunha de 151 unidades; a alemã, comandada pelo vice-almirante Scheer, possuía 99 delas. Igualmente o predomínio na artilharia estava do lado dos britânicos. Na batalha da Jutlândia naufragaram 14 navios britânicos e 11 alemães, e pereceram mais de 8 500 marinheiros de ambas as frotas. Ambos os lados proclamaram a sua vitória, embora nenhum deles tivesse atingido os objetivos propostos antes da batalha. O sucesso tático foi alcançado pelos alemães, que perderam menos unidades e sofreram sensivelmente menores perdas humanas. No entanto a Royal Navy (Marinha Real) preservou o domínio nos mares que cercavam a Europa e a plena capacidade de manter o bloqueio econômico da Alemanha.

Enquanto isso a Kaiserliche Marine (Marinha Imperial) mais uma vez mudou a sua estratégia. Abandonou em breve os embates com unidades de superfície, concentrando-se na ilimitada guerra submarina dirigida contra as vias comerciais britânicas, em consequência da qual, de abril a julho de 1917, os U-boots (submarinos) alemães afundaram no total navios aliados e neutros com a tonelage de 2 milhões de BRT (Brutto Register Tone). Vítimas dos submarinos de guerra alemães foram também os navios neutros brasileiros.

6 John KEEGAN. Jutland. *MHQ: The Quarterly Journal of Military History*, vol. I, n. 2: Winter 1989, p. 110-123.

Artigos

No dia 5 de abril de 1917 a frota alemã afundou o cargueiro brasileiro “Paraná”. Em novos bombardeios nos oceanos, foram seriamente danificados os navios brasileiros “Ipojuca” e “Lapa” (em maio), bem como “Macau” (em outubro). Como forma de desforra, desde junho a frota brasileira começou a aprisionar os navios alemães estacionados no litoral do Brasil. No dia 26 de outubro o Congresso Nacional aprovou uma proposta do presidente Venceslau Brás (1878-1966) sobre a declaração de guerra à Alemanha. Um pouco antes – já no dia 6 de abril – haviam declarado guerra à Alemanha os Estados Unidos.

No entanto, antes que os Estados Unidos se juntassem à guerra, a Europa foi testemunha de muitas campanhas sangrentas, que acabaram indecisas. Na conferência de Chantilly, em dezembro de 1915, os comandantes das forças aliadas decidiram que no verão do ano seguinte seria preciso promover ofensivas em todas as frentes mais importantes. Na frente ocidental, nas margens do rio Somme, deviam atacar os britânicos e os franceses. No entanto os seus planos foram prejudicados pelo ataque dos alemães em Verdun. Após os sucessos na frente oriental, os alemães decidiram atacar o Ocidente. O plano de ataque contra a bem fortificada fortaleza de Verdun, no final de 1915, foi elaborado pelo chefe do estado-maior alemão general Erich von Falkenhayn. Esse plano não era dirigido tanto contra a França como contra a sua aliada – a Grã-Bretanha, a qual – na opinião do general Falkenhayn – devia ser vencida para ganhar a guerra. O comando alemão pretendia realizar isso, por um lado, conquistando a supremacia no mar, e – por outro lado – eliminando as forças terrestres da principal aliada da Grã-Bretanha – a França. O exército francês devia ser “sangrado” numa batalha travada por objetivos importantes para os franceses, tanto do ponto de vista estratégico como psicológico. Foi por isso que Falkenhayn escolheu Verdun, uma fortaleza definida como o “coração da França”⁷. A batalha de Verdun, defendida pelos exércitos comandados pelo general Philippe Pétain (1856-1951), foi travada de 21 de fevereiro a 20 de dezembro de 1916 (segundo outra periodização, até junho de 1916).

A batalha, que durou mais de um ano, não trouxe aos alemães sucessos territoriais nem mudanças significativas, e não levou ao colapso do

7 Henry CORDA. *Bitwa pod Verdun*. Przasnysz: Wydawnictwo Forteca, 2004, p. 7-8.

| Artigos

exército francês. Por um lado, as lutas por Verdun tornaram-se um símbolo de heroísmo e dedicação, mas, por outro lado, definições como “o inferno de Verdun” expressavam o absurdo da guerra. Nas lutas pela fortaleza foram vitimadas perto de 700 mil pessoas (mortos, feridos, desaparecidos, prisioneiros). Do lado alemão as perdas chegaram a 337 mil soldados, do lado francês – a 362 mil. A região de Verdun foi inteiramente devastada. Os franceses na realidade comprovaram a sua força defensiva, mas ao mesmo tempo, em razão do esgotamento, perderam a capacidade de ofensiva.

O longo envolvimento francês nas lutas em Verdun fez com que o peso principal nos preparativos da operação nas margens do Somme recaísse sobre os britânicos. As lutas nas margens do Somme foram – como registrou um historiador inglês – “a glória e ao mesmo tempo o cemitério do exército de Kitchener, daqueles cidadãos-voluntários que – respondendo ao apelo do ano 1914 – formaram o primeiro exército nacional da Grã-Bretanha”⁸.

No dia 24 de junho de 1916 os franceses e os ingleses iniciaram intensificados preparativos da artilharia (foram lançados mais de 1,5 milhão de projéteis). Isso tinha por objetivo a destruição das fortificações alemãs, que depois – como se acreditava – seriam ocupadas sem maior resistência pela infantaria. O esperado colapso da posição do inimigo devia ser a seguir aproveitado pela cavalaria. Um dos objetivos da batalha era também a “sangria” do adversário e o afastamento das suas forças das outras frentes. O ataque propriamente dito aconteceu no dia 1 de julho de 1916. O violento ataque do exército de cem mil soldados (franceses e britânicos) deu início a longas e pesadas lutas, que se estenderam até novembro de 1916. Durante o primeiro dia de assalto, os britânicos perderam perto de 60 mil pessoas (especialmente das unidades voluntárias, formadas na Grã-Bretanha na onda do entusiasmo da guerra). Mais eficaz se mostrou o ataque do 6º exército francês na região de Peronne, que conseguiu alcançar a maioria dos objetivos. Em setembro foi utilizada para a luta uma arma nova, até então desconhecida – os tanques ingleses – que, principalmente nos primeiros dias, deixaram nos alemães uma profunda impressão.

8 LIDDELL HART, Basil Henry. *History of the First World War*. London: Pan Books Ltd., 1972, p. 303.

Artigos

A batalha terminou no dia 18 de novembro de 1916. Após mais de quatro meses de lutas, os exércitos da Entente fizeram a frente avançar 12 quilômetros num trecho de 40. As perdas de ambos os lados foram enormes: ingleses – mais de 400 mil, franceses – cerca de 200 mil, alemães – acima de 400 mil. As lutas nas margens do Somme não conseguiram paralisar a força combativa do exército alemão, mas sem dúvida enfraqueceram o moral dos soldados. Numerosos testemunhos confirmam que, após as vivências de 1916, o soldado alemão já não era o mesmo de 1914 ou 1915. O que Verdun foi para o soldado francês, Somme foi para o soldado alemão.

“Da mesma forma que no início da guerra, em agosto e setembro de 1916, a primeira batalha do Marne foi o ponto crucial da invasão alemã, nos últimos meses da guerra, em julho de 1918, a segunda batalha de Marne foi o início da derrota alemã” – escreveu um eminente conhecedor da I Guerra Mundial⁹.

Um grande mérito nessa vitória das forças aliadas coube a Ferdinand Foch (1851-1929), nomeado em maio de 1918 comandante-chefe dos exércitos coligados. O caráter, a coragem e a prontidão para assumir a responsabilidade foram por ele demonstrados já em março e maio de 1918, quando os alemães empreenderam mais uma ofensiva na frente ocidental. Eles conseguiram então deslocar a frente em 20-60 quilômetros em direção a Paris e, da distância de 100 quilômetros, iniciar o fogo contra a capital da França. Ferdinand Foch, partidário das ações ofensivas, conseguiu não apenas salvar a capital da França, mas passar ao contra-ataque. Um grande significado moral para os exércitos aliados teve o fato de que se juntaram às lutas as primeiras divisões americanas, comandadas por John J. Pershing (1860-1948).

Sobre a influência dos exércitos americanos escreveu em suas memórias também Erich Ludendorff, o criador do plano da ofensiva alemã da primavera na frente ocidental. “Não foi possível com as nossas vitórias induzir as nações da Coalizão à paz antes da chegada dos reforços americanos. A força do nosso exército não era suficiente para atingir de forma definitiva o inimigo, antes que se apresentasse o americano com significativas forças. Eu claramente me dava conta de que, em consequência disso, a nossa situação

9 Janusz PAJEWSKI. *Pierwsza wojna światowa 1914-1918*. Warszawa: PWN, 2002, p. 706.

| Artigos

era muito séria”¹⁰.

O ataque teve início no alvorecer do dia 18 de julho de 1918. Os exércitos franceses, apoiados por três divisões americanas, passaram à contraofensiva e desalojaram os alemães a mais ou menos 10 quilômetros para trás. Foram feitos 10 mil prisioneiros e tomadas algumas centenas de canhões. Teve uma grande participação nessa vitória a utilização de 350 tanques, que precediam a infantaria que atacava e lhe abriam o caminho. Esse foi um momento crucial nas operações bélicas na frente ocidental. O ataque seguinte dos exércitos franceses e britânicos – comandados por Foch, nomeado marechal da França – trouxe novas vitórias. Os alemães sofreram uma derrota especialmente sensível no dia 8 de agosto, dia que Ludendorff reconheceu como o “dia negro do exército alemão na história dessa guerra”¹¹. Nos combates de agosto o exército alemão perdeu perto de 300 mil soldados. Igualmente em setembro de 1918 os exércitos franceses, ingleses e americanos avançavam incessantemente, conquistando uma após outra as posições alemãs. No início de novembro de 1918, os alemães ainda se encontravam em terra francesa e belga, mas já se encontravam longe das posições ocupadas até o final de 1914.

As vitórias dos aliados fizeram com que no final de setembro o comando alemão começasse a exigir a imediata conclusão da paz com base nos 14 pontos do presidente dos Estados Unidos Woodrow Wilson (1856-1924). As negociações iniciadas pelo governo alemão com o objetivo de assinar o armistício coincidiram também no tempo com os acontecimentos revolucionários na Alemanha, que levaram à abdicação, no dia 9 de novembro, do imperador Guilherme II e ao final do II Reich Alemão. Já dois dias depois, no dia 11 de novembro de 1918, nas florestas de Compiègne, em Rethondes, foi assinado o armistício entre os aliados e a Alemanha. A derrota da Alemanha e dos outros Estados centrais devia, no entanto, ser carimbada pelo Tratado de Versalhes, cujas condições, impostas aos vencidos, deviam evitar a eclosão de um novo conflito em escala mundial, e aos vencedores dar a garantia de

10 Erich LUDENDORFF. *Meine Kriegserinnerungen 1914-1918*. Berlin: Mittler und Sohn, 1919, p. 545.

11 *Ibidem*, p. 547.

Artigos

governar o mundo.

Bibliografia

BECKETT, Ian F. W. *The Great War 1914-1918*, 2.ed., Harlow: Pearson Education Limited, 2007.

CAMPBELL, John. *Jutland: An Analysis of the Fighting*. New York, 1998.

COPÉ, Jean-François-GUELTON, Frédéric. *La bataille de la Marne*. Paris: Tallandier, 2013.

CORDA, Henry. *Bitwa pod Verdun*. Przasnysz: Wydawnictwo Forteca, 2004.

DENIZOT, Alain. *Verdun, 1914-1918*. Paris: Nouvelles Éditions Latines, 1996.

_____. *La Bataille de la Somme*. Perrin, 2002.

Die Aufzeichnungen des General-majors Max Hoffmann, t. 1, Verlag für Kulturpolitik. Berlin: Hrsg. von Karl Friedrich Nowak, 1929.

FINDLEY, Carter V. *Bureaucratic Reform in the Ottoman Empire: The Sublime Porte, 1789-1922*. Princeton, New Jersey: Princeton University Press, 1980.

GILBERT, Martin. *First World War*. London: Harper-Collins, 1994.

GUINN, Paul. *British Strategy and Politics 1914 to 1918*. Oxford: Clarendon Press, 1965.

HALPERN, Paul G. *A Naval History of World War I*. Abingdon, 2003.

| Artigos

HENNING-MICHAELIS, Eugeniusz de. *Burza dziejowa. Pamiętnik wojny światowej 1914-1917*, t. 1. Warszawa: Gebethner i Wolff, 1928.

ISSELIN, Henri. *La Bataille de la Marne*. Paris: Arthaud, 1964.

KEEGAN, John. Jutland. *MHQ: The Quarterly Journal of Military History*, vol. I, n. 2: Winter 1989, p. 110-123.

LIDDELL HART, Basil Henry. *History of the First World War*. London: Pan Books Ltd., 1972.

LUDEENDORFF, Erich. *Meine Kriegserinnerungen 1914-1918*. Berlin: Mittler und Sohn, 1919.

MACLEOD, Jenny. *Reconsidering Gallipoli*. Manchester, 2004.

MIQUEL, Pierre. *La Grande Guerre*. Paris: Fayard, 1983.

_____. *Les Oubliés de la Somme*. Paris: Tallandrier, 2001.

OUSBY, I. *The Road to Verdun: France, Nationalism and the First World War*. London: Jonathan Cape, 2002.

PAJEWSKI, Janusz. *Pierwsza wojna światowa 1914-1918*. Warszawa: PWN, 2002.

MASSIE, Robert K. *Castles of Steel: Britain, Germany, and the Winning of the Great War at Sea*. New York, 2004.

TARRANT, V. E. *Jutland: The German Perspective. A New View of the Great Battle, 31 May, 1916*. London, 2001.

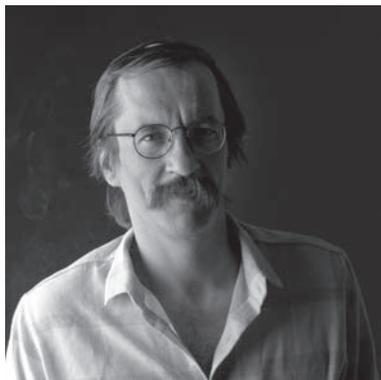
TETSURO, Sumida Jon. *A Matter of Timing: The Royal Navy and the Tactics*

of Decisive Battle, 1912-1916. *The Journal of Military History*, 67 (1/2003), p. 85-136.

RESUMO – STRESZCZENIE

I wojna światowa była współczesną wojną. Była inna od wcześniejszych konfliktów, gdzie przeprowadzane były działania wojenne. Podczas tego konfliktu operacje wojenne trwały nieszczęściami, a nawet latami i pochłonęły miliony ofiar. Armie potrzebowały coraz więcej żołnierzy i broni. To wszystko odbijało się na społeczeństwie. Wojna wpływała bezpośrednio na wszystkie rodziny.

Paulo Leminski - UM POLACO DO AVESSO DO INVERSO



Aurea Alice LEMINSKI *

*Meu coração de polaco voltou
coração que meu avô
trouxe de longe pra mim
um coração esmagado
um coração pisoteado
um coração de poeta*

O escritor curitibano Paulo Leminski Filho era neto do imigrante polaco Piotr Leminski, Leminsky, Leminskov, Linisnki, Limanski, Miska, Lemieszka, Laminski, Leminsko, que teve seu sobrenome escrito com tantas grafias diferentes, nos seus documentos brasileiros, que é difícil refazer o percurso para localizar com precisão a origem da família que saiu da Polônia para fazer a vida no Brasil.

* Formada em Comunicação Social, apresentou e produziu programas de televisão e rádio na área cultural e jornalística, escreveu para jornais e revistas, desenvolveu conteúdo para web e atuou como assessora de imprensa. Atualmente é produtora cultural e integra o conselho curatorial do legado de Paulo Leminski, em conjunto com a mãe, Alice Ruiz, e com a irmã, Estrela Ruiz Leminski. Prestou consultoria na exposição “Ocupação Leminski” em 2009, no Itaú Cultural, em São Paulo/ SP- Brasil. Foi assistente de curadoria na mostra “Múltiplo Leminski” em 2012, no MON, Museu Oscar Niemeyer, em Curitiba/PR- Brasil. Assumiu a coordenação geral do projeto de itinerância da exposição “Múltiplo Leminski”, que já passou por sete cidades brasileiras, entre elas Foz do Iguaçu, Goiânia, Recife, Salvador, São Paulo, Fortaleza e Rio de Janeiro, e foi vista por mais de 500 mil pessoas. Coordenou o projeto “Acervo Digital Paulo Leminski”, que disponibilizou todo o acervo do artista em uma plataforma digital. É também coordenadora geral e curadora do projeto “Meu Coração de Polaco Voltou”, que consiste na publicação do livro bilíngue de poemas e a exposição, que no Brasil, já passou por quatro cidades brasileiras: Curitiba, Porto Alegre, São José dos Pinhais e Foz do Iguaçu.

Artigos

Pedro Leminski, como ficou definitivamente o registro do nome, chegou ao Brasil em 1895, com a esposa Parania e os filhos Anna e João. Saíram provavelmente de uma aldeia chamada Naraiev, mas ele dizia ser da aldeia de Jéréwo. Jeżewo em Czeszc? Ou Jędrzejów? Ou seria Jaroslaw? Pedro veio semear, mas acabou sendo ferroviário. Criou os filhos construindo as linhas. Depois de perder o filho e ficar viúvo casou com Catharina Goli, que também imigrou da Polônia para o Brasil. Seis de seus oito filhos, só excluindo as duas filhas, seguiram o mesmo caminho. Paulo Leminski Filho, o poeta, não conheceu seus avós paternos. Tudo que sabia ouviu pelas palavras de seu pai, o sargento Paulo Leminski, que foi quem cuidou da mãe e ensinou as irmãs mais novas a ler e escrever. Este falava um português exato, de dicionário, mas com sotaque carregado, de colono. Seu primeiro rebento com Áurea Pereira Mendes, o que carrega o sobrenome como se fosse nome, nasceu em plena Segunda Guerra e era apaixonado por história, idiomas, poesia e música. Nessa herança familiar podemos inserir o talento para a engenharia. Só que das ideias. Assim como seus antepassados, Paulo veio construir linhas, criar os caminhos. E acabou criando um jeito próprio de se expressar, um jeito único, a linguagem leminskiana.

Narájow

*Uma mosca pouse no mapa
e me pouse em Narájow,
a aldeia donde veio
o pai do meu pai,
o que veio fazer a América,
o que vai fazer o contrário,
a Polônia na memória,
o Atlântico na frente,*

| Artigos

o Vistula na veia.

*Que sabe a mosca da ferida
que a distância faz na carne viva,
quando um navio sai do porto
jogando a última partida?*

*Onde andou esse mapa
que só agora estende a palma
para receber essa mosca,
que nele cai, matemática?*

Assim como seu jeito de versejar, a polonidade na obra de Paulo Leminski não se apresenta de forma convencional, mas é contundente, como revela o professor doutor em letras Marcelo Paiva de Souza: *Como que invertendo a rota de seu avô, Leminski toma, ele mesmo, um navio para a Polônia. E nessa travessia imaginária, trata-se menos de localizar raízes que de enraizar-se no solo de uma escolha, trata-se menos de documentar o marco zero de uma origem que de forjar uma persona, de criar uma identidade. (...) O Vistula na veia literária leminskiana, o coração de polaco batendo em verso e prosa, constitui um exercício deliberado de autoconstrução, de afirmação e cultivo de uma diferença. (...) Leminski não fez de sua polonidade um projeto estético ou político. Não fez da etnia um panfleto. De todo modo, (...) a presença da Polônia é uma constante em sua obra. Andando pelo país de seu avô, sem nunca ter deixado o Brasil, Leminski visita muitos tempos e lugares. Mal se percebe, às vezes, quando se cruzam as fronteiras entre a história e a memória, entre a província do lembrado e os domínios da invenção.*

A obra de Paulo Leminski é marcada pela transgressão e quebra de tradicionalismos, embora o seu processo criativo tenha sido alicerçado na erudição conquistada por uma vida dedicada ao conhecimento e ao estudo. E este resultado pode ser conferido em todas as áreas que produziu. Além de grande poeta, é bom lembrar que ele foi: um pensador de cultura, haicaísta,

Artigos

tradutor, biógrafo, jornalista da imprensa escrita e televisionada, ensaísta, contista, romancista, autor de experimentações verbais e visuais, “polemista”, roteirista de histórias em quadrinhos, judoca, professor, publicitário, compositor. Navegou com destreza e transitou com desenvoltura no universo cultural e artístico brasileiro abrindo tantos novos espaços, explorando horizontes e expandindo fronteiras, mas fincou os pés nas terras dos pinheirais, saiu pouquíssimas vezes de Curitiba e nunca viajou ao exterior. Defendia sua escolha justificando que “pinheiro não se transplanta.” Uma forma criativa de declaração de amor à sua terra.

Apesar de ter sido um artista múltiplo, Leminski se intitulava essencialmente poeta. Para ele a poesia estava em tudo, nos seus trabalhos como biógrafo, no jornalismo e na publicidade também. Prova do alto teor poético na sua criação foi o seu livro de prosa “Metaformose” ter ganhado o “Jabuti”, prêmio mais importante da literatura brasileira, na categoria poesia. Em qualquer coisa que ele fazia a poesia estava presente, era o núcleo central do seu trabalho.

razão de ser

*Escrevo. E pronto.
Escrevo porque preciso,
preciso porque estou tonto.
Ninguém tem nada com isso.
Escrevo porque amanhece,
E as estrelas lá no céu
Lembram letras no papel,
Quando o poema me anoitece.
A aranha tece teias.
O peixe beija e morde o que vê.
Eu escrevo apenas.*

Tem que ter por quê?

| Artigos

Paulo Leminski tinha um particular interesse e facilidade para aprender línguas. Era um poliglota, tinha fluência em seis ou sete idiomas e noção de muitos outros que compreendia o suficiente para conseguir traduzir. O seu processo da construção intelectual começou muito cedo, com treze anos, quando foi estudar no seminário do Mosteiro de São Bento em São Paulo, onde aprendeu diversas línguas, entre elas as clássicas para ler grandes obras no original. A rotina de estudos era rígida e extenuante. As aulas aconteciam no período da manhã e da tarde e à noite os alunos ainda passavam longo tempo na biblioteca do seminário. Depois de um ano e meio neste regime acabou retornando a Curitiba. De fato, ele não tinha vocação para o sacerdócio. De qualquer modo, neste período, aprendeu a ter disciplina em relação aos estudos, algo que aplicou a vida inteira e está refletido na sua obra, tanto na quantidade quanto na qualidade.

Outro hábito adquirido foi o de aprender línguas de forma autodidata. Estudava os dicionários, lia obras no original apenas com um dicionário para ajudar, lembrando que estamos falando de uma era pré-computador. A principal forma de adquirir os dicionários era em sebos, que costumava frequentar em suas rápidas viagens em busca de preciosidades. Se ele queria aprender russo, mas não encontrava um dicionário português – russo, então buscava em algum outro idioma, italiano – russo ou francês – russo, e desta forma conseguia chegar ao seu objetivo. E assim foi ampliando seus conhecimentos acerca de tantas línguas.

Paulo Leminski não falava polonês, mas fez um trabalho de imersão na língua suficiente para poder ler e traduzir sonetos do poeta Adam Mickiewicz. Apesar da explícita “liberdade poética” na tradução, a essência do poema se manteve.

Liras de Lausanne

Choveram-me lágrimas limpas, ininterruptas,
Na minha infância campestre, celeste,
Na mocidade de alturas e loucuras,

Artigos

Na minha idade adulta, idade de desdita;
Choveram-me lágrimas limpas, ininterruptas...

*Polaty się łzy me itd...
Polaty się łzy me czyste, rześiste,
na me dzieciństwo sielskie, anielskie,
na moją młodość górną i chmurną
na mój wiek męski, wiek kłęski,
polaty się łzy me czyste, rześiste!*

O poema foi extraído de um livro da biblioteca particular de Paulo Leminski, como conta o professor, tradutor e poeta Henryk Siewierski no texto: *“Recordações”*: *Do encontro com Paulo Leminski, este momento foi o que mais ficou gravado na minha lembrança. (...) Num certo momento, Paulo foi ao quarto e voltou com um pequeno livrinho na mão. Parecia um velho livro de orações, e o modo como ele o segurava e o passou para mim indicava que poderia se tratar de uma raridade e talvez, também, de algum tesouro. E não me enganei em meu pressentimento: era, na realidade, uma edição do século XIX de uma seleção de poemas de Adam Mickiewicz. Tinha navegado o oceano juntamente com o avô de Paulo.*

O orgulho de suas raízes polonesas, tão representativas de Curitiba em sua eslavo-brasilidade, construiu o autor que ele foi. Esta ponte que Paulo Leminski fez de Curitiba com Kurytyba, do Brasil com o mundo. Só mesmo sendo um “polaco loco paca” do avesso do inverso que veio para ficar, que subverteu a prosa curitibana e nunca perdeu seu jeito de ver-sejar.

Powróciło moje serce

powróciło moje polskie serce
serce które mój dziadek
przywiózł mi z daleka
serce zmiążdżone
serce zdeptane
serce poety

tłumaczenie: Piotr Kilanowski

*

Narajów

Mucha wylądjuje na mapie,
i ja z nią wyląduję w Narajowie,
wiosce skąd pochodził
ojciec mego ojca,
co przybył robić w Ameryce,
co zrobi na odwrót,
Polska w pamięci,
Atlantyk przede mną
Wisła we krwi.
Co wie mucha o ranie,
którą odległość draży w żywym ciele,
kiedy statek wypływa z portu,
stawiając wszystko na
ostatnią kartę pożegnania?
Gdzie błąkała się ta mapa,
że dopiero teraz wyciąga dłoń,
żeby ugościć tę muchę,
która na nią opada matematyczna?

Tłumaczenie: Piotr Kilanowski

*

Powód istnienia

Piszę. I tyle. I koniec.
Piszę z musu jakiegoś,
muszę, bo w głowie mi dzwoni
I nic nikomu do tego.
Piszę bo nowy dzień wstaje,
a gwiazdy na nieboskłonie,
są jak litery na stronie,
kiedy mnie wiersze zmierzchają.
Pająk tka swoje sieci.
Całuje i gryzie co zobaczy, ryba
A ja sobie tylko piszę
Czy powód mieć jakiś potrzeba?

Tłumaczenie: Piotr Kilanowski

Nota da Redação: a Foto do Paulo Leminski é da autoria do João Urban

RESUMO – STRESZCZENIE

Paulo Leminski (1944-1989), słynny poeta brazylijski pochodzenia polskiego, był wnukiem emigranta polskiego Piotra Lemińskiego, który się osiedlił w Brazylii w 1895 r. W artykule autorka – córka poety – przedstawia szczegóły z życia ojca, proces jego dojrzewania jako poety oraz elementy polskości w jego poezji. Zapoznaje również czytelnika z próbkami poezji P. Leminskiego, włącznie z jego tłumaczeniem poematu A. Mickiewicza „Polaty się tzy me...”. Do artykułu dołączono również utwory poety tłumaczone na język polski przez Profesora Piotra Kilanowskiego.

O POLONÊS ANTÔNIO REBENDOLENG SZERVINSK,
A REFUNDAÇÃO DA NAÇÃO POLONESA
E A REINVIDICAÇÃO SIMBÓLICA DE UM TERRITÓRIO NA
FAZENDA “POLÔNIA” NO SERTÃO DE GOIÁS, INTERIOR DO BRASIL

Jucelino de SALES*

*Eu pelejo para falar a verdade, mas, às
vezes, a cabeça dá de mentir! (Graciana
Alcides Szervinsk, descendente de
Antônio Rebendoleng Szervinsk)*

Esse artigo originou-se da dissertação de mestrado que defendemos em julho de 2014 no *Programa de Pós-Graduação em Literatura e Práticas Sociais* da Universidade de Brasília, cujo título é o seguinte: **Tessituras de memórias no interior de Goiás: a saga do polonês Antônio Rebendoleng Szervinsk, [des]fiada no tear do imaginário**. Por resgatar a história e os mitos que circundam esse polonês, presentes no imaginário familiar dos descendentes desse ancestral, que povoam uma microrregião no sertão do nordeste goiano¹, próximo da capital do país, partimos da coleta de memórias, ou

* Jucelino de Sales (1985) nasceu em São João d’Aliança no interior de Goiás. Graduiu-se em Letras pela Universidade Estadual de Goiás – campus de Formosa. É mestre em Literatura pela Universidade de Brasília. Possui quatro livros publicados, e o último recentemente, o romance de estreia intitulado *sacro sertão, sinas*. Atualmente é professor efetivo da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal (SEDF) e Professor contratado da Universidade Estadual de Goiás (UEG) – campus de Formosa.

1 Hoje, no solo que outrora foi a antiga Fazenda Polônia, espalha-se um conjunto de comunidades rurais, em que grande parte das terras ainda é povoada pelos descendentes do polonês Antônio. As principais comunidades são as seguintes: João Paulo, Carestia, Fazendinha (Beco), Ribeiro, Pontezinha, Areião, Libório. Há também a comunidade Montes Claros, que não faz parte diretamente do território da antiga Fazenda Polônia, mas é um de seus limítrofes e onde reside número considerável de descendentes do polonês.

Artigos

seja, do testemunho oral de alguns pertencentes mais velhos dessa linhagem e, posteriormente, construímos uma investigação literária em torno da imaginação simbólica que circunda a trajetória heroica desse personagem histórico.

Aqui, nosso enfoque deter-se-á na imaginação heroica, na qual se imerge a memória familiar dessa linhagem, a partir da história de aventuras e desventuras que envolvem o personagem histórico Antônio Rebendoleng Szervinsk: sua partida da Polônia, sua chegada ao Brasil e sua instalação nos fundões do sertão do nordeste goiano no final da primeira metade do século XIX. Ao se instalar nesse território, ele denomina de Fazenda Polônia as posses que adquiriu em carta de sesmaria cedida, provavelmente, pelas mãos do Imperador Dom Pedro II.

São interessantes as questões históricas que envolvem esse personagem, uma vez que na época em que fugiu de seu país natal a Polônia não existe como território político. Esse dado histórico advém do fato de que nessa temporalidade as terras desse país estavam sob o jugo do Império Russo, condição que suportou por longos 123 anos até alcançar sua liberdade em 1918, no final da I Guerra Mundial. Ou seja, a nacionalidade de seus habitantes estava marcada por um sentimento incrustado em seu espírito de pertencimento a uma nação que não existia politicamente.

Antônio Rebendoleng Szervinsk (nomação evocada na memória oral de seus antepassados) é, na verdade, Antoni Dolenga Czerwinski², soldado do exército napoleônico que, provavelmente, deve ter se expatriado de sua terra quando o imperador francês caiu. Segundo o relato oral, era um homem culto (diz-se que tocava violino) que no Brasil fez parte da Guarda do Imperador Dom Pedro II. Recebeu do imperador brasileiro uma carta de sesmaria para incrustar-se, colonizar e assentar-se numa região longínqua

2 Encontramos uma referência sobre o polonês Antônio em artigo de 1984 do teórico polonês Jan Magalinski. O estudioso afirma que foi esse polonês o primeiro imigrante a penetrar e se estabelecer em Goiás. Segundo Magalinski, “nos anos quarenta do século passado [século XIX], o primeiro imigrante de que se tem notícias mais concretas é *Dolenga Czerwinski*, de nacionalidade polonesa e pertencente ao exército napoleônico. Estabeleceu-se numa vasta área da Chapada dos Veadeiros onde, com pretensões muito alviçareiras [sic], dedicou-se à agropecuária. Ele foi o introdutor da triticultura nessa região goiana onde os resultados das primeiras colheitas se mostraram surpreendentes” (MAGALINSKI, 1984, p. 129, grifos nosso).

| Artigos

do sertão na Província de Goyaz. Registro Paroquial de Terras datado de 1848³ (em anexo) cita os termos dessa posse e o nome da fazenda. Ao tomar posses dessas terras, esse polonês a denomina simbolicamente de Polônia, refundando a nação polonesa no estado de Goiás, interior do Brasil.

Resquícios desse simbolismo permanecem na memória coletiva e no imaginário social da família Szervinsk. Mas aqui, sob uma outra moldura simbólica: não a história oficial, a história de um soldado do exército napoleônico, homem culto que conhecia o violino e que se tornou, no Brasil, soldado da Guarda do Imperador Pedro II. E sim, a outra história, a história vista de baixo: de um guerreiro que atravessou diversas desventuras, vencendo bravamente suas peripécias, numa odisseia que culminou na aventura do desbravamento do sertão de Goiás, até estabelecer-se definitivamente na região onde é hoje Portal da Chapada dos Veadeiros. Essa história é que nos contaram suas trinetas, as irmãs Graciana Alcides Szervinsk e Marcelina Alcides Szervinsk e seus tataranetos, João Luís da Silva, Rosa Elcides Szervinsk, Manoel Carvalho Ramos, Escolástico Damascena de Salles e Maria da Cruz Damacena.

Nesse sentido, ponderamos que a investigação a respeito das formas simbólicas que se conservam no imaginário dessa família em detrimento do elo vinculante que liga os descendentes desse personagem ao ancestral fundador dessa estirpe, assume a posição de um estudo literário pertinente que esclarece, em suas condições de possibilidades, como o mitema [herói] explica a força do pertencimento genealógico como vínculo identitário dessa família. Nesse caso, trata-se de investigação sobre literatura oral, uma vez que é na forma oral, isto é, nas memórias narradas por seus descendentes, que essa condição simbólica toma forma em sua posição histórica e literária.

O poeta Kiko di Faria narra na epopeia **Vozes do Cerrado**⁴ (2009) que o polonês fundou um “pedacinho da Polônia no coração do Brasil”. Num

3 Transcrevemos no anexo o documento que registra a posse de terras onde se encontra o nome da Fazenda Polônia dispo do tamanho da propriedade em medidas de comprimento que atestam que se trata de uma sesmaria.

4 Trata-se de um grande poema de teor odisseico e genealógico que retraca as aventuras e desventuras do polonês Antônio e apresenta uma porção considerável da descendência deixada por esse herói. A épica encontra-se anexada à dissertação de mestrado.

Artigos

tempo em que a Polônia havia sido riscada do mapa político da Europa, essa reivindicação de um território na Fazenda Polônia por parte do polonês, e sua duração no imaginário da família Szervinsk demonstra, de alguma forma, como o símbolo faz parte tanto da literatura quanto da história.

O polonês marcou com sua origem e com sua saga a psicologia do seu povo, eternizando-se, como o poeta ressalta, na memória coletiva de todos aqueles que reclamam para si a filiação dessa gesta:

O velho Rebindoleng/Se fez como o grão de milho/
Morreu pra gerar outros grãos/Uma multidão de filhos/
Seus descendentes fecundos não cessam de aumentar/São
muitos que já nasceram/Que não se pode contar/Casando e
miscigenando-se/Mudaram o nome civil/Porém carregam
nas veias/De Antônio o sangue febril/É uma história tão
bela/ Que muita gente não viu/*Pedacinho da Polônia/No
coração do Brasil* (FARIA, 2009, p. 57, grifos nosso).

Pedacinho da Polônia no coração do Brasil, e aqui está a voz do bardo evocando e reclamando a fixação desse centro móvel que não deixa de ser as origens, esse centro, cujo ponto fixo se move transplantado da Europa, vindo reclamar seu começo, seu recomeço, no centro do nosso país. Como expõe o arqueólogo do saber, Michel Foucault, “a origem está sempre antes da queda, antes do corpo, antes do mundo e do tempo; ela está do lado dos deuses, e para narrá-la se canta sempre uma teogonia” (FOUCAULT, 1979, p. 18).

É esse começo cuja voz entoada advém de uma teogonia, advém de uma narração da gesta dos deuses, do feito dos heróis, que o poeta, na posição também de genealogista, dá voz às vozes do cerrado, dá voz a esse povo do sertão no nordeste goiano do Planalto Central.

Como alude Jaa Torrano na introdução sua ao livro **Teogonia: a origem dos deuses**, em sua dimensão arcaica, e por que não, poética, “a linguagem é, neste caso, a linguagem do aedo, i. e., a canção – uma canção que ao mesmo tempo é veículo de uma concepção do mundo e suporte de uma experiência numinosa” (TORRANO, 2001, p. 14).

| Artigos

Experiência numinosa que narra o antes da queda, esse espaço movente, esse espaço sempre por se reinventar. O poeta joanino busca nessa temporalidade distante, através da palavra poética, um princípio inaugural que se esquia até naufragar-se no tear da memória. Com esse gesto de demarcar o espaço da saga do polonês em território brasileiro, Kiko di Faria ressalta e dignifica a amplitude dessa tessitura genealógica, cuja plenitude é, com efeito, a sobrevalorização desse espaço circundado pela antiga Fazenda Polônia.

Como Foucault descreve-nos a estrutura e o funcionamento da demanda genealógica:

Lá onde a alma pretende se unificar, lá onde o eu inventa para si uma identidade ou uma coerência, o genealogista parte em busca do começo – dos começos inumeráveis que deixam essa suspeita de cor, esta marca quase apagada que não saberia enganar um olho, por pouco histórico que seja; a análise de proveniência permite dissociar o Eu e fazer pulular nos lugares e recantos de sua síntese vazia, mil acontecimentos agora perdidos (FOUCAULT, *op. cit.*, p. 20).

O acontecimento perdido, na voz do poeta imagina um começo, busca uma imagem remota que remonte a uma origem mítica. Ao narrar nesse canto épico não só a ascendência, mas também descrever a consumação genealógica dessa gesta ancestral, os dois troncos principais dessa árvore primordial provindos dos irmãos Heitor e Aquiles⁵, e por sua vez, tecer o jogo familiar

5 Dos doze filhos que o polonês Antônio gerou, como indica o Registro Paroquial de Terras de 1848, dois irmãos permaneceram com maior latitude na memória coletiva familiar por motivo de uma desavença que os inimizou para sempre, conforme relatam seus descendentes: os irmãos Aquiles Alcides Szervinsk e Heitor Herculano Szervinsk. A relação de inimizade entre os irmãos foi investigada por nós em um artigo intitulado **Da Mitologia à Literatura: Heitor e Aquiles presentes na lenda de fundação de uma comunidade rural nas entranhas do nordeste goiano, no Planalto Central do Brasil**, que publicamos na Revista Nau Literária da UFRGS, no seguinte endereço eletrônico:

<http://www.seer.ufrgs.br/index.php/NauLiteraria/article/view/43586/27900>

Artigos

entre os filhos, netos, bisnetos etc. desses dois irmãos, nessa tessitura familiar, o poeta Kiko di Faria realiza um trabalho que se aproxima consideravelmente da arte dos antigos griôs africanos, uma espécie genérica de historiador generalista responsável pela transmissão da tradição, saberes e genealogias antigas (BÁ, 2003).

De toda maneira, a história deixada por esse ancestral no seio familiar aproxima-se muito da moldura simbólica das épicas gregas. No livro **O mundo de Homero**, o famoso helenista Pierre Vidal-Naquet, ao tecer as considerações finais, provoca-nos acentuando a permanência do imaginário que recorta os poemas homéricos. Ele ressalta as constantes e presentes reformulações cadenciadas pelo século XX sobre essa matéria subjacente à duração do espírito de Homero, bem como o fascínio dos intelectuais a respeito das questões homéricas (VIDAL-NAQUET, 2002).

Homero e todo o conjunto de teorias que recortam as questões homéricas (esse sujeito existiu ou não? E como tais poemas calcados na oralidade resistiram ao tempo?) tornou-se ampla clivagem de discussões antropológicas, históricas e literárias. Tais injunções virtualizam a força do passado, sobretudo, da tradição helênica, no imaginário social do mundo ocidental. Para a literatura, especificamente, é fator de uma imagem gloriosa dos seus inícios, fundamentar sua origem nos grandiosos cantos da **Ilíada** e da **Odisséia**. Trata-se de uma origem marcada pelo espanto e o assombro estupefaciente diante de uma imaginação, a do poeta (ou dos poetas, pois provavelmente foram vários Homeros) na fabricação (*poiésis*) de uma epopeia que se desfralda em seus milhares de versos.

A criação dos poemas, provavelmente, entre os séculos XII e VIII a. C. (VERNANT, 1994), leva a questão que cerceia essas duas épicas a um tempo em que a escrita ainda não *imaginava* gestar sua iconografia na forma presente hoje, no que pese a criação do alfabeto fenício. Ou seja, essas obras da tradição ocidental dizem respeito a formas elaboradas e consumadas por um longo período na *oralidade* e só mais tarde transformadas ou registradas na forma escrita.

Portanto, essas obras gozam da anterioridade *oral* e da lógica da memória para permanecerem no corpo social com o mínimo formal de

| Artigos

variação de sua estrutura precedente e durável. Nessa dinâmica, no que tange às formas épicas, não existem senão versões “e, em princípio, cada versão apaga ou encobre a precedente, cuja única materialidade reside na voz de um intérprete e no eco que provoca no auditório” (DETIENNE, 1992, p. 81).

Conforme o helenista Marcel Detienne sinaliza, na configuração de uma história mítica como narrativa literária: provérbios, contos, genealogias, cosmogonias, epopeias, cantos de guerra e de amor,

todas tem em comum – dedicando-se ao trabalho da variação na repetição – o fato de submeterem a prova da mesma decantação: as palavras transmitidas e as narrativas conhecidas por todos são fundamentadas na escuta partilhada; *elas não retêm, nem podem reter nada além dos pensamentos essenciais, graves ou irônicos*, mas sempre moldados pela atenção prolongada de um grupo humano, tornado homogêneo e como que presente diante de si mesmo pela memória de gerações difusas” (DETIENNE, *op. cit.*, p. 83-84, grifos nosso).

Tais pensamentos essenciais que se prolongam na memória de um grupo humano estão presentes no testemunho oral dos descendentes que entrevistamos. São elementos que evidenciam a configuração do arquétipo do herói. Abaixo, enumeramos os episódios cujos resquícios mnemônicos permanecem com traços de força maior no imaginário da família Szervinsk:

- 1) Segundo o que os colaboradores nos relataram, o polonês encontra-se numa guerra em sua região natal. Para safar-se da morte, abre a barriga, retira as vísceras de um animal de cavalaria e, em seguida, se esconde no interior do seu estômago;
- 2) Na fuga, o polonês, em companhia de um amigo, foge de soldados que os perseguem. A espada do amigo parte-se ao meio. O polonês, espadachim melhor de todos, recebe por baixo das pernas a espada quebrada do amigo. Ambos conseguem vencer os adversários e fugir;

Artigos

- 3) O polonês, em determinado momento, lança-se ao mar. Atravessa o oceano ou um braço do mar a nado;
- 4) Já em terras brasileiras, o polonês é capturado por uma tribo antropofágica. Ele próprio consegue sobreviver a essa desventura com o truque de se colocar fogo em parecendo ser na água no que, na verdade, é álcool, segundo uma das versões. Na outra versão, um padre intervém prometendo escambo, conseguindo assim salvar o personagem histórico de seu destino manifesto. O polonês escapa do sacrifício canibal.
- 5) Chega a Minas Gerais, no interior das terras brasileiras, apaixona-se e casa-se com uma moça de Pimhuí. Eles têm vários filhos. Vai até o interior de Goiás, onde se assenta na Fazenda Polônia. Dois de seus filhos se destacam, pois tomam nomes de inimigos e formam, a partir daí, dois clãs opostos na família.

Trata-se, com efeito, de uma série de episódios de modalização mítica e mirabolante, às vezes difusos, outras vezes confusos e incongruentes, carregados com a dimensão do fantástico. Porém, esses episódios podem ser entrevistados como *pensamentos essenciais* para os sujeitos implicados, retidos na memória do grupo familiar que provém dessa linhagem, mas que foram prolongados nesse grupo humano, numa fôrma mais ou menos homogênea, durante as diferentes gerações.

Conforme Marcel Detienne salienta,

a epopeia, evidentemente, é uma província da memória grega, cujo império se estende desde as genealogias lineares até os apólogos verborrágicos através dos provérbios, dos elogios aos vivos, das lendas, das homenagens aos mortos e das teogonias ou dos contos maravilhosos” (DETIENNE, *op. cit.*, p. 50).

Província da memória grega que em nossa contemporaneidade reaparece, num contínuo movimento de circularidade, em formas diversas de aproveitamento, como ocorre nos meios midiáticos (cinema, histórias em

| Artigos

quadrinhos, séries televisivas, teatro), referendando assim a presença desses elementos simbólicos no imaginário da humanidade.

Esta sobrevivência do passado, da qual a permanência dessas obras homéricas é reveladora, possui, como um dos aspectos preponderantes, certa força motriz que leva a contemporaneidade a se contagiar com a imaginação simbólica.

Retomando as palavras de Pierre Vidal-Naquet, a **Odisseia** trata exatamente das errâncias de Ulisses (VIDAL-NAQUET, *op. cit.*, p. 9-10). Essa declaração axiomática reverbera a condição imanente dessa épica das grandes viagens destinadas rumo ao desconhecido.

Um fator preponderante das errâncias do astuto herói grego diz respeito ao aspecto psicológico de sua travessia, que se desenvolve sob a marca do retorno. O *grande retorno* para a sua ilha de Ítaca, sobretudo, o retorno para os braços de Penélope. O “retorno de Ulisses (Odiseu – o herói), após sua vitória em Troia, para reconquistar a esposa Penélope e reaver o palácio que se encontrava em mãos de intrusos, que a cortejavam” (MOUSINHO, 2002, p. 87). A substância do retorno é matéria relevante e, mormente, uma *grande mágica*, para usar as palavras de Milan Kundera (2002) no romance **A ignorância**. A mágica do retorno é a possibilidade real de voltar para o lugar de onde um dia partiu, depois de longos anos de errância, exílio ou desterro.

Provinda do grego, como expressa o romancista, a palavra *retorno* que se diz *nóstos*, traz inerente na sua imagem conceitual em um dos campos semânticos o sofrimento de nostalgia, ou seja, o “desejo irrealizado de retornar”, que geralmente significa “apenas a tristeza provocada pela impossibilidade de volta ao país”, e por isso “nostalgia da terra natal” (KUNDERA, 2002, p. 9). Saudade, em português. Noutro campo semântico, mas dentro da mesma imagem conceitual, esse retorno desperta a noção de *añoranza*, vocábulo espanhol derivado da palavra latina *ignorare*, que “à luz dessa etimologia, a nostalgia surge como sentimento de ignorância” (*idem*, p. 10). A ignorância de Ulisses, que nos seus anos de errâncias, perdido entre os mares, não estivera a par dos acontecimentos que envolviam a ilha de Ítaca.

O romancista explica que esse sentimento de ignorância encerrado na imagem de nostalgia se refere à condição do imigrante (exilado) que longe

Artigos

de seu país natal não sabe o que está acontecendo por lá, ou seja, um ser ignaro dos acontecimentos de sua pátria. Para Kundera, a *odisseia* é a “epopeia fundadora da nostalgia” (*idem*, p. 10).

O *polonês* transpôs para a memória familiar de sua linhagem, as marcas de suas errâncias.

Errâncias que reinterpretou a luz de uma forma mítica elaborada e que, de alguma forma, permaneceram na memória de sua descendência. Impossibilitado de seu retorno à terra natal e ignaro do que acontecia por lá, não deixou de exprimir seu sentimento de nostalgia e, conseqüentemente, sua saudade devotada ao solo pátrio ao nomear um pedaço do sertão do nordeste goiano com o topônimo de sua nação. Aqui, o personagem histórico [re] fundou simbolicamente a Polônia. O personagem histórico deixou os rastros de seu heroísmo ao marcar a memória coletiva da família Szervinsk com impressões de suas errâncias, no narrar de episódios insólitos e mirabolantes que teimam e permanecem no imaginário familiar. O *polonês*, nessa nova terra, se reconciliou consigo mesmo, tornando imortal, de alguma forma, a memória que resiste sobre si para o passado e para o futuro. Afinal, como diz Kundera “o retorno é a reconciliação com a finitude da vida” (*idem*, p. 11).

Evidente que aqui, esse espaço transplantado se corporifica num envoltório singular, cuja plataforma de ornamentação se dá por meio das características inerentes ao *sertão*. Dentre esses fatores, ressaltemos a *oralidade* e o papel de uma figura pública que permanece na memória coletiva.

Trata-se de comunidades *quase* ágrafas, semianalfabetas, em que sua força de conjunção social advém do pertencimento gerado pela memória coletiva de uma tradição *inventada*, cujo denominador comum é a saga desse personagem histórico. Saga que se perpetuou com os mecanismos da memória oral. Como Le Goff aufere,

a memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas (LE GOFF, *op. cit.*, p. 419).

| Artigos

Essa atualização é uma forma de deixar inscrito na memória aquele passado que se tornou representativo para a comunidade. É o caso, por exemplo, da clivagem mítica. Na memória coletiva os mitos estão embaralhados com a própria história. Nesse evocar mítico pelas origens “a história dos inícios torna-se, assim, para retomar uma expressão de Malinowski, um ‘cantar mítico’ da tradição” (*idem*, p. 424).

Ora, a retomada do passado dessa comunidade se dá através da saga dessa figura, que nessas constantes retomadas tornou-se, então, pública. Como Walter J. Ong coloca, a memória oral funciona com maior eficácia quando a referência se detém numa grande figura que representou algo substancial para a comunidade: “A memória oral funciona eficazmente com os grandes personagens cujas proezas sejam gloriosas, memoráveis, e, por último, públicas”⁶ (ONG, *op. cit.*, p. 73).

O teórico diz ainda que a memória pública engendra essas figuras de dimensões extraordinárias, não por razões românticas ou tonalidade didática, e “sim por motivos muito mais elementares: para organizar a experiência em uma espécie de forma memorável permanente”⁷ (*idem*, p. 73-74). Nesse âmbito, certas figuras, mesmo humanas, se enaltecem de um patamar de heroicidade, com o qual estabelecem um vínculo dinâmico e permanente com a comunidade na qual aparecem (*idem*, p. 74).

O ancestral polonês é em primeira instância um personagem histórico. Por outro lado, como nos sinalizam os episódios de sua saga e, como a épica serve de apoio, esse polonês é, acima de tudo, uma figura heroica, que se dobra sobre o patamar de sua heroicidade, cujas proezas gloriosas e memoráveis, públicas na memória coletiva e na epopeia não só legitimam, mas organizam essa experiência que, nesse sentido, é estética e, conseqüentemente, literária.

Essas comunidades rurais de origem polonesa, ainda que recortadas por um caráter de semianalfabetismo e por estarem estabelecidas num espaço interiorano por muito tempo de isolamento em relação às áreas letradas, de

6 Texto original: “La memoria oral funciona eficazmente con los grandes personajes cuyas proezas sean gloriosas, memorables y, por lo común, públicas”

7 Texto original: “sino por motivos mucho más elementales: para organizar la experiencia en una especie de forma memorable permanentemente”.

Artigos

toda maneira, ao escrutarmos o inconsciente coletivo⁸ e a memória ancestral que perdura no arquétipo comum da herança ocidental originada no pensamento grego, é possível inferirmos que a saga desse polonês possui em muitos pontos de equivalência com o retorno de Odisseu à sua ilha de Ítaca.

Ilhada nas lonjuras do Planalto Central, bem no meio do Brasil, no entorno da capital que seria imaginada e implementada pelos arquitetos Lúcio Costa e Oscar Niemeyer, a antiga Fazenda Polônia foi o regresso possível, imaginado pelo personagem histórico Antônio Rebendoleng Szervinsk. Vale reiterar que no período em que se expatria de sua terra natal, a Polônia, como território nacional, havia sido riscada do mapa, vivendo sob o domínio do imperialismo russo (HOBBSAWM, 2005, p. 161). Como informa Wilson Carlos Rodycz, “o fato é que a Polônia desapareceu do mapa em 1795, depois de suas partilhas parciais anteriores, em 1772 e 1792, tendo sido repartida entre a Rússia, a Áustria e a Prússia” (RODYCZ, 2012, p. 57).

Voltamos nossa abordagem para o fato de que, numa duração em que a Polônia não existia como país territorial politicamente demarcado, nação esta subtraída do mapa da Europa e, conseqüentemente, um lugar não-lugar, um lugar que nem a própria condição de exilado substancialmente materializava o sentimento concreto de um regresso, uma vez que esbarrava numa impossibilidade de voltar para onde, em termos políticos, não existe, o polonês, aclimatado, acima de tudo, por um sentimento de pertencimento a uma língua, sua nação, subverte esse vazio geopolítico e (re)funda nas terras de pindorama, alguma coisa que pode ser evocada como sua pátria.

Ora, se era difícil o retorno a uma Ítaca que já não existia, depois de atravessar, assim como Odisseu, batalhas perigosas lutando pela própria vida,

8 JUNG, Carl Gustav. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. Tradução Maria Luiza Appy, Dora Mariana R. Ferreira da Silva. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 5.

A noção de inconsciente coletivo com a qual trabalhamos advém das postulações do psicanalista Carl Gustav Jung a respeito dessa ordem fenomenológica. Trata-se de um substrato imagético presente no componente antropológico de toda a humanidade, ou seja, “repousa sobre uma camada mais profunda, que já não tem sua origem em experiências ou aquisições pessoais, sendo inata”, que nesse sentido são conteúdos “idênticos em todos os seres humanos, constituindo portanto um substrato psíquico comum à natureza psíquica suprapessoal que existe em cada indivíduo”.

| Artigos

o polonês, astuciosamente, batiza seu latifúndio com uma espécie de saudade retumbada em seu peito, a qual parece um substrato inerente da condição de exílio. Essa refundação se dá sob o crivo do herói.

Destacaremos, nesse artigo, o primeiro episódio fantástico vivido pelo personagem histórico, no qual ele se esconde no interior do estômago de um animal de cavalaria. Poderemos observar nesse episódio a formulação de um dos traços do mitema [herói] e constatar sua importância para o pertencimento genealógico nessa família. Verificaremos que o traço que transparece nesse episódio é a condição de astúcia do herói.

Nesse liame, o arquétipo do herói funciona como elemento estruturante na configuração mítica desse personagem histórico. A partir dos relatos dos seus descendentes, observamos elementos de configuração do herói nas aventuras episódicas vividas pelo polonês. Abaixo, dispomos os trechos dos testemunhos que se referem a esse episódio fabuloso, conforme os entrevistados nos dispuseram.

Dona Maria da Cruz relatou-nos assim:

Ele se escondeu na barriga de um animal porque estavam todos guerreando e não tinha mais nada para se esconder. Então, vinha aquela multidão para matar, e *ele se fingiu, passou por morto*. E naquela aflição tinha um cavalo. Ele furou, matou ele. O cavalo já estava morto. Ele só arrancou o bucho dele e escondeu dentro dele para não ser morto naquela hora da aflição dele [...]. No momento em que estava acontecendo a guerra, a matança. O cavalo estava morto, ele furou a barriga do cavalo, arrancou o bucho, escondeu lá, para ele passar e não verem ele (ENTREVISTA 4, 2013, p. 3, grifos nosso)⁹.

Essas são as palavras de Manoel Carvalho Ramos sobre o mesmo acontecimento maravilhoso:

9 As entrevistas que coletamos estão sob nosso poder e podemos disponibilizá-las para aqueles que solicitarem.

Sei dizer que: diz que ele atravessou... Olha, como é que era, diz que ele tinha atravessado? Que ele escondeu até dentro da barriga de um burro. [...]. Pois, escondido dentro da barriga de um burro [...] para se salvar da guerra...

Não obstante, encontramos o mesmo episódio na epopeia **Vozes do cerrado**. Como relatam os versos do poeta,

Só ele e a montaria/Pelos soldados cercados/A sacrificar
o cavalo/Se viu ele obrigado/Matou o pobre animal/E seu
ventre abriu/Enterrou suas entranhas/E em seu ventre se
inseriu/Ajeitou o animal morto/Para esconder a fissura/E
escondido em seu ventre/Aguentou a desventura/Ouvindo
seus inimigos/Rosnando bem ao seu lado/Sentiu que ali
a morte/O havia derrotado/Mas como sempre afirmava/
Deus a ele foi fiel/Dispersou seus inimigos/Que rodeavam
o corcel/Seguindo a esmo a busca/Deixou ali o procurado/
Que no bucho do cavalo/Havia se entrincheirado (FARIA,
2009, p. 35-36).

Trata-se enfim de um episódio insólito e mirabolante que circula no imaginário familiar. É evidente que o episódio goza da possibilidade de marcar-se como um fato real: um guerreiro em apuros, diante da morte iminente no campo de batalha, vê no fingimento de sua própria morte uma saída para salvar sua vida. Acomete-o a ideia de extrair as entranhas de uma das montarias já mortas por ali e se esconder no ventre do animal. O tamanho da pessoa, nesse caso, deve coincidir com o espaço desse refúgio que possui para ocultar-se, além de uma série de outros fatores condizerem para que nada dê errado nessa dissimulação, entre eles, o fator sorte.

No entanto, quando o episódio, pela maneira da cadência e da ressonância da voz passa para a modalização de uma narrativa oral, na ação de proceder no relato, no diz-que, no “ouvi falar”, a narrativa se eleva a uma condição própria do discurso narrativo, que é a dimensão do contar, ou seja,

| Artigos

da narração: uma dos componentes estruturais do espaço literário. Nesse âmbito, o relato oral goza de uma performatização literária. Trata-se, com efeito, de uma modalização do testemunho oral por meio de fatos de ficção, ou seja, da invenção operada no processo de narração por parte dos narradores. Ao afirmar uma história vivida por seu ancestral fundador, por meio da performance da voz, esses narradores utilizam-se da matéria estruturante da narrativa que é *o modo de tecer a intriga narrativa*. Essa tessitura vem a ser a própria narração sobre o episódio vivido pelo polonês, ou seja, o relato sobre o refúgio no estômago de um animal cavalariço.

Condição esta que a própria voz do poeta legitima ao envolver um episódio de marcação real com a atmosfera da voz literária, cantando os feitos desse herói polonês.

Relato de um fato ou uma história, e para usar uma expressão de Vladimir Propp, um *conto maravilhoso*. Ou seja, um conto carregado com traços que superam a realidade experimentada, isto é, carregado com traços do *insólito*.

A palavra [*insólito*] no âmbito dos estudos sobre narrativas fantásticas demarca àquela condição angular em que o elemento fantástico se manifesta. Geralmente os teóricos do assunto tratam a questão a partir de uma divergência entre o *natural* e o *sobrenatural*, sendo o aparecimento desta segunda condição no mundo convencionalmente real o fator que virtualiza a derrocada do fantástico.

Os estudos literários, em uma de suas vertentes, preconizam também uma situação de gênero para a definição do fantástico, baseando-se numa divisão e classificação que vai do gênero *estranho* ao gênero *maravilhoso*, na esteira das investigações realizadas e formalmente estruturadas por Tzvetan Todorov (2004).

Para nossa interpretação seguimos outra vertente e tratamos o elemento fantástico na sua condição de *modo*, segundo o sentido postulado por Filipe Furtado (1980). O teórico português problematiza o termo *fantástico* que em sua vária acepção, o termo desenvolve-se através do emprego ambíguo, cujo conjunto de noções, e entre eles, o fantástico como *gênero*, é universo de diversas [in]determinações no seu uso. Furtado toma como partido a noção de

Artigos

modo para definir essa ampla plataforma, uma vez que o fantástico segundo o teórico “recobre, portanto, uma vasta área a muitos títulos coincidente com a esfera genológica usualmente designada em inglês por *fantasy*” (FURTADO, 1980).

Segundo essa visada, na ampla modalização entre natural e sobrenatural no que tange à narrativa, existe uma região bastante dilatada em que certos episódios, fatos e enredos se constroem e se configuram através do elemento insólito. É a modalização desse elemento que gera o efeito fantástico.

Filipe Furtado denomina esse elemento que recorta essa vasta área recoberta pela experiência fantástica de *meta-empírico*. De acordo com o intelectual, o que está implicado na noção fenomenológica de meta-empírico é o seguinte:

se pretende significar que a fenomenologia assim referida está para além do que é verificável ou cognoscível a partir da experiência, tanto por intermédio dos sentidos ou das potencialidades cognitivas da mente humana, como através de quaisquer aparelhos que auxiliem, desenvolvam ou supram essas faculdades (FURTADO, 1980, p. 20).

Tal experiência diz respeito àquelas manifestações que, de alguma forma, extravasam as condições naturais ou assim convencionadas e se manifestam habitando uma dimensão em que as potencialidades cognitivas da mente humana não se permitem ir verificar *ipso facto*, ainda que recriem esse universo, como por exemplo, a partir da memória oral, envolvendo com uma vertiginosa “normalidade” na voz e no contar, fatos aparentemente mirabolantes e insólitos. Nessas condições, enfrentamos *a saga do polonês* habitando em alguns aspectos o modo fantástico. É isso que procuramos evidenciar por intermédio da crítica sobre a psicologia do herói.

Em suas considerações sobre o assunto Louis Vax afirmava que a narrativa fantástica “gosta de nos apresentar, habitando o mundo real onde nos encontramos”, pois “nutre-se dos conflitos do real e do possível” (VAX, 1974, p. 8).

| Artigos

Para Vax, os contos populares (lendas sobre lobisomens, etc.) gozam de uma característica do fantástico, muito conhecida pelos povos desde os tempos mais remotos e transmitida de geração para geração através da predisposição do bom falar dos bons narradores (*idem*, p. 11-12). Trata-se de uma predisposição antropológica inerente aos povos de todos os tempos e, nesse sentido, presente no inconsciente coletivo da humanidade e passível de sempre [re]aparecer no imaginário social de qualquer agrupamento ou comunidade humana, em qualquer época.

Há algo de original que recorta a saga do polonês. Sob uma estrutura arcaica e predisposta no inconsciente manifesto da humanidade – o motivo do herói – a saga desse personagem histórico reabsorve essa estrutura simbólica, a desenvolve na experiência comunal, tornando o espaço social desse conjunto familiar habitado por um conjunto de fatos insólitos, que no seio familiar transparecem como normais e, além disso, alimentam e organizam as experiências desse corpo social.

Carl Gustav Jung investiga esses resíduos arcaicos e nomeia-os de arquétipos. Diz o psicanalista que são eles “formas mentais cuja presença não encontra explicação alguma na vida do indivíduo e que parecem, antes, formas primitivas e inatas, representando uma herança do espírito humano” (JUNG, 2008, p. 82). Jung assevera a dinâmica dos arquétipos e sua condição de existência: “A sua origem não é conhecida; eles se repetem em qualquer época e em qualquer lugar do mundo – mesmo onde não é possível explicar a sua transmissão por descendência direta ou por ‘fecundações cruzadas’ resultantes da migração” (*idem*, p. 83).

Trata-se, portanto, de uma condição antropológica inerente e presente o tempo todo no inconsciente da humanidade. É o caso do mito do herói, presente na economia simbólica de toda sociedade dos homens: “a figura do herói é um arquétipo, que existe desde tempos imemoriais” (*idem*, p. 90).

Como Jung salienta, “o mito universal do herói, por exemplo, refere-se sempre a um homem ou homem-deus poderoso que vence o mal, apresentado na forma de dragões, monstros, demônios, etc., e que sempre livra seu povo da destruição e da morte” (*idem*, p. 98).

Podemos afirmar que o polonês preenche essas condições. Batalha

Artigos

contra o mal, lutando pela própria vida, tentando se livrar da destruição e da morte, preparando-se para fundar um mundo novo na América do Sul. Para tanto, usa do artifício do falso fingindo sua própria morte, refugiado no estômago de um cavalo. Ele se envolve com a pele do cavalo, e imerso em seu ventre cria a condição de escapar do destino fatal. Fato extraordinário, mas perfeitamente encaixado nos arquétipos ocidentais.

Aos poucos, vemos desenhar ao redor da saga do polonês uma *ordem* fundada no extraordinário. Uma ordem maravilhosa cuja simetria gera sua tessitura no movimento do herói que se revela paulatinamente em cada peripécia enfrentada. Como exprime Alejo Carpentier, “tudo o que é insólito é maravilhoso” (CARPENTIER, 1987, p. 122).

Como vimos, o polonês se escamoteia nas entranhas de um equino. Ali ele adormece na região do sono eterno. Finge-se de morto. Como relata a narradora Maria da Cruz: “[...] *ele se fingiu, passou por morto*”. Pela sua vida o personagem histórico se esconde na sua aparente morte. O que esse fato extraordinário simboliza? Para nós, o que está em jogo nesse primeiro episódio vivido pelo personagem histórico diz respeito à astúcia do herói. Segundo o Dicionário Houaiss, o vocábulo *astúcia* compreende, entre outras semânticas, os sentidos de “sagacidade [...], capacidade para usar artifícios enganadores; malícia, artimanha” (HOUAISS e VILLAR, 2010, p. 77).

A condição de astúcia, como elemento formativo da psicologia do herói no que concerne aos seus feitos, já era cantada na memória oral dos povos, participando do inconsciente coletivo das sociedades antigas que serviram de base à civilização ocidental.

Entre os eventos que precedem a **Ilíada** e antecedem a **Odisseia**, Ulisses experimentou essa astúcia, num episódio que percorreu através dos séculos na memória oral dos helênicos e resiste no imaginário da humanidade contemporânea, o famoso presente de grego, o cavalo de Troia: “Este conflito, que durou dez anos de cerco aos troianos, tem fim com uma retirada simulada dos gregos que deixaram à vista dos troianos o gigantesco cavalo de madeira, tendo no seu interior os mais terríveis guerreiros” (MOUSINHO, 2002, p. 83). Agamenon, pensando em desistir, após uma longa década de guerra, é persuadido pelo herói a construir um imenso cavalo de pau, função que coube

| Artigos

ao construtor Epeus:

— Um cavalo oco — disse Ulisses, olhando fixamente nos olhos do construtor.

— *Oco?* — disse Epeus.

— Perfeitamente oco. Ali estarão guardados nossos homens, armados até os dentes, para quando o cavalo for introduzido dentro das muralhas da sagrada Troia (FRANCHINI, 2007, p. 354-355).

Por meio da astúcia do herói, os gregos fingiram-se de mortos, ocultando-se no interior do grandioso cavalo de pau que foi dado de presente aos troianos. Estes, por sua vez, deixam-se levar pelo embuste e, mais tarde, viram emergir das entranhas do cavalo os emissários de sua desolação. Trucidada ou escravizada, Troia cai diante da astúcia do herói. Quem imaginaria que um cavalo de pau traria tanta desolação? Quem imaginaria que dissimular a morte com o corpo imerso no ventre de um cavalo enganaria o adversário e, nessas condições, superaria a própria morte?

Se o cavalo de Troia trouxe a morte no caso do personagem literário, aqui o cavalo funcionou na construção do mito familiar como um elemento que possibilitou não a desventura, mas a continuidade da vida. Todavia, num e noutro caso, trata-se do embuste que deu condições para que o envolvido no fingimento pudesse se safar de uma situação adversa.

No **Dicionário de símbolos**, Jean Chevalier associa a figura do cavalo a uma forma arquetípica, fixada na memória de todos os povos, como “portador de morte e de vida a um só tempo, ligado ao fogo, destruidor e triunfador, como também à água nutriente e asfíxiante” (CHEVALIER, 1989, p. 203). Assevera mais à frente que esse animal “é montaria, veículo, nave, e seu destino, portanto, é inseparável do destino do homem” (*idem*, p. 203) e, nesse sentido, “o cavalo exerce funções de guia e de intercessor” (*idem*, p. 203).

No episódio do cavalo de Troia podemos observar claramente o seu sentido de portador de morte na condição de veículo que guia o triunfo dos gregos sobre os troianos. E no episódio referente ao polônês, também podemos

Artigos

distinguir alguns simbolismos comentados por Chevalier. Aqui, trata-se de um símbolo portador de vida e, nessas condições, uma nave que intercede em favor do polonês, ocultando-o em seu interior e guiando-o, finalmente, para triunfar diante da morte iminente no perigo da batalha.

Em suas investigações sobre a estrutura do conto maravilhoso, Vladimir Propp trata de elementos (objetos inanimados ou seres animados) que funcionam como auxiliares mágicos ajudando o herói a enfrentar suas peripécias. Diz o teórico que “o auxiliar do conto pode ser considerado como a personificação do talento do herói” (PROPP, *op. cit.*, p. 196). Nessas condições, Propp exemplifica que para se safar de um perigo é costume o herói se associar a um animal, geralmente através de uma metamorfose: “O herói-animal tornou-se o herói mais o animal” (*idem*, p. 196). Nesse âmbito, Propp analisa o ato de se cobrir com uma pele de animal, afirmando tal atitude ser comum nos contos maravilhosos: “Em vez de se transformar em animal, o herói costura-se dentro de uma pele de animal ou se *introduz em sua carniça*” (*idem*, p. 243, grifos nossos). O teórico investiga ainda o que permeia a imagem do animal *cavalo* na condição de auxiliar mágico. Propp associa a ideia do cavalo com a de embarcação, no que diz respeito aos barcos dos mortos, transmitindo a noção de veículo ou sepultura que transporta o morto (*idem*, p. 252).

A aproximação do cavalo com a embarcação diz respeito à travessia do morto para o além, comum nos ritos e concepções ancestrais: “Todas provêm de concepções primitivas sobre a viagem do morto para o outro mundo, e algumas até refletem com precisão ritos funerários” (*idem*, p. 242). Seria também o motivo do herói dentro do tonel, do herói dentro do peixe (*idem*, p. 295), em que essa disposição no ventre virtualiza a atribuição de um poder mágico concedido ao herói. Propp cita como exemplo o poder de reinar (*idem*, p. 296) e, entre outros comentários, assevera que “é provável que isso remonte à lenda de Noé, que também subiu a bordo de um barco ou arca, em que se encerrou e de onde saiu como ancestral da humanidade” (*idem*, p. 297).

No episódio mítico aqui analisado, o polonês refugia-se no estômago de um animal, introduz-se em sua carniça e de lá emerge como ancestral de seu conjunto familiar, em terras distantes de sua Polônia original. O personagem comete aqui o fingimento de sua morte a partir de uma memória mantida no

| Artigos

inconsciente coletivo da humanidade: os antigos ritos funerários.

Ainda que não parta de uma ação premeditada que o polonês conscientemente buscou na memória que possuía sobre celebrações ritualísticas do passado (se é que possuía alguma memória sobre essa matéria), na condição que aparece tanto na memória oral dos colaboradores, quanto na matéria poética da *epos* de Kiko di Faria, diz respeito, seguramente, a um poder mágico conferido ao herói. Um poder que por tão evidente, torna-se extraordinário, insólito. O poder de fazer uso da astúcia nas condições e nas circunstâncias em que foi forçado a inventar um artifício meio miraculoso para sair de uma grande enrascada.

Assim é que a astúcia do herói é a sua capacidade de ludibriar e de manifestar a sua sagacidade e a sua inteligência diante de situações extremamente difíceis. A astúcia, condição com que Homero moldou o seu personagem errante diz respeito à capacidade humana de enfrentar condições alarmantes com engenhosidade e perícia, e vencê-las, apesar dos obstáculos.

Astuto, o polonês ludibriou o inimigo com o embuste de sua própria morte. Esse embuste é a matéria configuradora da arte da literatura, que na voz dos colaboradores apresenta-se como fato verdadeiro. Esse embuste sobreviveu e perpetuou-se na memória familiar, tornando-se, por sua vez, um fato mítico, fundador. Além de matéria imaginada, é, sobretudo, um fato social. Um fato insólito e compartilhado. Um elemento precioso e fundamental na formação social e cultural da família Szervinsk, no Estado de Goiás.

Artigos

Referências

BÂ, Amadou Hampâté. **Amkoullel, o menino fula**. Tradução Xina Smith de Vasconcelos. São Paulo: Palas Athena/ Casa das Áfricas, 2003.

CARPENTIER, Alejo. O barroco e o real maravilhoso. In: **A literatura do maravilhoso**. Tradução Rubia Prates Goldoni e Sérgio Molina. São Paulo: Revista dos Tribunais/ Vértice, 1987, p. 109-129.

CHEVALIER, Jean. **Dicionário de símbolos**: (mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números). Tradução Vera da Costa Silva *et al.* 2 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1989.

DETIENNE, Marcel. **A invenção da mitologia**. Tradução André Telles, Gilza Martins Saldanha da Gama. Rio de Janeiro: José Olympio/ Brasília: Ed. UnB, 1992.

FARIA, Kiko di. **Vozes do cerrado**. Brasília: Cartaz, 2009.

FOUCAULT, Michel. Nietzsche, a genealogia e a história. In: **Microfísica do poder**. 16 ed. Tradução Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

FRANCHINI, A. S. **As cem melhores histórias da mitologia**: deuses, heróis, monstros e guerras da tradição greco-romana. 9 ed. Porto Alegre: L&PM, 2007.

FURTADO, Filipe. Fantástico (modo). In: http://www.edtl.com.pt/index.php?option=com_mtree&task=viewlink_id=188&Itemid=2. Acessado em 20 de fevereiro de 2014.

FURTADO, Filipe. A subversão do real. In: **A construção do fantástico na narrativa**. Lisboa: Horizonte, 1980, p. 19-33.

_____. A permanência da ambiguidade. In: **A construção do**

| Artigos

fantástico na narrativa. Lisboa: Horizonte, 1980, p. 34-43.

JUNG, Carl Gustav. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo.** Tradução Maria Luiza Appy, Dora Mariana R. Ferreira da Silva. Petrópolis: Vozes, 2000.

KUNDERA, Milan. **A ignorância.** Tradução Teresa Bulhões Carvalho da Fonseca. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

LE GOFF, Jacques. História. In: **História e memória.** 5 ed. Tradução Bernardo Leitão *et al.* Campinas: Unicamp, 2003.

MAGALINSKI, Jan. **Contribuição do elemento alienígena nos diversos campos no Estado de Goiás.** In: <http://www.revistas.ufg.br/index.php/bgg/article/view/4412/3853>. Acesso em: 26 de junho de 2014.

MOUSINHO, Ronaldo Alves. **Literatura:** de Homero à contemporaneidade: enfoques histórico, teórico e prático. Brasília: Ideal, 2002.

ONG, Walter J. **Oralidad y escritura:** tecnologías de la palabra. Tradução Angélica Scherp. México: FCE, 1987.

PROPP, Vladímir. **As raízes históricas do conto maravilhoso.** Tradução Rosemary Costhek Abílio, Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

RODYCZ, Wilson Carlos. **A Szlachta e a partilha da Polônia.** In: Polonicus: revista de reflexão Brasil-Polônia / Missão Católica Polonesa no Brasil. Ano 3, n. 6 (jul/dez. 2012). Curitiba: v.; 23cm.

TODOROV, Tzvetan. Definição do fantástico. In: **Introdução à literatura fantástica.** Tradução Maria Clara Correa Castello. São Paulo: Perspectiva, 2004, p. 29-46.

TORRANO, Jaa. O mundo como função de musas. In: HESÍODO. **Teogonia:**

Artigos

a origem dos deuses. 4 ed. Tradução Jaa Torrano. São Paulo: Iluminuras, 2001.

VAX, Louis. O fantástico. In: **A arte e a literatura fantásticas**. Tradução João Costa. Lisboa: Editora Arcádia, 1974, p. 7-47.

VERNANT, Jean Pierre. **As origens do pensamento grego**. 8 ed. Tradução Isis Borges. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994.

VIDAL-NAQUET, Pierre. **O mundo de Homero**. Tradução Jônatas Batista Neto. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

RESUMO – STRESZCZENIE

Generał Antoni Dołęga-Czerwiński za wierną służbę otrzymał od imperatora Piotra II olbrzymie tereny w stanie Goiás, które po czasy współczesne noszą nazwę „Fazenda Polônia”. W środowisku brazylijskim nasz bohater znany jako Antônio Rebendoleng Szervinsk. Jucelino de Sales jest jednym z bardzo licznych potomków gen Czerwońskiego. W prezentowanym artykule, na wzór mitologii greckiej, próbuje spojrzeć na postać protoplasty owianego wieloma mitami.

ORGANIZAÇÕES POLONO-BRASILEIRAS: ORIGENS, CONSTITUIÇÃO JURÍDICA E PLANOS DE SUCESSÃO

*Schirlei Mari FREDER - PUCPR**

*Rhuan Targino Zaleski TRINDADE - UFPR***

1. INTRODUÇÃO

Contextualizar historicamente o surgimento das entidades e organizações polono-brasileiras é um desafio considerável. Embora existam livros que registrem a fundação das mesmas, ainda faltam informações mais precisas e detalhadas acerca do seu perfil. Isso envolve saber com quais finalidades e objetivos surgiram, em quais cidades estão sediadas e foram formalmente constituídas, quantos sócios ou associados participaram no momento de fundação e de que modo ocorreram os processos de manutenção, ampliação e em alguns casos da extinção dessas entidades. Sabe-se que boa parte delas foi fundada por poloneses e que são mantidas por seus descendentes até os dias atuais.

Outro ponto importante nesse estudo foi buscar compreender o ambiente específico que envolve a constituição e adequação jurídica pelas quais essas entidades passaram nas últimas décadas, tanto nos processos de fusão entre elas, quanto nos ajustes em razão das alterações na legislação brasileira. E ao compreender esse contexto, poderíamos abordar diversos processos que envolvem a gestão, mas pela observação empírica dos pesquisadores notamos que há um assunto importante e que muitas vezes sequer é considerado pelos gestores ou diretores dessas entidades, ou sequer

* Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Gestão Urbana da Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Mestre em Gestão Urbana (PUCPR) e Administradora.

** Doutorando no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Paraná, Mestre em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Historiador.

faz parte da cultura organizacional, que é o processo sucessório. Esse processo garante a permanência e continuidade da própria entidade, bem como de importantes projetos que envolvem o patrimônio material e imaterial polono-brasileiro.

Por fim, esperamos que sejam apreciadas as informações levantadas neste estudo, que tem por objetivo contribuir com as inúmeras áreas estudadas e outras ainda a serem exploradas nesse belo universo da cultura e da identidade polono-brasileira.

2. A FORMAÇÃO DA COMUNIDADE POLONO-BRASILEIRA E O SURGIMENTO DAS INSTITUIÇÕES

Escrever a história da imigração, estabelecimento, adaptação e desenvolvimento da comunidade polonesa no Brasil exige algumas importantes considerações. A imigração polonesa está inserida no contexto das ondas imigratórias provindas da Europa rumo à América, principalmente do último quarto do século XIX até 1930.

Na Polônia oitocentista, a situação era extremamente particular, uma vez que, oficialmente, o país não existia, estando seu antigo território dividido desde os finais do século XVIII entre os Impérios Prussiano, Austríaco e Russo, cada qual com diferentes maneiras de administrar a situação dos poloneses, impondo sérias restrições ao uso da língua, a profissão da religião, a ocupação de cargos públicos, entre outros.

Os primeiros colonos poloneses, de maneira mais organizada e conjunta, chegaram ao Brasil em 1869, provindos da Silésia, região sob dominação prussiana, sendo que conformaram a primeira colônia polonesa em 1871, quando através do trabalho do agrimensor Edmundo Saporski e do Pe. Antônio Zielinski foram deslocados da colônia alemã de Brusque em Santa Catarina, para o que viria ser o Pilarzinho, nos arredores de Curitiba.

A organização polonesa inicial estava centrada nas construções de capelas, igrejas e por vezes escolas. Foram necessários alguns anos de estabelecimento em terras brasileiras para que as primeiras associações fossem conformadas. Nesse ínterim, sociedades culturais, esportivas e recreativas

| Artigos

começam a se desenvolver por volta dos anos 1890, justo no bojo da chamada “febre brasileira”, quando milhares de poloneses, notadamente do Reino da Polônia, região de ocupação russa, espalharam-se pelas colônias agrícolas do Sul do Brasil.

Em nossa análise inicial, para configurar a constituição das instituições polonesas no Brasil ao longo da história, optamos por um esboço da constituição das principais associações culturais, esportivas e recreativas, entre 1890-1941, quando Vargas, com a campanha de nacionalização, reconfigura as instituições étnicas no Brasil. As instituições polonesas de caráter religioso, político, classista, agrícola, a imprensa étnica, as associações escolares merecem trabalhos à parte e serão contempladas somente se estiveram articuladas ao modelo proposto acima, pois é bem verdade que muitas das ações sociais e esportivas podiam também desenvolver escolas para o ensino em polonês e/ou português, assim como as instituições escolares poderiam desenvolver atividades culturais e esportivas, principalmente nas colônias rurais, onde por vezes eram o único espaço cultural da comunidade.

Para Wachowicz, um elemento importante da sociabilidade polonesa é o aparecimento das escolas-sociedades: “Esta instituição mista, ou seja, escolar-recreativa, é a primeira manifestação coletiva da aculturação do imigrante polonês no Brasil, obrigado que era, por força das circunstâncias, a procurar uma solução de seus problemas e, simultaneamente, sua integração no novo meio físico e social (WACHOWICZ, 2002, p. 24). Assim define Renk o fenômeno das “sociedades-escola”, “que eram as escolas comunitárias, laicas, construídas e mantidas pelas comunidades. Geralmente funcionavam no mesmo espaço da sociedade cultural e algumas tiveram existência bastante efêmera. Os alunos pagavam uma mensalidade. Todas foram fechadas em 1938, com a nacionalização compulsória” (2013, p. 3).

Com base nesses pressupostos, uma das fontes mais importantes para o escrutínio das instituições polonesas no Brasil é a publicação de 1927 do ex-cônsul da Polônia no Brasil, Kazimierz Gluchowski, do livro *Os poloneses no Brasil*, em que são analisados os diferentes aspectos do estabelecimento dos poloneses no país. O autor traz dados estatísticos, impressões, descrições e muitas informações, as quais ajudam a traçar um panorama da presença

Artigos

polonesa no país de acolhida. Um dos pontos que o autor analisa são justamente as sociedades polonesas. Segundo GLUCHOWSKI (2005), os poloneses demoraram a estabelecer uma “vida organizada”, quando o autor se refere às “sociedades” polonesas no Brasil. Os colonos teriam ficado muito tempo agrupados unicamente em volta da capela ou igreja polonesa construídas nos anos próximos à imigração.

O trabalho de organização comunitária teria sido vagaroso e penoso ao longo do tempo, mesmo assim, “cinquenta anos após o momento em que os primeiros colonos poloneses puseram o seu pé em solo brasileiro, o nosso patrimônio nesse campo já é bastante considerável. As associações e sociedades crescem dia a dia em número de sócios e em significado, e é nesse setor que finalmente começa a se desenrolar toda a nossa vida étnica e social” (2005, p. 139). Para o autor, aquelas que melhor se desenvolveram eram as educativo-escolares e depois as de caráter “puramente social ou de ajuda mútua”, e as outras viriam na sequência.

A falta de agentes intelectualizados é um argumento recorrente ao longo do texto do ex-cônsul polonês para justificar a falta de instituições ou sua efemeridade. A própria ausência de organizações polonesas em diferentes âmbitos sociais para além do associativo, como as questões agrícolas, políticas, econômicas, entre outras, seriam o resultado do reduzido número de intelectuais poloneses entre os colonos, sendo a vinda destes uma demanda urgente para o autor. Como chegava a afirmar: “o próprio povo, ignaro e não conscientizado, não se ressentia absolutamente da falta de uma vida social”. Mesmo assim, para Gluchowski, “essa necessidade já existia e era muito premente” (2005, p.140). Para alguns membros da comunidade, a falta de vida organizativa era sinal de isolamento da civilização, bem como relegava os poloneses à decadência moral, física e econômica, resultando em cada vez menos respeito dos brasileiros e imigrantes de outras nacionalidades.

Apesar das dificuldades iniciais, a primeira sociedade polonesa foi criada ainda durante o período de maior fluxo imigratório, em 1890, justamente na cidade de Curitiba, maior reduto polonês. A cidade era composta de uma grinalda de colônias polonesas no seu entorno, bem como recebia boa parte dos intelectuais poloneses adventícios, dados que são importantes para o

| Artigos

estabelecimento de instituições associativas.

Segundo Gluchowski, a instituição surgiu no dia 15 de junho daquele ano, devido ao trabalho de nove líderes poloneses, dentre eles Edmundo Saporski, considerado o pai da imigração polonesa. A sociedade recebeu o nome Tadeusz Kościuszko. Com a chamada “febre brasileira” ao longo dos anos finais do século XIX, a afluência de muitos colonos, dentre eles, intelectuais e a criação de diferentes núcleos agrícolas no Sul do Brasil, a criação de associações ganhou ressonância, seguindo o exemplo daquela primeira:

1890 - Sociedade *Zgoda* (Concórdia) – Rio de Janeiro

1891 – Sociedade Nacional Polonesa Casimiro Pulaski – São Mateus do Sul

1892 – Sociedade Polonesa de Ajuda Fraternal Príncipe José Poniatowski – São Paulo

1893 – Sociedade *Jedność* (Unidade) – Rio de Janeiro

1894 – Sociedade *Zgoda* – Sandweg

1894 – Sociedade Tadeu Kościuszko – Lucena

Um dos intelectuais responsáveis pelo estímulo e pela criação de instituições foi Stanisław Kłobukowski, que era membro da do chamado “grupo de Lwów” (WACHOWICZ, 1970), um grupo de intelectuais e ativistas nacionalistas da cidade de Lwów, situada, na época, na Galícia austríaca, que teve muitas repercussões entre os imigrantes poloneses no Brasil. Kłobukowski viajou pelas colônias polonesas e participou da criação de diferentes sociedades. Em 1895 a sociedade *Łączność i Zgoda* (União e Concórdia) em Curitiba; em 1896 a Sociedade Bartosz Głowacki em Jaguari, no Rio Grande do Sul; no mesmo estado a Sociedade *Zgoda* em Porto Alegre, Águia Branca em Rio Grande e Tadeu Kościuszko em Ijuí; em Santa Catarina a Sociedade de Ajuda Fraternal em Rio Vermelho. Mais tarde, em 1897, participa da criação da Sociedade *Pogoń* (Persecução) em Porto União da Vitória, da Sociedade Santo Isidoro, da Sociedade Tadeu Kościuszko e da Sociedade Ginástica Falcão, em Rio Claro; em Curitiba surge a Sociedade Manufatureira e Industrial dos Artesãos Poloneses Águia Branca; a Sociedade Tadeu Kościuszko em Castro; finalmente, em 1898, as sociedades São José em Ponta Grossa, Falcão em Águia Branca, Círculo da Juventude Polonesa Falcão em Curitiba.

Artigos

Importante notar as diferenças decorrentes das mudanças pelas quais passava a história da Polônia e conseqüentemente da comunidade polonesa no Brasil. Um dado interessante a se observar é quanto aos nomes das sociedades. Até o momento de nossa análise, em geral, os nomes referem-se a “heróis” poloneses, no período anterior a 1918 (quando a Polônia recupera a independência), como Kościuszko, considerado líder da resistência de 1794 contra as partilhas da Polônia e antes tendo se engajado na “Revolução Americana”, nome bastante recorrente. No pós-independência, Józef Piłsudski, considerado um dos nomes de destaque da luta pela recuperação do estado polonês, muitas vezes torna-se o nome de diferentes sociedades, quando algumas inclusive trocam seus nomes anteriores para incluir o do líder polonês.

Para Gluchowski (2005), apesar da criação dessas várias sociedades,

tratava-se de esforços sem nenhuma coordenação, esparsos; cada colônia fundava por conta própria uma associação, mantendo pouco ou nenhum contato com as outras organizações. De modo geral essas sociedades eram muito fracas, tinham de lutar sobretudo com a falta de apoio dos colonos, com a falta de pessoas capacitadas e de meios, e nos centros maiores, principalmente Curitiba, com as intrigas e animosidades pessoais dos líderes, que muitas vezes prejudicavam as sociedades que mal começavam a funcionar.

O foco de ação das sociedades era, sobretudo, de ordem étnica, pensando na lógica da institucionalização étnica, comemoração de datas cívicas polonesas, apresentações de teatro, música, festejos relacionados com a cultura do país de origem, além de atividades esportivas e recreativas. Algumas podiam estar também articuladas com a consecução de atividades escolares de manutenção da língua polonesa. As associações podiam funcionar igualmente como um centro de reuniões para demandas das colônias, bem como espaço de socialização dos poloneses no Brasil, onde existia um ambiente para promoção de encontros de famílias que viviam distantes, das lideranças locais, etc.

| Artigos

Importante citar ainda em 1898 a fundação, em Guarani das Missões, maior reduto polonês no Rio Grande do Sul, da Sociedade Nossa Senhora de Czestochowa, uma das mais importantes daquele estado. Como o próprio Gluchowski adverte, todo ano surgiam novas sociedades, algumas mais efêmeras, de curta duração, e outras mais longevas.

A maior parte dessas instituições era de caráter educacional, muitas voltadas para o atendimento das crianças locais, funcionando como escolas particulares para os colonos, em espaços onde não havia a intervenção do estado nesse ramo.

A partir de 1900, a criação de várias sociedades nas colônias polonesas é animada pela vinda de líderes intelectualizados, os quais levam ao desenvolvimento de instituições locais. Os intelectuais, em diferentes grupos, via de regra, eram elevados à categoria de líderes (SEIXAS, 2006), na medida em que podiam exercer determinados papéis. Pensamos intelectuais a partir do debate de duas acepções: uma mais restrita, “baseada na noção de engajamento” e “pela notoriedade eventual ou especialização, reconhecida pela sociedade em que vive” e outra mais ampla e abrangente, englobando “tanto o jornalista como o escritor, o professor secundário como o erudito” (SIRINELLI, 2003, p. 242). A segunda permite incluir o variado grupo da intelectualidade imigrante polonesa, a qual se constituía de padres, comerciantes, professores, cientistas, médicos, agrônomos, entre outros.

Parte desses intelectuais, dentre eles Józef Okołowicz, provindo da Galícia e membro da Sociedade Comercial e Geográfica, bem como Leon Bielecki¹, Kazimierz Warchałowski², Michał Pankiewicz, Michał Sekula, Pe. José Anusz, entre outros, foram responsáveis pela criação de instituições ou iniciaram modelos de organizações associativas mais amplas, que congregassem as sociedades escolares, como o *Towarzystwo Szkoły Polskiej* (1901), o *Towarzystwo Szkoły Ludowej* (1905) e o *Towarzystwo Oświaty Ludowej*, mas todas tiveram pouco sucesso. Em razão de múltiplas disputas internas,

1 Comerciante e jornalista polonês.

2 Em todos os grupos sociais (como os étnicos) existem divisões, referentes a variadas formulações, ainda mais quando remetem à constituição identitária grupal, que envolve posicionamentos e capacidade de enunciação e ativação de determinadas situações em relação a outras, ou seja, o potencial de “representação”, com reverberações nos discursos dos seus porta-vozes.

Artigos

organizações de caráter mais amplo, as quais pudessem congregar várias sociedades e grupos num espaço geográfico maior, tiveram dificuldades em se organizar, sendo que os projetos de maior sucesso se desenvolveram apenas nos anos 1920.

Outro espaço importante da sociabilidade polonesa era a imprensa, os jornais escritos em polonês voltados para a comunidade. Essa imprensa era ativa na divulgação dos trabalhos de criação de instituições, bem como muitas vezes estava articulada com alguma sociedade específica. Também noticiava as tentativas de uniões mais amplas entre as sociedades, as disputas entre os diferentes grupos centrados em figuras intelectualizadas específicas e divulgava ideias entre a comunidade leitora.

Gluchowski aponta para a emergência também de outros tipos de instituições, como as associações agrícolas, através dos chamados “círculos” (TRINDADE, 2015); ainda existiram as sociedades femininas; as intenções de inserção política da população polonesa e criação de partidos poloneses; as sociedades de canto e os clubes também foram iniciativas do período; as tentativas de organizações operárias começaram a articular-se no início do século XX. Importante mencionar que essas atividades em geral eram configuradas pela comunidade polonesa majoritariamente em Curitiba, espaço não apenas de concentração populacional, mas com uma intelectualidade capaz de articular movimentos agregativos, bem como mobilizar atividades étnicas entre o grupo de imigrantes e seus descendentes.

A Primeira Guerra Mundial e a possibilidade de independência para a Polônia permitem a emergência de diversos Comitês e Assembleias para a ajuda no conflito, entretanto, não é nosso objetivo focalizar nestas instituições específicas, que, articuladas pelas lideranças locais, em geral perduraram somente durante o período da guerra e são exemplos de como a colônia, fruto da diáspora, se interessava pelos assuntos europeus. Esse fator é importante na comunidade emigrada, a qual vai se interessar pelas questões políticas da Polônia renascida, replicando, em alguma medida, inclusive suas disputas.

Segundo Gluchowski,

O fato do surgimento do Estado Polonês, as condições de trabalho

| Artigos

alteradas em consequência disso, o entusiasmo provocado pela vinda de representações polonesas e, finalmente, a iniciativa do Consulado da Polônia, tudo isso contribuiu para uma reanimação no trabalho organizacional, e ao mesmo tempo a ação adquire um aspecto planificado, cuja falta até agora havia sido muito sentida (2005, p. 149).

O ramo educacional promove associações mais amplas de escolas a partir dos anos 1920, com a *Kultura*, incluindo as escolas laicas e a *Oświata* as religiosas. Também surge a *Związek Polski* a partir da união do *Sokół*, da Sociedade S. Estanislau e do Círculo da Juventude Polonesa em Curitiba.

Sobressai no período o aparecimento de grupos de escoteiros (*Harczerz*), de atiradores (*Strzelec*), articulados pela *Kultura*. Em 1923, a partir da articulação de diferentes associações surge o *Junak*, o qual vai ter sedes em diferentes colônias no Sul do Brasil, voltados para as atividades físicas e culturais da juventude polonesa.

Surgiram também alguns grupos “filantrópicos”, mas o trabalho estava mais articulado com os grupos religiosos. Ademais, iniciativas no campo econômico, como associações de comerciantes e a criação de um “Banco Polonês” também surgiram no período, ainda que muito efêmeras.

Gluchowski termina o seu texto em 1927, portanto tem uma visão dúbia sobre o andamento da vida organizativa e associativa da comunidade polonesa da diáspora no Brasil:

Nesse último período a vida organizacional da colônia polonesa no Brasil enveredou por um caminho melhor, bem mais animado. Em todo o caso estão surgindo organizações centrais, todas no campo educativo-cultural, pois este campo de trabalho foi o que mostrou ser o mais fértil e, como a vida tem mostrado, nessa área a coletividade já está ao menos em parte amadurecida para a organização. [...] O progresso é visível. Mas é preciso reconhecer abertamente que, se novamente não ocorrer uma reação e uma estagnação, é preciso afastar as principais falhas. E essas falhas são, em primeiro plano: a falta de

Artigos

pessoas conscientes das obrigações sociais e a falta de um programa realista que de fato possa concentrar e interessar a coletividade das colônias. Um plano, um programa e um esforço perseverante e sistemático – essas são as orientações mais importantes (2005, p. 152).

O final das asserções de Gluchowski demonstra novidades no contexto da institucionalização étnica polonesa no Brasil. O Estado polonês renascido desde 1918 considerava importante vetor de ação política a comunidade emigrada, fruto da diáspora na América Latina. A diplomacia polonesa e outras entidades criadas na Polônia trabalhavam na criação de novas e em conjunto com as instituições existentes no Brasil. Também eram enviados instrutores educacionais e culturais formados na Europa para as colônias polonesas espalhadas pelo Sul do Brasil, o que gerava rivalidades com a organização local liderada pelo clero.

Gluchowski não deixa de mencionar as disputas internas entre os poloneses. Conflitos entre lideranças por razões religiosas, políticas, pessoais, entre outras, geravam, segundo o autor, a desorganização e não permitiam o desenvolvimento da comunidade polonesa, impedindo a criação de associações mais amplas que congregassem diferentes instituições e a própria continuidade das mais antigas. Em todos os grupos sociais (como os étnicos) existem divisões, referentes a variadas formulações, ainda mais quando remetem à constituição identitária grupal, que envolve posicionamentos e capacidade de enunciação e ativação de determinadas situações em relação a outras, ou seja, o potencial de “representação” que alguns porta-vozes têm nas disputas simbólicas.

Até os anos 1940, muitas sociedades polonesas foram criadas e outras se extinguíram. O fato é que, com a Campanha de Nacionalização levada a cabo durante o regime do Estado Novo (1937-1945) de Getúlio Vargas, houve uma certa desarticulação da sociabilidade imigrante, em geral, e polonesa, especificamente, no Brasil. As proibições relativas às comunidades imigrantes (imprensa, organização, uso do idioma, reuniões, etc.) trouxeram um impacto importante para a comunidade polonesa, o que é um tema ainda pouco estudado. O fato é que após o Estado Novo as instituições estrangeiras se

caracterizam por uma etnicização mais simbólica, de manutenção e promoção da identidade configurada no Brasil.

3. A CONFIGURAÇÃO DAS ORGANIZAÇÕES ÉTNICAS E O CONTEXTO DE ATUAÇÃO

As instituições são importantes para os seres humanos, pois permitem a realização de atividades que não lhes são fornecidas pelo seu equipamento biológico (BERGER, LUCKMAN, 1973). “As instituições são sempre produto de um processo histórico e visam estabelecer padrões para a cultura humana” (WEBER, 2008, p. 237). Nesse sentido, determinado grupo social pode se organizar e fundar instituições para diferentes fins. Estas instituições podem se tornar étnicas ao receberem significados simbólicos específicos ligados à etnicidade. Para tal empreendimento existe a necessidade de uma classe média, ou seja, um grupo com disponibilidade de tempo e recursos capaz de criar e manter ações de afirmação étnica:

el momento en que se percibe la presencia de una clase media es señal de una mayor adaptación del grupo a la sociedad. La existencia de un relativo número de miembros de clase media es fundamental para mantener determinados modos de afirmación étnica, como por ejemplo, publicaciones regulares o asociaciones recreativas o educativas con sede propia, las que corporizan su existencia y proveen de un lugar específico para variadas actividades. (WEBER, 2009, p. 29).

Segundo Barth, a definição de um grupo étnico se dá na interação social, geradora de processos de inclusão e exclusão, tendo como resultado a delimitação de fronteiras. Para a constituição destas, são escolhidos ou modificados traços que servem como elementos de distinção e de diferenciação social (STREIFF, POUTIGNAT, 1998), características compartilhadas, estabelecidas como símbolos identitários, as quais instituem a crença em uma origem comum, podendo ser reforçadas e/ou modificadas. Esta origem

Artigos

é buscada no passado a fim de estabelecer uma identidade de grupo, no caso, com predicados étnicos.

Em geral, essas instituições são constituídas no formato jurídico como por exemplo sociedades, clubes ou associações, e desse modo são “Organizações Não Governamentais” ou Organizações do “Terceiro setor”³. Para contextualizarmos o surgimento dos termos “Organizações Não Governamentais” e também Organizações do “Terceiro setor” trazemos algumas explicações de Albuquerque (2006), que de forma sistemática apresenta essa abordagem em vários países. Os dois termos citados anteriormente são recorrentemente utilizados no Brasil onde se nota a aplicação dessas mesmas denominações.

O termo “Terceiro Setor” vem da tradução de *third sector*, utilizado nos Estados Unidos também com outras expressões, como “organizações sem fins lucrativos” (*nonprofit organizations*) e “setor voluntário” (*voluntary sector*). Na Inglaterra, utilizam-se dois termos: “Caridades” (*charities*), termo de origem medieval que ressalta o aspecto de obrigação religiosa, e filantropia (*philantropy*), que é um conceito mais moderno e humanista em relação ao anterior. Na Europa continental predomina o termo “organizações sem fins lucrativos” (NGOs, ONGs em português) e a sua origem ocorreu a partir dos projetos realizados por representações das Organizações das Nações Unidas (ONU) em diversos países europeus. Ao estabelecerem cooperação internacional, nos anos de 1960 e 1970, surgem as ONGs com o objetivo de desenvolver projetos no “Terceiro Mundo” estabelecendo diversas parcerias. No Brasil e na América Latina utiliza-se o termo “sociedade civil”. Sua origem é do século 18, período no qual se desenvolvia uma proposta de “plano intermediário entre o Estado e a natureza pré-social, e inicialmente incluía organizações particulares que interagiam na sociedade – inclusive as empresas e seus negócios – limitadas pelos sistemas legais nacionais” (ALBUQUERQUE, 2006).

O termo sociedade civil “também pode ser entendido como um

3 Para entendermos a separação dos setores, conceitua-se o primeiro setor para a área governamental, o segundo setor para a iniciativa privada (empresas, indústrias e o comércio em geral) e o terceiro setor para essas organizações sociais, sem fins lucrativos.

| Artigos

conjunto de associações e organizações livres, não pertencentes ao Estado e não econômicas que, entretanto, têm comunicação com o campo público e com os componentes sociais”. Distinguem-se do Estado e promovem direitos coletivos e do mercado (ALBUQUERQUE, 2006, p.19).

Essas organizações da sociedade civil, de acordo com Albuquerque (2006, p.19), possuem características específicas que se diferenciam das características das empresas e das organizações governamentais:

- Fazem contraponto às ações do governo: os bens e serviços públicos resultam da atuação do Estado e também da multiplicação de várias iniciativas particulares.
- Fazem contraponto às ações do mercado: abrem o campo dos interesses coletivos para a iniciativa individual.
- Dão maior dimensão aos elementos que as compõem: realçam o valor tanto político quanto econômico das ações voluntárias sem fins lucrativos.
- Projetam uma visão integradora da vida pública: enfatizam a complementação entre ações públicas e privadas.

Note-se, portanto, que ao descrevermos as características dessas instituições podemos visualizar diversas organizações polono-brasileiras que surgiram em determinados contextos históricos para atender determinados fins que em muitos casos a área governamental brasileira não atendia de modo satisfatório, ou atendia de modo insuficiente as demandas apresentadas por esse grupo étnico.

Na atualidade, um dos maiores desafios dentro do contexto onde essas instituições estão inseridas, que é o terceiro setor, é criar um conceito comum para a área, que está seguindo para a nova nomenclatura: “Organizações da Sociedade Civil”. Essas organizações possuem interesses e necessidades compartilhadas por outras organizações, incluindo as mais diversas áreas e setores, sejam cultura, educação, saúde, social, esportiva, etc., e é onde as entidades polono-brasileiras estão inseridas.

Outro desafio na gestão é de que modo planejar as atividades dos voluntários, pois sabemos que eles representam a maioria dos indivíduos

Artigos

dessas entidades. Um bom plano para treinar e capacitar os voluntários atuantes pode facilitar e potencializar as possíveis parcerias com o governo e com as empresas, pois ambos têm muito a contribuir para a garantia de, no futuro, apoiar uma maior autonomia para essas organizações da sociedade civil e, portanto, as nossas organizações polono-brasileiras.

No Brasil, recentemente a Lei Federal 13.019, de 2014 vem sendo implementada para que tenhamos mais regulação no terceiro setor, ou para as organizações da sociedade civil, entre as quais estão as entidades culturais polono-brasileiras. O Marco Regulatório das Organizações da Sociedade Civil – MROSC é um conjunto de estratégias que busca melhorar a relação das Organizações da Sociedade Civil (OSCs) com o poder público, a sua sustentabilidade econômica e a obtenção de títulos e certificados.

Dentro dessa nova legislação que pretende regular as ações das Organizações da Sociedade Civil, estão ações como a unificação do conceito e da terminologia a ser utilizada por essas entidades. São as OSCs⁴: Creches e instituições para idosos; Comunidades terapêuticas; Cooperativas de produtores rurais, catadores/reciclagem, pessoas com deficiência, Apaes, esportivas, culturais etc. Para compreender suas características de acordo com esse novo marco legal, apresentamos a Tabela 1.

4 As OSCs são entidades privadas sem fins lucrativos, com personalidade jurídica própria e capazes de gerenciar suas próprias atividades. Elas atuam na promoção e defesa de direitos, em áreas como saúde, educação, cultura, ciência e tecnologia, desenvolvimento agrário, assistência social, moradia e direitos humanos, entre outras. Elas podem ser: Entidades privadas sem fins lucrativos; Sociedades cooperativas; Organizações religiosas.

Tabela 1: Características das Organizações da Sociedade Civil

Tipo de entidade	Características
Entidade privada sem fins lucrativos	Não distribui resultado ou sobra de qualquer natureza e os aplica integralmente na consecução de seu objeto social. É formada de duas formas: - Associação (união de pessoas com objetivos para o bem social da coletividade ou se restringir a um público menor – como no caso de clubes); ou - Fundação (formada a partir de um capital financeiro de empresas ou pessoas).
Sociedade Cooperativa	Está prevista na Lei Federal 9.867/99. É integrada por pessoa em situação de risco ou vulnerabilidade pessoal ou social. É alcançada por programas e ações de combate a pobreza e de geração trabalho/renda. É voltada para: - Fomento, educação, capacitação de trabalhadores rurais ou capacitação de agentes de assistência técnica e extensão rural; ou - Execução de atividade ou projeto de interesse público.
Organização religiosa	É disciplinada pela Lei Federal 10.825/03. Deve se dedicar a atividade ou projeto de interesse público e cunho social distintos de religiosos.

Fonte: http://www.almg.gov.br/hotsites/2016/mrosc?aba=js_a-nova-lei&subcontent:a-nova-leimodelos-juridicosexigenciasrecursos-e-gestaoacompanhamento=prestacao-de-contas-ha-novidades Acesso em 18 de agosto de 2016.

Diante do que foi exposto, apresentamos de modo atual em que contexto essas nossas entidades polono-brasileiras estão inseridas, pois sabe-se que vem ocorrendo uma série de novidades no marco legal que regulamenta o funcionamento das mesmas e que certamente impactarão na gestão. Esse é um assunto que interessa a toda a comunidade, tendo em vista o nível de

importância dessas entidades para nossa comunidade étnica.

Após essa abordagem propomos uma aproximação com o tema desse artigo, que são as entidades culturais polono-brasileiras e a problemática enfrentada por elas nas últimas décadas, tanto em aspectos de manutenção física, patrimonial e financeira e também no que se refere ao inexistente processo de sucessão de gestores.

4. O PROCESSO DE SUCESSÃO COMO INSTRUMENTO DE PERMANÊNCIA DAS INSTITUIÇÕES

Para nos situarmos em relação à essência do significado de sucessão, trazemos algumas contribuições de Comini *et al.*, (2008) que explica o termo: “A palavra latina *sub-cedere* significa suceder, alguém tomar o lugar do outro. Na sociologia, sucessão é relacionada ao grupo social que substitui o outro. Tradicionalmente, o conceito de sucessão refere-se à herança de bens, que são transmitidos diretamente para a família (COMINI *et al.*, 2008).

As questões problemáticas que envolvem esse tema da sucessão são muito antigas e remontam às primeiras organizações tribais. Esses processos são difíceis e envolvem diversas questões, desde “políticas, sociais e econômicas, no sentido de preservar o poder e a riqueza da família, priorizando o varão primogênito” (COMINI *et al.*, 2008).

E mesmo que esses processos sejam planejados, acabam sendo desgastantes e um tanto complexos justamente por tratar de algo importante, que é “a garantia da continuidade da organização”. Por isso de um modo ou de outro, planejado ou não, para o processo de sucessão é imprescindível “estabelecer as bases que vão regular o processo sucessório e preparar as mudanças para garantir a sustentabilidade da organização” (COMINI *et al.*, 2008).

Uma das perguntas, citada por Comini *et al.* (2008) e que permeia as discussões em um processo de sucessão é: “Quem será o próximo líder da organização?” Porém responder a essa questão não é garantia de manter a organização funcionando de modo adequado. Mais importante que isso, justamente porque se trata de entidades associativas que contam com diversos

| Artigos

membros, é preocupar-se em envolver esses membros e desse modo preparar a sucessão de uma forma que o funcionamento não seja prejudicado.

E de que modo então, preparar as instituições para debater internamente quando é chegado o momento da sucessão? Nessa pesquisa realizada por Comini *et al* (2008) constam apontamentos relevantes e que podem perfeitamente ser utilizados em nossas instituições polono-brasileiras:

O processo sucessório é um esforço sistemático da organização para garantir a continuidade da liderança, manter e desenvolver competências e conhecimento para o futuro, encorajando o seu crescimento. Seus principais objetivos são: alinhar os talentos existentes hoje com os líderes necessários no futuro, vencer desafios estratégicos e operacionais com as pessoas certas, nos diferentes momentos, além de garantir a continuidade da memória e cultura organizacional. Esse desejo de perpetuação apresenta-se como um dos principais vetores de um processo de sucessão e continuidade bem sucedido. No primeiro momento, traduz-se pela vontade do fundador de que a “criatura” vá além da existência do criador. Mais tarde, nas transições futuras, deve surgir a consciência de que esse é um processo dinâmico, em constante evolução e que não depende apenas de uma pessoa (comini *et al*, 2008).

Outra questão que pode confundir e que tem sido frequente nas discussões de nossas entidades são duas palavras que em verdade possuem significados diferentes, embora complementares: sucessão e continuidade. Trazemos mais uma vez a contribuição de Comini *et al* (2008):

Sucessão reflete o aspecto sequencial da transição, quando uma situação precisa terminar e ser “sucedida” por outra. Continuidade refere-se à parte do mundo presente que precisa ser preservada na nova era. Ambas, com o equilíbrio adequado, são necessárias para minimizar as consequências perturbadoras da transição de dirigentes ou fundadores (COMINI *et al*, 2008).

Uma das características das nossas organizações polono-brasileiras é a de que elas são fundadas por grupos de pessoas engajadas e que amam sua cultura e sua etnia. Têm forte vínculo com suas origens e desse modo envolvem-se emocionalmente de modo muito significativo. Essas questões permeiam o estudo de Comini *et al* (2008), que aponta alguns conflitos no processo sucessório:

O duelo de “passar a tocha”, no qual o sucedido se defronta com a incerteza e a dúvida na transmissão do poder. Qual a melhor saída para este problema? Permanecer na organização até a morte? Escolher um sucessor dentro da organização, um membro da família ou outra pessoa qualificada do mercado? Buscar parcerias com outras organizações ou repassar um patrimônio que levou décadas para ser construído? (COMINI *et al*, 2008).

Outros conflitos, como resistência, receio de perder tudo que foi construído, entre outros pensamentos, acabam tomando conta dos líderes fundadores:

A resistência do líder fundador em deixar o poder e passar a fazer parte de um conselho de administração ou afastar-se da organização, canalizando suas energias para outras atividades, é o primeiro fator de conflito na sucessão. Esta resistência carrega um fator emocional muito forte, onde o sucedido sempre acha que é cedo demais para tocar no assunto. Junta-se a isto o medo de ver alguém destruir um sonho construído com muito suor e garra, e que pode alterar a cultura organizacional estabelecida a qual reflète na sua essência a alma e o caráter de seu fundador (COMINI *et al*, 2008).

Quanto à questão que envolve a escolha do novo sucessor,

É fundamental que a escolha ocorra quanto antes, possibilitando maior

| Artigos

flexibilidade na estrutura da transição, podendo-se testar pessoas que já atuam dentro da organização em diferentes papéis, avaliando sua maturidade, compromisso, e permitindo ao sucedido guiar este processo, contribuindo para o desenvolvimento e legitimidade do seu sucessor (COMINI et al, 2008).

E para o caso onde ocorrem disputas de possíveis sucessores:

nestes casos, este conflito pode ser amenizado quando o processo sucessório é planejado e organizado, no momento em que se define quem deveria assumir a direção da organização. Caso contrário, o que se vê são desencontros e desentendimentos. A falta de decisões claras pode, no seu limite, abalar a cultura organizacional e ocasionar uma desestruturação da organização (Comini *et al*, 2008).

A garantia da continuidade de uma organização depende de vários fatores, e entre eles está um bom plano sucessório. Mas recomenda-se que seja um processo vivo e dinâmico, pois de nada adianta apenas cumprir uma exigência estatutária. As organizações são vivas, modificam-se com o tempo e entre tantas demandas que devem ser cumpridas, desde mudanças no marco legal, alterações fiscais, civis e tributárias, é necessário também adaptar-se às alterações da própria sociedade. E essa abertura só será possível quando as entidades se tornarem flexíveis e abertas às mudanças.

Em alguns casos estabelecer e consolidar uma forte missão institucional pode contribuir para a garantia de suas ações. Em outros casos, talvez seja necessário escolher um líder executivo contratado para executar as atividades de funcionamento da entidade, realizando a missão e os valores da mesma.

Por fim, ao se iniciar o processo de sucessão é importante que o novo líder esteja próximo da gestão, acompanhando o dia a dia da entidade e da mesma forma, após a sucessão, é importante que o líder anterior se afaste e permita que esse novo líder enfim possa fazer seu trabalho.

5. CONCLUSÃO

Neste artigo procuramos realizar uma revisão de bibliografia que pudesse contribuir para contextualizar a problemática de nossas entidades polono-brasileiras, desde a origem das primeiras organizações até aspectos que envolvem a constituição jurídica e os planos de sucessão.

Consideramos importante abordar os movimentos que originaram as primeiras organizações e de que modo elas vieram se configurando ao longo das décadas, para que possamos ressaltar a importância nesse processo histórico de consolidação das mesmas.

Quando consideramos o aspecto da constituição jurídica dessas entidades foi para tentar trazer à tona de que forma essas entidades vieram se organizando ao longo dessas décadas, tanto nas fusões que ocorreram quanto na adequação legal que necessitaram fazer quando a legislação brasileira assim o exigia. Por exemplo, recentemente vem sendo discutido o novo marco regulatório das organizações da sociedade civil, e em algum momento essa nova legislação impactará nessas entidades.

A identificação dos aspectos da ausência de planos de sucessão foi por levar em consideração, a partir da observação empírica desses pesquisadores, de que essa prática não ocorre nessas entidades e que, de acordo com a literatura levantada, pode colocar em risco a permanência e continuidade de importantes organizações e projetos que envolvem o patrimônio material e imaterial polono-brasileiro.

Por fim, agradecemos pela oportunidade de, a partir de nossas pesquisas no campo da história e das políticas públicas, podermos contribuir para a publicação *Polonicus*, que já se consolida como uma importante fonte de pesquisa do universo polono-brasileiro em diversos campos de estudo.

| Artigos

Referências

ALBUQUERQUE, Antônio Carlos Carneiro de. *Terceiro setor: história e gestão de organizações*. São Paulo: Summus Editorial, 2006.

BERGER, Peter L., LUCKMANN, Thomas. *A construção social da realidade. Tratado de sociologia do conhecimento*. Petrópolis: Vozes, 1973.

COMINI, Graziella Maria; BECHILIA, Gisleyne; CASALI, Laura; BROWN, Suzanna. *Dilemas e Desafios do Processo Sucessório em Organizações Brasileiras sem Fins Lucrativos: um estudo de casos*. XXXII Encontro da ANPAD, Rio de Janeiro, setembro de 2008.

GLUCHOWSKI, Kazimierz. *Os poloneses no Brasil – Subsídios para o problema da colonização polonesa no Brasil*. Porto Alegre: Rodycz & Ordakowski Editores, 2005.

RENK, V. E. . Escolas étnicas ucranianas e polonesas no Paraná: entre a legalidade e a manutenção da identidade étnica. In: *VII Congresso Brasileiro de História da Educação*, 2013. Cuiabá: FAPEMAT – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Mato Grosso, 2013. v. 1. p. 1-15.

STREIFF, Xocelyne Fenart & POUTIGNAT, Philippe. *Teorias da etnicidade*. São Paulo: Ed. UNESP, 1998.

WACHOWICZ, Ruy C. A “Febre Brasileira” na imigração polonesa. In: *Anais da comunidade brasileiro-polonesa*. Curitiba: Imprimax Ltda., v. I., 1970.

_____. *O camponês polonês no Brasil: raízes medievais da mentalidade emergente*. Tese à Docência Livre, Curitiba, 1974.

WEBER, Regina. Grupos étnicos, estratégias étnicas. In: SIDEKUM, Antonio, GRÜTZMANN, Ingrid, ARENDT, Isabel Cristina (orgs.). *Campos múltiplos*. São Leopoldo: Oikos, 2008.

RESUMO – STRESZCZENIE

Artykuł omawia powstanie pierwszych organizacji polsko-brazylijskich założonych kiedyś przez polskich imigrantów i do dziś utrzymywanych przez ich potomków. Następnie autorzy poruszają sprawę związaną z różnymi przejawami złożonego dostosowania prawnego, przez które przeszły w ostatnich latach tego typu organizacje, poprzez połączenia między sobą czy uzgodnienia z powodu zmian w prawodawstwie brazylijskim. W końcu, między różnymi aspektami dotyczącymi administracji tych organizacji, autorzy zwracają uwagę na temat ważny, ale często nie brany pod uwagę przez zarządy, czyli na plany dziedziczenia tych organizacji, ponieważ one gwarantują trwałość i ciągłość ważnych projektów, obejmujących spuściznę materialną i niematerialną wielu pokoleń polonijnych.

IDENTIDADE(S) E MEMÓRIA: ESPAÇOS DE PRESERVAÇÃO E RESSIGNIFICAÇÃO

*Thaís Janaina WENCZENOVICZ**

INTRODUÇÃO

Pensar a constituição do Brasil e analisar a memória histórica perpassa notoriamente por considerar os espaços de memória. A memória nada mais é que a possibilidade de integração e pertencimento dos grupos sociais a um determinado espaço geográfico e sua historicidade.

Nesse aspecto, a devida reflexão tem por objetivo apresentar alguns espaços de memória que colaboram com a guarda e ressignificação dos espaços e que designam entre seus objetivos salvaguardar a participação dos imigrantes poloneses no Brasil.

Recuperar e preservar a memória de uma comunidade ou grupo social é dar sentido e significado à sua existência anterior. No entanto, essa (re) elaboração teórica do passado traz implícita uma nova opção: a diversidade étnica. Mesmo porque, a história, ao longo do tempo, como aponta Walter Benjamin, acabou tendo uma afinidade afetiva com apenas alguns grupos. É preciso, sistematicamente, (re)construir o passado a partir da significância da ação humana. Conseqüentemente, cabe a todos o comprometimento da reescrita à luz da emergência dos conflitos, da divergência, dos elementos obscuros, bem como da minimização de alguns segmentos.

O devido ensaio tem por objetivo elencar alguns municípios do Estado do Rio Grande do Sul que possuem espaços de guarda e preservação de memória através de Arquivos Históricos, Galerias e Museus, tendo por objeto central a memória local.

* Docente Adjunta e Pesquisador Sênior – Universidade Estadual do Rio Grande do Sul/UERGS.

Enquanto espaço de pesquisa foram realizadas buscas nos acervos digitais do Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul¹ e Memorial do Rio Grande do Sul² – localizados em Porto Alegre, Secretaria de Cultura do Estado do Rio Grande do Sul, Secretarias Municipais de Educação – contato direto com os secretários municipais, Associações de Comunitárias e as Igrejas (Cristãs Católicas e Luteranas) no período de junho de 2014 a dezembro de 2015.

1. SOBRE MEMÓRIA E PRESERVAÇÃO

Segundo Henri Bergson, não há percepção que não esteja impregnada de algum tipo de lembrança. Nesse contexto, pode-se afirmar que a memória é o lado subjetivo do nosso conhecimento das coisas e dos relacionamentos com aspectos materiais da vida cotidiana. A percepção e a consciência são importantes para a formação da representação imagética da lembrança.

1 A história do Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul inicia em 1906, com a criação do Arquivo Público do Estado–APERS. Em 1925 foi anexado ao Museu Júlio de Castilhos, quando surgiu a denominação hoje corrente, de Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul. Seu surgimento como instituição independente, porém, ocorreu somente em 29 de janeiro de 1954, quando foi criada a Divisão de Cultura da Secretaria de Educação e Cultura. A instituição tem como função primordial a guarda e a conservação da documentação histórica de origem pública e privada. Seu acervo remonta aos primeiros anos de ocupação efetiva do solo rio-grandense pela Coroa Portuguesa. Além da documentação proveniente das várias funções exercidas pelo Poder Público, o AHRHS destaca-se pelos arquivos particulares recebidos através de doação ou compra, como por exemplo: Borges de Medeiros/ Sinval Saldanha, João Neves da Fontoura, Francisco Brochado da Rocha, Alfredo Varela e outros. Além disso, existe farta documentação sobre a colonização do estado por imigrantes.

2 Foi criado através de um convênio entre o governo federal e o governo estadual, em setembro de 1996, como um centro histórico voltado para a preservação da cultura gaúcha. O prédio dos Correios e Telégrafos, construído entre os anos de 1910 e 1914, e tombado em 1980 pelo Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, foi escolhido para ser a sede da instituição. O acordo de cedência do prédio implicou na criação de um Museu Postal e de uma Agência Filatélica, mantendo uma vinculação do local com as suas funções originais. Após um processo de restauração, objetivando preservar suas características originais e adequá-lo para a instalação do Memorial, o prédio, de 3.600m², foi adaptado às novas funções, recebendo infraestrutura necessária, como a climatização das áreas destinadas ao Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul e às Salas do Tesouro. Desse modo surgiu o centro de informação e divulgação da história do Estado, onde estão reunidos objetos, mapas, gravuras, fotos, livros, imagens iconográficas e depoimentos importantes sobre os principais fatos ocorridos no Rio Grande do Sul. O acervo está exposto através de uma concepção museográfica moderna aliada a novas tecnologias, permitindo, assim, a integração com o público e o fácil entendimento dos conteúdos.

| Artigos

Com efeito, ela é a sobrevivência do passado. Este, sublinha Ecléa Bosi, se conservando no espírito de cada ser humano, aflora à consciência na forma da imagem-lembrança, sendo sua forma para os sonhos e devaneios. Sem lembrança não há memória, nem a possibilidade de recuperá-la. Por fim, convém ressaltar que a lembrança envolve aspectos subjetivos do relacionamento de um indivíduo com a família, com a classe social, com a escola. Em suma, com os vários grupos de convívio humano e as várias referências peculiares e inerentes a eles.

De acordo com uma passagem de Pierre Nora retomada por Jacques Le Goff em seu verbete sobre a “Memória”, a Memória Coletiva seria concebida como “o que fica do passado no vivido dos grupos ou o que os grupos fazem do passado” (LE GOFF, 1990, p.472-473). Ainda o mesmo autor afirma:

[há] os lugares topográficos, como os arquivos, as bibliotecas e os museus; lugares monumentais como os cemitérios e arquiteturas; lugares simbólicos como as comemorações, as peregrinações, os aniversários ou os emblemas; lugares funcionais, como os manuais, as autobiografias ou as associações.

Mas há, por fim, aquilo que se pode chamar de ‘lugares por trás dos lugares’, aqueles nos quais iremos encontrar não a produção ou elaboração da memória coletiva, mas os seus criadores maiores, as forças que impõem a memória coletiva de modos diversos, gerando os lugares de memória mais específicos. São estes ‘lugares por trás dos lugares’ “os Estados, os meios sociais e políticos, as comunidades de experiências históricas ou de gerações, levadas a constituir os seus arquivos em função dos usos diferentes que fazem da memória” (LE GOFF, 1990, p.473).

Ao registrar a memória de certos grupos que viveram determinada experiência, é possível reunir a experiência comum que partilharam, como corrobora a explanação de Nora (1993):

Quando a memória não está mais em todo lugar, ela não estaria em lugar algum se uma consciência individual, numa decisão solitária, não decidisse

dela se encarregar. Menos a memória é vivida coletivamente, mais ela tem necessidade de homens particulares que fazem de si mesmos homens-memória.

Na maior parte das vezes lembrar não é somente reviver mas, sobretudo, refazer, reconstruir, repensar com imagens e representações de hoje as experiências vivenciadas no passado. Memória não é só sonho, é também trabalho. Lembrar é, em uma palavra, construir uma imagem por materiais que estão, agora, à nossa disposição no conjunto de representações que povoam nossa consciência. Entretanto, o instrumento decisivo para lembrar é a linguagem. Aliás, é nela que praticamente tudo acontece. Ela reduz, unifica e aproxima no mesmo espaço histórico e cultural as imagens lembradas, que não são criações individuais, mas representações sugeridas por situações vividas coletivamente pelo indivíduo em seu meio social. Assim, as convenções produzidas em sociedade, especialmente verbais, constituem o quadro ao mesmo tempo mais elementar e mais estável da memória coletiva. Não há como negar que na memória sempre fica o que marcou individual e coletivamente. (MASSEI, 2016)

2. ESPAÇOS DE GUARDA E MEMÓRIA NO RIO GRANDE DO SUL:

Em um mundo onde a globalização e a pós-modernidade tem trazido consequências no tocante às identidades locais, os espaços de memória (Arquivos, galerias e museus) adquirem uma importância vital para a sua preservação, contribuindo em simultâneo para que essas mesmas identidades possam permitir aos cidadãos refletirem sobre a sua coletividade, a sua identidade, bem como sua cotidianidade.

A respeito da memória de grupos, Pollak propõe a introdução do conceito de enquadramento de memória, no qual historiadores – e pesquisadores, têm papel preponderante. E há ainda o trabalho da própria memória em si, por sua manutenção, coerência, unidade, continuidade, organização.

Artigos

Nesse diapasão, inscrevem-se abaixo os municípios nos quais estão disponibilizados fragmentos da memória individual ou coletiva de diversos grupos étnicos, com destaque aos da imigração polonesa no Brasil.

Tabela 1 – Espaços de Memória (Imigração Polonesa) no Estado do Rio Grande do Sul

Município	Documento/Série Documental	Acervo	Acessibilidade	Outras Informações
Alegria	Livros de registro de batizados, óbitos e Tombo Objetos do cotidiano dos imigrantes	Paróquia São Sebastião Museu Municipal	Exige agendamento Livre acesso	Em catalogação
Alpestre	Livros de registro de batizados, óbitos e Tombo	Paróquia São Francisco de Assis	Exige agendamento	Sem catalogação
Antônio Prado	Galeria de Imagens, Livro Tombo	Paróquia Sagrado Coração de Jesus	Exige agendamento	Acervo catalogado e em bom estado de conservação
Áurea	Atestados de natalidade e óbitos. Escrituras territoriais	Cartório de Registros Notariais e de Serviços		Acervo catalogado e em bom estado de conservação.
	Livros de registro de batizados, óbitos e Tombo		Exige liberação	Documentos dos séculos XIX e XX
	Objetos de uso pessoal (Parteira), livros e Revistas Fotografias, livros e Revistas	Paróquia Nossa Senhora do Monte Claro	Exige liberação	Acervo em bom estado de conservação
	Objetos históricos, fotografias, livros e revistas	Arquivo particular de Maria Volt	Livre acesso	Não catalogado
	Objetos históricos, fotografias, livros e revistas	Arquivo particular de Gema Precheski	Livre acesso	Não catalogado
	Objetos históricos, fotografias, livros, móveis e revistas. A própria construção do espaço é um marco na memória – já que serviu anterior a se tornar um Museu como a casa de uma família de Imigrantes Poloneses	Museu Municipal João Modtkowski Casa do Imigrante Família Popoawski	Livre acesso	Parcialmente catalogado. Documentos dos séculos XIX e XX Acervo catalogado e em bom estado de conservação
Campina das Missões	Livros de registro de batizados, óbitos e Tombo	Igreja Matriz Campina das Missões	Exige liberação	Não catalogado

Artigos

Cândido Godói	<p>Livros de registro de batizados, óbitos e Tombo</p> <p>Artefatos, móveis e outros objetos antigos da colonização do município e também exposição do "Fenômeno dos Gêmeos".</p>	<p>Igreja Matriz Cândido Godói</p> <p>Museu Histórico Municipal</p>	<p>Exige liberação</p> <p>Livre acesso</p>	<p>Não catalogado</p> <p>Acervo catalogado e em bom estado de conservação</p>
Carlos Gomes	<p>Livros de registro de batizados, óbitos e Tombo</p> <p>Fotografias, obras em polonês e cartões postais da Polônia (diversas épocas)</p>	<p>Igreja Matriz Sant'Ana Família Gorski</p>	<p>Exige liberação</p> <p>Livre acesso</p>	<p>Não catalogado</p>
Casca	<p>Livros de registro de batizados, óbitos e Tombo</p>	<p>Paróquia São Luís Gonzaga</p>	<p>Exige liberação</p>	<p>Não catalogado</p>
Centenário	<p>Livros de registro de batizados, óbitos e Tombo</p>	<p>Paróquia André Bobola</p>	<p>Exige liberação</p>	<p>Não catalogado</p>
Cristal do Sul	<p>Livros de registro de batizados, óbitos e Tombo</p>	<p>Capela Nossa Senhora Imaculada Conceição</p>	<p>Exige liberação</p>	<p>Não catalogado</p>
Dezesseis de Novembro	<p>Livros de registro de batizados, óbitos e Tombo</p>	<p>Igreja Matriz. Foi (pioneiro) João Paulo Ricachewski</p>	<p>Exige liberação</p>	<p>Não catalogado</p>
Dom Feliciano	<p>Artefatos, móveis e outros objetos antigos da colonização do município</p> <p>Livros de registro de batizados, óbitos e Tombo</p>	<p>Casa da Cultura e Museu Municipal</p> <p>Paróquia de Nossa Senhora de Czestochowa</p>	<p>Livre Acesso</p> <p>Exige liberação</p>	<p>Acervo catalogado e em bom estado de conservação.</p>
Erechim	<p>Documentos, passaportes, fotografias e bibliografia oficiais</p> <p>Fotografia e Livros de Atas. Depoimentos Oraís</p>	<p>Arquivo Histórico Público Municipal Miguel Juarez Illa Fonte</p> <p>Sociedade Recreativa Rui Barbosa</p>	<p>Livre Acesso</p> <p>Livre Acesso</p>	<p>Acervo catalogado e em bom estado de conservação. Documentos dos séculos XIX e XX</p> <p>Acervo catalogado e em bom estado de conservação.</p>
Ernestina	<p>Artigos religiosos de forma ecumênica, instrumentos agrícolas e de trabalho, utensílios domésticos e decoração, peças indígenas, coleções e fotografias</p>	<p>Museu Municipal Dona Ernestina</p>	<p>Livre Acesso</p>	<p>Acervo catalogado e em bom estado de conservação. Documentos dos séculos XIX e XX</p>
Frederico Westphalen	<p>Documentos, passaportes, fotografias e bibliografia oficiais</p> <p>Livros de registro de batizados, óbitos e Tombo</p>	<p>Museu Municipal Wülton Jehovah Lutz Farias</p> <p>Igreja da matriz Santo Antônio</p>	<p>Livre Acesso</p> <p>Exige liberação</p>	<p>Acervo catalogado e em bom estado de conservação.</p> <p>Não catalogado</p>

Artigos

Guarani das Missões	Fotografias e depoimentos orais	Sociedade Católica Polonesa Linha Bom Jardim	Livre acesso	Não catalogado
	Objetos do cotidiano e fotografias	Museu Municipal Helena Carolina – Funciona no prédio doado pela Família Polanczyk	Livre acesso	Acervo catalogado e em bom estado de conservação.
	Imagens sacras e livro Tombo	Santuário Nossa Senhora Czestochowa	Livre acesso	Acervo catalogado e em bom estado de conservação.
Gaurama	Fotografias, Objetos do cotidiano e Passaportes	Museu Municipal Irmã Celina Schardong	Livre acesso	Acervo em bom estado de conservação. Possui aproximadamente 500 peças
Getúlio Vargas	Fotografias, documentos públicos municipais, biblioteca	Instituto Histórico e geográfico de Getúlio Vargas	Livre acesso	Acervo catalogado. Bom estado de conservação
	Livros de registro de batizados, óbitos e Tombo	Paróquia Imaculada Conceição	Exige liberação	
Ijuí	Obras diversas, fotografias e depoimentos orais	Biblioteca e Arquivo do Museu Diretor Pestana/Unijuí	Livre acesso	Acervo catalogado. Bom estado de conservação
Mariana Pimentel	Livros de registro de batizados, óbitos e Tombo	Paróquia Nossa Senhora do Rosário	Exige Liberação	Não catalogado
Nova Prata	Livros de registro de batizados, óbitos e Tombo Objetos do cotidiano colonial e fotografias	Igreja Matriz São João Batista	Exige liberação	Não catalogado Acervo catalogado. Bom estado de conservação
		Museu Municipal Domingos Batisttel	Livre Acesso	
Palmeira das Missões	Mapas da ocupação de terras, registro de ingresso de imigrantes	Museu Municipal Dr. Dorvalino Luciano de Souza	Livre Acesso	Acervo catalogado e em razoável estado de conservação. Documentos dos séculos XIX e XX
Planalto	Livros de registro de batizados, óbitos e Tombo	Paróquia Nossa Senhora das Graças	Exige liberação	Parte do Acervo encontra-se na Mitra de Frederico Westhapalen
Porto Alegre	Atas, Lista de Ingressos, fotografias	Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul	Exige liberação	Acervo catalogado e em bom estado de conservação. Documentos dos séculos XVIII, XIX e XX
	Biblioteca, Documentos Oficiais das Colônias, Mapoteca, Hemeroteca, Fotografias diversas	Instituto Histórico e Geográfico	Exige liberação	Acervo catalogado e em bom estado de conservação.

Artigos

	Biblioteca - obras em língua polonesa e portuguesa	Sociedade Polônia de Porto Alegre	Livre Acesso	Acervo com grande quantidade de obras - 5000 exemplares. Bom estado de conservação
	Fundos Pessoais Privados de Médicos, Práticos e Memorialistas, depoimentos, fotografias, objetos históricos. Destaque para fontes referente ao médico polonês Pedro Luiz Napoleão Chernovicz	Museu de História da Medicina	Livre Acesso	Acervo com grande quantidade de obras Bom estado de conservação e catalogado
Rio Grande	Atas de Fundação da Sociedade, Livros de Atas que relatam aspectos socioculturais e desenvolvimento do grupo étnico na cidade e região. Fotografias	Sociedade Cultural Águia Branca – Towarzystwo Kulturalne Orzel Biały	Livre Acesso	Acervo em bom estado de conservação. O prédio da Sociedade Águia Branca compõe um dos espaços de memória arquitetônica da metade Sul
Santa Maria	Acervo documental da administração pública municipal de Santa Maria/RS (1868 a 1975) Acervo iconográfico com imagens que ilustram a história e evolução do município e região Acervo bibliográfico: obras de referência sobre Santa Maria/RS e assuntos em geral Coleção de jornais local, regional, nacional e internacional (1853 até nossos dias) Coleção de moedas nacionais (1938 a 1986) Coleção de revistas nacionais (1968 até os dias atuais) Coleção do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Maria	Museu Municipal Santa Maria	Livre Acesso	Acervo catalogado e em bom estado de conservação. Possui mais de 100.000 documentos no total e em torno de 10% correspondente a imigração
Santo Antônio da Patrulha	Documentos públicos, fotografias e jornais relacionados à história do município e imigrantes.	Fundação Museu Antropológico Caldas Júnior	Livre acesso	Acervo em bom estado de conservação e catalogado parcialmente
São Marcos	Peças Sacras, fotografias e quadros. Biblioteca Livros de registro de batizados, casamentos, óbitos e Tombo	Museu Paroquial Paróquia de São Marcos	Livre acesso Exige liberação	Acervo catalogado e bom estado de conservação. É um dos pontos turísticos da cidade Acervo catalogado e em bom estado de conservação e não catalogado

*Tabela elaborada pela autora. Erechim, 2015.

| Artigos

As informações contidas nos Livros Paroquiais presentes nos espaços de memórias pesquisados seguem em sua maioria 3 níveis de descrição:

- 1 - Nome e numeração nos Livros (em ordem crescente). Uso predileto dos números arábicos;
- 2 - Nome, ano e localização no livro – com base na catalogação desenvolvida pela Mitra;
- 3 - Nome, data completa e localização do livro – seguido de pequeno índice em caderneta avulsa.

Atualmente grande de pedidos para o manuseio dessas fonte – Livros Paroquiais - se dão por parte de pedidos dos fiéis a fins de comprovar endereço, idade, ou outras necessidades legais. Essa pesquisa é realizada pelo pároco ou funcionário da Secretaria Canônica. Demais pesquisadores – somente sob autorização do responsável pelo Arquivo e Patrimônio da Igreja ou Mitra.

A pesquisa nos registros paroquiais pode ser feita, considerando:

- apenas um nome (Homem ou Mulher)
- os dois nomes de um casal pretendido (Casamentos)
- um nome, de homem ou mulher, e os dos pais (ou só pai/só mãe), no caso de se tratar do livro de Batismo ou data em que se deu o ritual religioso.³

Ao nos referirmos a Patrimônio Documental da Igreja, devemos ressaltar que nos referimos não apenas a documentos escritos em suporte papel, mas também à documentação iconográfica, audiovisual, multimeios. A Igreja dá grande importância à documentação por ela produzida, principalmente à documentação das dioceses e paróquias, a respeito da qual trata o Direito Canônico, normatizando que a documentação seja custodiada com diligência e responsabilidade.

O atual Código de Direito Canônico, promulgado em 1983, no cânon 535 parágrafos de 1º ao 5º dispõe da maneira seguinte acerca dos livros paroquiais:

§ 1 - Em cada paróquia, haja os livros paroquiais, isto é, o livro de batizados, de casamentos, de óbitos, e

3 Nomes e sobrenomes de imigrantes poloneses em alguns casos sofreram alteração da grafia trazida no passaporte.

outros, de acordo com as prescrições da Conferência dos Bispos ou do Bispo Diocesano; cuide o pároco que esses livros sejam cuidadosamente escritos e diligentemente guardados.

§ 2 - No livro de batizados seja anotada também a confirmação, como ainda o que se refere ao estado canônico dos fiéis, por motivo de matrimônio, salva a prescrição do cân. 1133, por motivo de adoção, de ordem sacra recebida, de profissão perpétua emitida em instituto religioso e de mudança de rito; essas anotações sejam sempre referidas na certidão de batismo.

§ 3 - Cada paróquia tenha o próprio selo; as certidões que se dão a respeito do estado canônico dos fiéis, como também os atos que podem ter valor jurídico, sejam assinados pelo pároco ou por seu delegado e munidos com o selo da paróquia.

§ 4 - Em cada paróquia haja um cartório ou arquivo, em que se guardem os livros paroquiais, juntamente com as cartas dos Bispos e outros que devem ser conservados por necessidade ou utilidade; tudo isso, que deverá ser examinado pelo Bispo Diocesano ou seu delegado na visita canônica ou em outro tempo oportuno, o pároco cuide que não chegue a mãos de estranhos.

§ 5 - Também os livros paroquiais mais antigos, sejam guardados diligentemente, de acordo com as prescrições do direito particular.⁴

Sobre Arquivos Particulares constantes no Estado do Rio Grande do Sul, pode-se citar:

4 FONTES, Paulo F. O, ROSA, M^a. de Lurdes. **Arquivística e arquivos religiosos: Contributos para uma reflexão**. Centro de Estudos de História Religiosa/Universidade Católica Portuguesa, Lisboa, 2000.

Tabela 2 – Arquivos Particulares no Rio Grande do Sul

Município	Total de Habitantes	OBS
Porto Alegre • Caxias do Sul • Pelotas • Canoas	300 MIL HABITANTES OU MAIS	Possuem diversos Arquivos Particulares os quais não foram possíveis de mapear
Santa Maria • Gravatá • Viamão • Novo Hamburgo • São Leopoldo • Alvorada	200 MIL HABITANTES OU MAIS	Possuem diversos Arquivos Particulares os quais não foram possíveis de mapear
Rio Grande • Passo Fundo • Uruguaiana • Sapucaia do Sul • Santa Cruz do Sul • Bagé • Cachoeirinha • Bento Gonçalves	100 MIL HABITANTES OU MAIS	Possuem diversos Arquivos Particulares os quais não foram possíveis de mapear

*Tabela elaborada pela autora. Erechim, 2015.

CONCLUSÃO

À guisa de conclusão é necessário sinalizar a necessidade de uma efetiva política de proteção ao Patrimônio Histórico e Cultural brasileiro. Afinal, através dessa manutenção do passado ocorrem as ações de entrelaçamento entre a identidade e o pertencimento dos grupos sociais. O exercício da cidadania é uma prática que se impõe à cultura, e o acesso a bens culturais é um direito que deve ser reivindicado como outro qualquer.

Nesse contexto, permitir que os municípios e Estados tenham e efetivem a prática da guarda e ressignificação da memória corresponde a

garantir um direito fundamental. De um total de 497 municípios no Estado do Rio Grande do Sul, foram encontrados 28 com a possibilidade de guarda de fontes primárias, secundárias e museológicas que indicam a presença da Imigração Polonesa. Os documentos versam sobre registro, chegada e instalação dos imigrantes e aspectos de sua coletividade (artes, música, religião, dentre outros).

Grande parte dos espaços contam com a participação efetiva (investimento de rubricas) e não efetiva (apenas apoio) para a manutenção e conservação dos acervos. Nas cidades em que há a presença de Instituições de Ensino Superior as mesmas costumam desenvolver ações diretas (Estágios e Projetos de Extensão) e indiretas (sensibilização da comunidade acadêmica) para com os locais de preservação. Entretanto, observa-se na maioria dos municípios uma espécie de apoio voluntariado por parte de alguns segmentos sociais.

Muitos dos prédios que abrigam os espaços de memória local e regional encontram-se em estado precário de conservação, o que leva a muitos dirigentes buscarem apoio com a comunidade ou ONGs para preservarem os acervos. Os dirigentes são unânimes em afirmar que a preservação desses espaços incide diretamente nos traços culturais-históricos, muitas vezes irreproduzíveis, de patrimônio intangível especialmente frágil, e tangível que resulta de décadas de especialização e de identidades ameaçadas pela uniformização de uma era global que fomenta a progressiva perda de identidades.

Desse modo, através deste ensaio, demonstra-se que, através da implementação e preservação de uma rede de arquivos, galerias e museus nos diversos municípios do Estado do Rio Grande do Sul, tende-se ao reforço da autoestima e identidades locais que ao longo de sucessivas décadas, e devido às características locais específicas, foram sendo minimizadas.

Para além de se apresentar como um meio de reflexão e discussão sobre a sua realidade e potencial local, proporcionando uma forma de desenvolvimento social, funcionam também como fomento e implementação do turismo (sustentável) nos municípios, reforçando e potencializando as distintas regiões e diversificando a economia local.

| Artigos

Referências

ARENDDT, Hannah. **Entre o passado e o futuro**. São Paulo: Perspectiva, 1972.

BARROS, José D' Assunção. **História e Memória - uma relação na confluência entre Tempo e Espaço**. Mousseion. vol.3, nº5.jan/jul.2009.

BENJAMIN, Walter. O Narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: _____. **Magia e Técnica; Arte e Política**. (Obras Completas) 3ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BOIS, Ecléa. **Memória e Sociedade**. 2ª ed. São Paulo: T. A. Queiroz/EDUSP, 1987.

PEIXOTO, Nelson Brissac. O olhar do estrangeiro. In.: NOVAES, Adauto (org.). **O olhar**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, pp.: 361-365.

FONTES, Paulo F. O, ROSA, Mª. de Lurdes. **Arquivística e arquivos religiosos: Contributos para uma reflexão**. Centro de Estudos de História Religiosa/ Universidade Católica Portuguesa, Lisboa, 2000.

NORA, Pierre; LE GOFF, J., CHARTIER, R. E REVEL, J. (orgs). **Mémoire collective**. La nouvelle histoire. Paris: Retz, 1978.

_____. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Projeto História. In: **Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP**, n. 10. São Paulo, dez.- 1993.

Fontes eletrônicas

MASSEI, Roberto. **Do direito à memória**. Disponível em: <http://www.avesso.net/memoria.htm>. Acesso em 20 de outubro de 2016.

RIO GRANDE DO SUL. **Instituições**. Disponível em: <http://www.cultura.rs.gov.br/v2/instituicoes-sedac/instituto-2>. Acesso em 20 de outubro de 2016.

RESUMO – STRESZCZENIE

Autorka publikowanego artykułu stara się podkreślić znaczenie pamięci w zachowaniu tożsamości polskiej emigracji w stanie Rio Grande do Sul. Wymienia miejscowości, z którymi związana jest historia polskiego osadnictwa i wskazuje instytucje przechowujące archiwa, a także prywatne zbiory, które pomogą badaczom nie tylko w zrozumieniu i przybliżeniu historii naszych emigrantów, ale także w zachowaniu pamięci o nich.

SEMELHANÇAS ESTRUTURAIS E DIFERENÇAS NA MÍDIA POLÔNICA NO BRASIL À LUZ DA ANÁLISE DO SEU CONTEÚDO

Marlena KACZMAREK*

1.1. Análise do conteúdo

1.1.1. Esboço histórico

A respeito da análise do conteúdo, compreendida como método de análise dos textos possuindo um caráter sistemático, quantitativo e objetivo, pode-se falar já na passagem do século XIX ao XX. No entanto alguns pesquisadores apontam para publicações anteriores, como o livro de Christian Weis publicado na Alemanha em 1685 ou as primeiras aplicações do método em análise na Suécia em 1740¹. Os primórdios da análise da mensagem no seu conceito atual devem ser buscados no período da Segunda Guerra Mundial. A espionagem aliada analisava então a quantidade e os tipos das canções que eram transmitidas pelas estações de rádio europeias. A análise da mensagem servia também para verificar a autoria de documentos históricos, e após a guerra ela foi analisada para a análise da propaganda no rádio e na televisão².

As ações científicas polonesas que trazem marcas de análise de conteúdo datam de 1841, quando E. Dembowski e H. Kamieński realizaram a *articulografia*, isto é, a contagem dos artigos que se encontravam na publicação *Biblioteka de Varsóvia*. Por sua vez as pesquisadoras que chamaram a atenção para essa técnica de pesquisa no contexto das pesquisas sobre a comunicação

* Doutoranda do Departamento de Ciências Sociais da Universidade da Silésia, Katowice, Polônia.

1 W. PISAREK. *Analiza zawartości prasy*. Kraków, 1983, p. 37.

2 R. D. WIMMER; J. R. DOMINICK. *Mass media. Metody badań*. Kraków, 2008, p. 201.

no final dos anos 50 do século XX foram Antonina Kłoskowska e Irena Tetełowska. Para a primeira das pesquisadoras, essa técnica devia servir para a reconstrução do modelo social que era propagado pela publicação analisada, bem como da função que esse modelo cumpria. Diferentemente, Irena Tetełowska, através da análise da mensagem, pretendia principalmente demonstrar de forma objetiva os resultados do trabalho jornalístico, o que devia servir para a solução de problemas redacionais e editoriais. Em um ponto ambas as pesquisadoras estavam inteiramente de acordo – o conhecimento das informações midiáticas permite a compreensão de um dos elementos da atuação da comunicação sobre os receptores³.

1.1.2. Análise de conteúdo e análise da mensagem – multiplicidade de definições

As primeiras definições da análise do conteúdo foram formuladas no início dos anos 40 do século XX, e a apresentada por Bernard Berelson é reconhecida como clássica e diz o seguinte: a análise da mensagem é *uma técnica de pesquisa que serve para a descrição objetiva, sistemática e quantitativa da mensagem manifesta das informações da comunicação*.⁴ Por conteúdo pode ser entendida toda expressão linguística – palavras isoladas, equivalentes de frases, pronunciamentos desenvolvidos. Desenvolvendo a definição acima, Berelson distingue quatro características da análise de conteúdo corretamente realizada:

- a. deve levar em conta unicamente os elementos sintáticos e semânticos da informação, o que significa que ela se concentra na apresentação da própria mensagem dos conteúdos analisados, mas não descreve as intenções ocultas que a mensagem deve transmitir nem a reação dos receptores;
- b. deve distinguir-se pela objetividade, e por isso as categorias devem ser precisas, de maneira que diversos pesquisadores possam aplicá-las às mesmas mensagens, atingindo com isso os mesmos resultados,

3 W. PISAREK. Analiza..., op. cit., p. 24-25.

4 B. BERELSON. Content Analysis in Communication Research. Glencoe, 1952, apud: H. OGRYZKO-WIEWIÓRSKI. Wprowadzenie do metod badawczych w socjologii. Lublin, 1986, p. 238.

mas na prática ocorre entre os pesquisadores um acordo intersubjetivo;

- c. deve ser sistemática, isto é, evitar a tendenciosidade;
- d. deve ser quantitativa, ainda que o próprio criador dessa característica e muitos outros teóricos dela se tenham afastado, reconhecendo como fundamentado também o caráter qualitativo da análise do conteúdo⁵.

As características acima apresentadas não se preservaram na sua forma original até os tempos atuais. No decorrer dos anos tem sido questionada a limitação da análise da mensagem unicamente à análise das mensagens manifestas da informação, bem como o seu caráter quantitativo.

A análise da mensagem, também chamada análise do conteúdo ou método de análise das informações (em língua inglesa – *content analysis*), no entendimento de Walery Pisarek é a sua [do conteúdo]⁶ *decomposição em elementos mais simples ou a distinção das suas características, propriedades e elementos, e a seguir a sua classificação de acordo com o sistema de categorias adotado*⁷ Uma definição mais ampliada e precisa aborda a análise da mensagem como *o conjunto das diversas técnicas de pesquisa sistemática de correntes ou coleções de conteúdos, que consiste numa distinção e identificação possivelmente objetiva (na prática, geralmente intersubjetivamente concordante) dos seus elementos formais ou informativos possivelmente concretizados de forma unívoca, bem como numa avaliação possivelmente precisa (na prática, geralmente quantitativa) da disposição do surgimento desses elementos e em conclusões principalmente comparativas, que pelo conhecimento do valor das informações visa ao conhecimento de outros elementos e condicionamentos do processo de comunicação*⁸

Uma outra definição diz que a análise da mensagem [...] *determina e descreve os traços linguísticos dos textos, para com base nisso concluir a respeito das propriedades não linguísticas das pessoas e dos agregados sociais*⁹.

5 W. PISAREK. Analiza zawartości..., op. cit., p. 29-30.

6 Nota da autora.

7 W. PISAREK. Analiza zawartości..., op. cit., p. 29.

8 Ibidem, p. 45.

9 R. MAYNTZ; K; HOLM; P. HUBNER. Wprowadzenie do metod socjologii empirycznej. Warszawa, 1985, p. 192.

Artigos

Todo pesquisador pode defrontar-se com o problema da identificação e da classificação de textos, expressões e locuções concretos, porque durante a análise baseia-se na compreensão intuitiva da língua e supõe que determinado signo linguístico tem uma determinada mensagem (aquela que lhe foi conferida pelo emissor e pelo receptor do comunicado analisado). Por isso, às vezes se supõe erroneamente que o pesquisador compreende o significado da mensagem exatamente da forma como a entendeu o emissor e como a compreende o receptor¹⁰

Como observa Małgorzata Lisowska-Magdziarz – a respeito de todos os textos midiáticos pode-se escrever na categoria de discurso, compreendido como *a transmissão de ideias e a atuação sobre as pessoas com a ajuda da língua*¹¹

Por sua vez o discurso da mídia é *um conjunto de comportamentos linguísticos realizados na mídia impressa ou eletrônica, que criam pronunciamentos (...) para a destinação pública, cuja mensagem e forma são condicionadas: pelo estado de conhecimentos e pelas concepções cognitivas características de determinada época, por um determinado tipo de atividade humana (política, cultura etc.), pelas condições da comunicação por intermédio da mídia de massa, bem como pelas condições práticas da formulação dos pronunciamentos (quem se pronuncia, a quem, com que objetivo e em que situação)*¹². A análise do discurso pode servir para a análise de informações em todos os tipos de mídias. Assim, podem ser analisados materiais que aparecem na imprensa diária, periódica, no rádio, na televisão, na internet e, além disso: cartazes, documentos pessoais e oficiais. Podem ser analisados materiais tipicamente jornalísticos, bem como materiais não jornalísticos, p. ex.: cartas, anedotas, canções, bem como a publicidade política, a propaganda. Uma qualidade dessa técnica de análise é a possibilidade de confrontar conteúdos que aparecem nas diferentes mídias e em diversos veículos.

1.1.3 . Possibilidades investigativas da análise do conteúdo

10 Ibidem, p. 193-194.

11 M. LISOWSKA-MAGDZIARZ. Analiza tekstu w dyskursie medialnym. Kraków, 2006, p. 9.

12 Ibidem, p. 16.

| Artigos

Graças à análise da mensagem podemos investigar as seguintes áreas dos conteúdos da comunicação.

- a mensagem da informação ou, mais exatamente, a investigação das mudanças do conteúdo, a comparação do conteúdo das informações nas diversas mídias, a apresentação de diferenças na mensagem das informações nos diversos países, a avaliação das mensagens transmitidas pelas diversas mídias;
- a forma da informação, na qual se inclui p. ex. a definição do nível da compreensão do texto, a pesquisa das técnicas de propaganda;
- o emissor da informação – podem ser obtidas informações a respeito da sua intenção ou do sistema de valores adotado;
- o receptor – podem ser obtidas informações a respeito de como o emissor imagina o potencial receptor (p. ex. a respeito da sua instrução ou da sua visão do mundo);
- os efeitos da informação, p. ex.: a análise dos comportamentos provocados pela informação midiática¹³.

A literatura fornece oito relações – entre a informação e os demais elementos do processo de comunicação, que podem ser analisadas com a ajuda da análise da mensagem:

1. análise das relações entre a informação e o emissor;
2. análise das relações entre a mensagem, a forma das informações e o código;
3. análise das relações entre a mensagem das informações e a realidade;
4. análise das relações entre a mensagem, a forma das informações e os canais de comunicação;
5. análise das relações entre as características das informações e a situação sociopolítica;
6. análise das relações entre as características das informações e o tempo em que surgiram;
7. análise das relações entre as características das informações e os

13 W. PISAREK. Analiza zawartości..., op. cit., p. 47.

receptores;

8. análise das relações entre as características das informações e o ambiente cultural, social, político e econômico em que elas surgiram¹⁴

No caso da análise por mim realizada da mensagem de periódicos polônicos selecionados do Brasil, da Grã-Bretanha, dos Estados Unidos e da Rússia, optei pela realização de uma análise **das relações entre a mensagem das informações e os canais de comunicação**. Graças a tal análise, torna-se possível apontar as diferenças e as semelhanças de conteúdo das publicações analisadas, bem como dos portais polônicos, assim como a sua análise comparativa.

Na abordagem da análise da mensagem como uma técnica que se concentra **nas características da própria mensagem**, pode-se falar dos seguintes tipos de aplicação da análise da mensagem:

1. análise das transformações na mensagem das informações – para que a apresentação das diferenças na mensagem das informações com a passagem do tempo seja possível, é preciso escolher amostras comparativas, que refletirão as mudanças de determinado material de pesquisa no decorrer do tempo;
2. pesquisas sobre o desenvolvimento da ciência;
3. análise das diferenças na mensagem das informações procedentes de diferentes nações;
4. comparação de diversos meios de comunicação de massa (p. ex. análise da simpatia política das estações de rádio, dos programas de televisão ou dos jornais diários durante a campanha presidencial);
5. criação de modelos de apropriada informação – que pode ser realizada quando se comparam as mensagens que atualmente aparecem na mídia com as mensagens universalmente reconhecidas como modelos;
6. ajuda técnica na realização de pesquisas, que se realiza através da codificação das entrevistas e da análise das reações entre as pessoas

¹⁴ Ibidem, p. 51-56.

| Artigos

nos grupos¹⁵.

Caso o pesquisador se concentre na **forma** em que determinada mensagem é fornecida, pode-se então falar da aplicação da análise a:

1. análise de técnicas de propaganda;
2. análise da receptividade das informações, ou a classificação dos textos quanto à sua compreensão pelos receptores;
3. apresentação de traços estilísticos – especialmente nos textos literários¹⁶.

Um outro grupo de aplicação da análise da mensagem é aquele que se concentra **nos autores e nas determinantes do conteúdo**. Abaixo são apresentadas as aplicações da técnica investigativa em análise, que têm por objetivo determinar o perfil da pessoa com base em seus pronunciamentos:

1. definição da intenção da pessoa que se pronuncia;
2. tentativa de descrição dos traços psíquicos do autor do pronunciamento;
3. apresentação de ações propagandísticas¹⁷.

No último grupo de aplicação da análise da mensagem, que serve à análise dos receptores ou ainda aos efeitos da influência da mensagem sobre os receptores, inclui-se o seguinte (com a suposição de que a informação reflete fielmente os interesses dos receptores):

1. apresentação das posturas, aspirações e valores dos receptores;
2. apresentação dos centros de interesse – supõe-se que existe uma relação entre as mensagens apresentadas na mídia e a mensagem cognitiva dos receptores, isto é, se alguma questão é divulgada na mídia de forma especial, provavelmente ela vai atrair a atenção cada vez maior dos receptores;
3. análise de posturas e comportamentos que decorrem da influência dos meios de comunicação de massa;
4. transformação de dados crus em dados científicos – a análise da men-

15 P. CARTWRIGHT. Zastosowania analizy treści. In: S. NOWAK

16 Ibidem, p.; 152-153.

17 Ibidem, p. 155-156.

Artigos

sagem deve ser realizada de tal forma que forneça dados repetitivos, sobre os quais se possa realizar uma análise quantitativa; além disso, esses dados são importantes da perspectiva de uma teoria definida, e as conclusões deles decorrentes podem ser generalizadas para além do material coletado¹⁸.

1.2. Metodologia das pesquisas da análise de conteúdo

1.2.1. Preparação conceitual

O objetivo da análise do conteúdo não deve ser unicamente a caracterização temática e formal de um determinado veículo – porquanto a contagem da quantidade dos diversos artigos não acarreta quaisquer observações mais profundas. Somente a comparação do conteúdo de um veículo com um outro ou o relacionamento dos resultados obtidos à hierarquia de valores apresentada, p. ex. pelo editor da publicação, é que pode produzir os efeitos desejados. Importante também é a questão do ponto de vista de que o pesquisador vai promover a análise. Os resultados das pesquisas realizadas por iniciativa própria permitirão obter a resposta à pergunta feita pelo próprio pesquisador, p. ex.: que características deve ter determinada publicação para que possa ter uma avaliação positiva?

1.2.2. Objetivos da pesquisa e hipóteses

Os resultados da pesquisa apresentados no presente artigo, relacionada com a mídia polônica no Brasil, constituem uma parte das pesquisas científicas realizadas pela autora no âmbito de uma tese de doutorado, e relacionadas igualmente com a mídia polônica em outros países, isto é, na Federação Russa, nos Estados Unidos e na Grã-Bretanha. Para as necessidades do ambiente brasileiro foram formulados os seguintes objetivos de pesquisa¹⁹:

18 D. P. CARTWRIGHT. *Zastosowania analizy...*, op. cit., p. 156-159.

19 Os objetivos de pesquisa relacionados com o conjunto das pesquisas sobre veículos de comunicação polônicos nos 4 países analisados foram formulados da seguinte forma: 1. realização de uma análise comparativa de títulos selecionados da imprensa polônica com os portais eletrônicos

1. realização de uma análise comparativa de títulos selecionados da imprensa polônica no Brasil;
2. apresentação das semelhanças e diferenças estruturais nas mídias polônicas que funcionam no Brasil,

que devem servir à verificação das seguintes hipóteses (de acordo com os objetivos da pesquisa):

1. a temática abordada nas páginas da imprensa polônica em determinado país basicamente se diferencia entre os diversos títulos das publicações²⁰;
2. existem semelhanças estruturais nas mídias polônicas nos países analisados.

Para alcançar os objetivos de pesquisa acima apresentados, utilizei-me do **método de pesquisa quantitativo**, com a adoção da técnica de pesquisa que é a **análise do conteúdo**. As ferramentas indispensáveis na pesquisa realizada foram as **chaves categorizantes** e as **planilhas Excel**.

1.2.3. Operacionalização das hipóteses²¹

A etapa seguinte da pesquisa é a operacionalização das hipóteses, que tem por tarefa a determinação de *coeficientes de que determinado texto, seu elemento ou uma coleção de textos é portador de determinada característica*²²

polônicos no Brasil, na Federação Russa, nos Estados Unidos e na Grã-Bretanha; 2. apresentação das semelhanças e diferenças estruturais nos veículos de comunicação polônicos que funcionam no Brasil, na Federação Russa, nos Estados Unidos e na Grã-Bretanha.

20 Em razão do fato de que no caso do Brasil foram submetidos à análise do conteúdo 2 títulos da imprensa (cf.: 1.2.8. Definição do material submetido à análise), a hipótese foi aplicada a esses órgãos da imprensa. Por sua vez, em relação aos países restantes, caso em que a autora comparou os títulos da imprensa com os portais da internet, a hipótese tinha o seguinte teor: a temática abordada nas páginas da imprensa polônica em determinado país basicamente se diferencia da problemática dos portais polônicos da internet.

21 A operacionalização das hipóteses diz respeito ao conjunto das pesquisas científicas realizadas, portanto, não somente aos veículos de comunicação polônicos que funcionam no Brasil, mas também na Federação Russa, nos Estados Unidos e na Grã-Bretanha.

22 W. PISAREK. Analiza zawartości..., op. cit., p. 67.

. Em outras palavras – cada característica do texto possui os seus coeficientes materiais e cada característica do texto é definida direta ou indiretamente pela presença nele de certos elementos formais.

Aplicando a teoria à prática, no caso das pesquisas por mim realizadas busquei, com a ajuda da análise do conteúdo, a verificação da seguinte hipótese de pesquisa: **a temática abordada nas páginas da imprensa polônica em determinado país basicamente se diferencia da problemática dos portais polônicos de informação**. A operacionalização dessa hipótese consiste na aceitação da premissa de que a temática que aparece na imprensa polônica é diferente daquela que aparece nos portais da internet. Além disso, pode-se admitir que os materiais relacionados com determinada temática (p. ex. a vida da comunidade polônica no país X) são publicados mais na imprensa polônica do que nos portais polônicos da internet. Para que a suposição acima pudesse ser verificada, contei as diversas publicações jornalísticas, primeiramente na imprensa polônica e a seguir num selecionado portal polônico da internet. A verificação da hipótese acima mencionada foi realizada em números e em percentagens das publicações pertencentes às diversas categorias na imprensa polônica, e a seguir esses dados foram confrontados com os resultados percentuais em relação aos portais polônicos da internet.

Porém, levando em conta a segunda das hipóteses mencionadas, a qual diz que **existem semelhanças estruturais nas mídias polônicas nos países analisados**, procurei apresentar os traços característicos de cada uma das mídias analisadas. Utilizei-me para isso dos seguintes critérios: tipo de publicação (materiais de texto, de texto e gráficos, gráficos), tipo das publicações jornalísticas (informativa, publicística, fronteira), o tipo de publicações não jornalísticas, a reação, o protagonista e a linguagem da publicação. A seguir apresento os dados obtidos percentualmente, para num passo seguinte compará-los com o objetivo de verificar a hipótese acima.

1.2.4. Tipos de cálculos, unidades de análise e de medida

Walery Pisarek menciona os seguintes tipos de medida e de cálculos na análise do conteúdo:

- a) frequência da ocorrência das unidades analisadas;

Artigos

- b) grandeza das unidades analisadas;
- c) intensidade dos traços das unidades analisadas²³.

Na análise de conteúdo por mim realizada, optei pela aplicação do primeiro dos acima mencionados tipos de medição.

Pressupus também que as **unidades de análise**, definidas como *elementos do conteúdo da informação, que no decorrer da análise são classificadas segundo a categoria da chave adotada*²⁴, são os diversos pronunciamentos jornalísticos. As **unidades de medição** são por mim identificadas com as unidades da análise, o que significa que a soma das unidades da análise (isto é, dos diversos pronunciamentos) que são incluídas numa concreta categoria de chave, constitui ao mesmo tempo a definição numérica (percentual) da frequência da incidência de determinado traço na mídia analisada.

1.2.5. Seleção da amostra

A análise do conteúdo é uma técnica de análise adequada à pesquisa tanto de um material de pesquisa extremamente numeroso como de uma pequena quantidade sua. No primeiro dos casos mencionados, é preciso selecionar uma adequada amostra de pesquisa, que será representativa de todo o conjunto. A forma mais simples de seleção de uma amostra de pesquisa é o sorteio dos diversos elementos, ou a escolha de alguns deles. Durante a preparação da análise do conteúdo das mídias polônicas nos países por mim escolhidos, adotei como **unidade de escolha** um número específico da publicação polônica, escolhido de forma sistemática (um exemplar ou outro, escolha de acordo com datas), e no caso dos portais polônicos da internet – o dia da publicação dos materiais na página da internet (reconheci que os portais polônicos da internet adotam a forma de um jornal diário, visto que as informações são ali adicionadas quase que continuamente).

Uma das tarefas mais difíceis é a definição da grandeza da amostra de pesquisa. Da mesma forma que nas outras formas de pesquisa, também na análise do conteúdo a grandeza da amostra deve ser representativa, isto

23 Ibidem, p. 83.

24 Ibidem, p. 72.

é, corresponder à grandeza da coletividade pesquisada. Depende também da exatidão e da quantidade da categoria na chave, bem como das finanças e dos recursos de que dispõe o pesquisador²⁵. Pesquisas realizadas sobre a forma do sorteio da amostra e da sua grandeza informam que resultados de pesquisa mais exatos são alcançados analisando a amostra de 6 números de um diário sorteados de um determinado ano do que analisando a amostra de 78 números subsequentes (um trimestre do ano). Além disso, os resultados serão mais exatos ainda quando se sorteia um número do jornal dentre os 52 números das segundas-feiras, a seguir um número dentre os 52 números das terças-feiras etc. A amostra assim obtida denomina-se semana construída. Walery Pisarek afirma, além disso, que a amostra de pesquisa ótima para o jornal é de duas semanas dentre os 365 dias do aparecimento do título. E em relação a um semanário – 12 números sorteados em camada dentre as 52 semanas (3 edições de cada trimestre)²⁶. Levando em conta as sugestões acima e considerando a especificidade das mídias polônicas nos diversos países, realizei a escolha da amostra de pesquisa na forma descrita nos parágrafos abaixo.

1.2.6. Definição do material submetido à análise

Procedendo à análise do conteúdo das mídias polônicas em quatro países selecionados do mundo, isto é, no Brasil, na Federação Russa, nos Estados Unidos e na Grã-Bretanha, o primeiro passo foi a determinação dos títulos da imprensa polônica publicada nos países acima mencionados, bem como dos portais polônicos que servem à comunidade polônica brasileira, russa, americana e britânica. Com esse objetivo fiz uma revisão das mídias polônicas que atualmente funcionam nesses países, e a seguir escolhi um título da imprensa e um portal da internet para cada país, empenhando-me para que esses veículos de comunicação representassem da melhor forma possível a comunidade polônica dos países escolhidos. Em razão do caráter das pesquisas realizadas e das grandes distâncias que me separam do lugar da publicação das mídias polônicas, o fator crucial foi a acessibilidade dessas mídias na internet, especialmente no contexto da imprensa polônica. Muitas vezes se veri-

25 Ibidem, p. 115-116.

26 Ibidem, p. 120.

| Artigos

ficou que as redações dos periódicos polônicos não dispunham de uma versão online da sua publicação, ou que reagiam negativamente ao meu pedido de me fornecerem seus arquivos no formato PDF. Em tais casos me vi obrigada a fazer a escolha apenas dentro daquela imprensa polônica que estava realmente disponível e, com isso, acessível a uma pesquisa científica.

As mídias polônicas brasileiras representaram uma exceção diante das mídias polônicas atuantes em outros países, visto que não consegui ter acesso a um portal polônico da internet atualmente funcionando nesse país, que publicasse com certa regularidade em suas páginas informações correntes relacionadas com a comunidade polônica, a Polônia ou o mundo. Nessa situação reconheci como fundamentada a realização da análise de duas publicações polônicas, isto é, *Echo Polonii brazylijskiej* (Eco da comunidade polônica brasileira) e *Polonia Carioca*²⁷, dentre as poucas publicadas ciclicamente e acessíveis online. Em razão da quantidade não muito grande de números que foram publicados desde o surgimento das publicações acima mencionadas até o momento da análise do conteúdo por mim realizada, e também em razão da sua diferente periodicidade, optei por uma amostra plena. O objeto da minha análise foram os 38 números de *Echo Polonii Brazylijskiej*, no decorrer de 7 anos, dos quais em 2009 houve 4 edições, em 2010 – 5, em 2011 – 5, em 2012 – 6, em 2013 – 6, em 2014 – 6, em 2015 – 6. Convém assinalar que esse periódico no início era publicado com o título *Echo Polskiej Misji Katolickiej w Brazylii* (Eco da Missão Católica Polonesa no Brasil), e que o atual título foi adotado a partir do número 1 (15) de 2012, isto é, o correspondente a janeiro e fevereiro de 2012. A periodicidade da publicação em análise não tem sido constante – na maioria das vezes tem aparecido como publicação bimensal, algumas vezes como publicação trimestral (número 2-3/2011 (11), março-junho de 2011; número 1-2/2015 (33-34), janeiro-abril de 2015). O *Echo Polonii Brazylijskiej* é publicado em cores, no formato A4, e o número de páginas é 12 (constitui exceção os dois primeiros números da publicação em 2009, que contam 8 páginas).

27 No título desse periódico, Polonia é escrito sem acento (Polonia Carioca), por não ser uma referência ao nome do país, mas à palavra polonesa Polonia, que significa a comunidade polonesa fora da Polônia ou, como se costuma dizer no Brasil, a comunidade polônica. (N. do T.)

O segundo dos dois periódicos analisados tem o título *Polonia Carioca* e é publicado em língua portuguesa, e apenas alguns poucos artigos jornalísticos são apresentados tanto em português como em polonês. Levando em conta os fatos acima relacionados com a língua, a primeira atividade que realizei antes da análise propriamente dita foi a tradução da revista para a língua polonesa. Submeti a uma análise todos os números dessa publicação quadrimestral que apareceram até o momento das pesquisas por mim realizadas, isto é, 5 edições dos anos 2014-2015 (primeiro número – abril-julho 2014). Trata-se de uma publicação em cores, no formato A4, e o número de páginas é mutável (de 34 a 50).

1.2.7. Chave de categorização

Uma chave de categorização adequadamente elaborada é um dos elementos que garantem o sucesso da análise do conteúdo promovida. As categorias da chave devem decorrer diretamente dos objetivos e das hipóteses de pesquisa, bem como devem estar de acordo com o caráter da mídia pesquisada. As características da chave de categorização apresentam-se da seguinte forma:

- conformidade da chave com as necessidades da pesquisa;
- caráter exaustivo das categorias da chave (devem levar em conta todos os elementos do problema pesquisado);
- univocidade da categoria da chave (o pesquisador não deve ter dúvida a respeito da categoria a que deve subordinar determinada unidade da análise);
- economia – a chave de categorização deve conter unicamente as categorias indispensáveis em razão do objetivo e do objeto da pesquisa;
- logicidade;
- dissociação – as unidades da análise podem ser subordinadas a somente uma das categorias²⁸.

Os pesquisadores distinguem dois tipos principais de chaves. Com Bernard Berelson pode ser mencionado o bloco relacionado à **mensagem da informação** – o que se afirma (do inglês: *what is said*), e o relacionado com a

28 Ibidem, p. 99, 101.

| Artigos

forma da informação, ou seja, como se afirma (do inglês: *how it is said*). Dos mais importantes elementos do primeiro, faz parte a temática de uma determinada unidade de análise, a localização – o lugar em que se desenrola a ação descrita em determinada publicação, o objetivo, ou seja, a pessoa ou as pessoas às quais é encaminhado o pronunciamento, bem como a autoridade – em nome da qual são apresentadas as teses, os valores na publicação. No bloco das formas da informação encontram-se, por exemplo, as seguintes questões: o tipo da mídia em que apareceu determinado pronunciamento, os meios de expressão (texto, gráfico, fotografia), os tipos de pronunciamento (jornalísticos, não jornalísticos), a espécie jornalística (p. ex. informação, entrevista, reportagem), a reação à publicação (neutra, crítica, aprobativa), bem como a eficácia – cumprimento ou não da função propagandística²⁹.

Levando em consideração a divisão acima e considerando a especificidade das pesquisas científicas realizadas, as chaves de categorização foram elaboradas da seguinte forma:

1. Chave para a análise do tipo de publicação – compõe-se de 3 categorias, isto é: texto, texto com fotografia ou gráfica.
2. Chave para a análise de espécies jornalísticas – na qual se encontram 26 categorias, entre as quais o anúncio, a informação, o relato, a reportagem, a entrevista, o folhetim.
3. Chave para a análise das publicações não jornalísticas – tais como, por exemplo: vinheta, ficha editorial, anúncios, classificados, palavras cruzadas. Essa chave envolve 27 categorias.
4. Chave para a análise das espécies jornalísticas – foi dividida em 5 grupos temáticos básicos, isto é:
 - o país de onde provém a mídia analisada;
 - assuntos polônicos;
 - Polônia;
 - Problemática geral (onde se localizaram as questões territorialmente não relacionadas com nenhum dos países);
 - mundo.

29 L. SOŁOMA. *Metody i techniki badań socjologicznych*. Olsztyn, 2002, p. 98, 99.

Artigos

Em cada um dos mencionados grupos encontra-se uma série de subcategorias tematicamente relacionadas, p. ex. com questões políticas, sociais, culturais, religiosas.

5. Chave para a análise da reação produzida pela publicação – envolve 3 categorias: aprovativa, negativa, neutra.
6. Chave para a análise do protagonista da publicação – ou seja, protagonista individual, coletivo e indefinido. Por sua vez, nas 2 primeiras categorias foram desmembradas subcategorias específicas, p. ex. individual – polonês, membro da comunidade polônica; coletivo – comunidade polônica, os poloneses na Polônia, uma organização polônica.
7. Chave para a análise da língua da publicação – na qual se encontraram 4 categorias: língua polonesa, portuguesa/russa/inglesa, língua mista (polonesa e portuguesa, polonesa e russa, polonesa e inglesa), bem como a que não diz respeito.

Cada uma das publicações foi classificada de acordo com a chave 1, isto é, segundo o tipo de publicação. A seguir foi definida pela chave 2 ou 3, ou seja, decidi se a unidade de análise é uma espécie jornalística ou se tem forma não jornalística. Quando se verificava que a publicação era jornalística, então era classificada de acordo com todas as chaves restantes, isto é, de 4 a 7, ao passo que no caso de uma publicação não jornalística ela era ainda definida pela última chave, a 7, ou seja, a língua. Convém enfatizar que as chaves de categorização para os diversos países foram elaboradas da mesma forma, ainda que algumas delas, isto é, as relacionadas com a temática, tenham sido elaboradas mais em relação às mídias polônicas americanas e britânicas. Todas as chaves encontram-se num anexo da presente dissertação.

1.2.8. Codificação, cálculo e construção da planilha

Como em toda técnica de pesquisa, também aqui uma ação importante é a codificação, ou seja, o processo da transformação de dados crus em dados em forma padronizada. As unidades da análise são classificadas segundo as chaves de categorização aceitas, p. ex.: uma determinada publicação no jornal pode ser classificada como neutra ou aprovativa. Além disso, o processo da conceitualização e da criação das categorias de códigos deve ser cuidado-

samente preparado, de maneira que as definições operacionais dos conceitos de que o pesquisador se utiliza sejam compostos dos valores que os criam. Além disso, devem ser precisamente definidos, para que o pesquisador não tenha dúvida a respeito da categoria a que deve subordinar uma determinada unidade de análise³⁰.

Para que a análise do conteúdo forneça resultados quantitativos da pesquisa, a codificação deve ser realizada de forma numérica, isto é, a cada categoria deve ser atribuído um símbolo numérico (por exemplo: publicação política – 1, social – 2, cultural – 3 etc³¹).

Os dados obtidos dessa forma, e relacionados com cada veículo de comunicação polônico em separado, foram inscritos em planilhas Excel. A seguir, graças à adoção de uma série de funções adequadas, tornou-se possível a comparação dos dados de forma que fossem obtidas relações entre variáveis importantes do ponto de vista da pesquisa (p. ex. a relação entre as espécies jornalísticas e a temática relacionada com os assuntos polônicos no Brasil ou entre publicações consideradas informações e o seu protagonista na Grã-Bretanha).

1.3. Resultados da análise do conteúdo de periódicos selecionados no Brasil

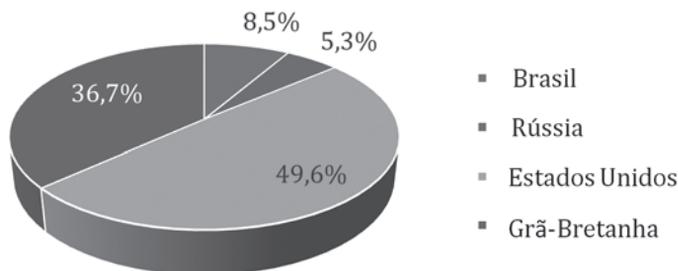
No caso do Brasil, foram submetidas à análise do conteúdo 2 periódicos polônicos, em razão da falta de um portal polônico que fosse atualizado correntemente e de forma regular. No total foram analisadas 815 publicações, o que representa 8,5% das publicações analisadas levando-se em conta todas as mídias polônicas submetidas à análise.

30 E. BABBIE. *Badania społeczne w praktyce*. Warszawa, 2003, p. 347-348.

31 *Ibidem*, p. 349-350.

Artigos

Gráfico 1. Quantidade das publicações analisadas das mídias polônicas segundo os países



Fonte: elaboração própria

Os materiais jornalísticos constituem 73% das publicações provenientes das mídias polônicas brasileiras, ao passo que a decomposição das unidades da análise apresentou-se como desigual, visto que para *Echo Polonii Brazyljskiej* eram 638, e no caso de *Polonia Carioca* foram apenas 177 publicações.

A análise do conteúdo de mídias polônicas selecionadas foi realizada levando-se em consideração sete critérios, isto é, o tipo de publicação (texto, texto-gráfico, gráfico), a temática, as publicações jornalísticas (informativas, publicísticas, limítrofes), os materiais não jornalísticos, a reação, o protagonista e a língua da publicação. Nesse confronto, a temática foi reconhecida como a característica estrutural mais importante das mídias polônicas.

1.3.1. Tipo de publicação

O primeiro critério de que me utilizei na análise do conteúdo das mídias polônicas foi o **tipo de publicação**. Graças à sua adoção, tornou-se possível obter respostas à pergunta a respeito de quantos dos materiais analisados eram do tipo texto, quantos continham tanto texto como gráfico ou foto, e também quantos se apresentavam apenas em forma gráfica.

Artigos

Tabela 1. Divisão das publicações provenientes das mídias polônicas brasileiras

	<i>Echo Polonii Brazylijskiej</i>	<i>Polonia Carioca</i>	Total
Publicação jornalística	71,5%	78,5%	73,0%
texto	32,2%	11,5%	27,4%
texto + foto / gráfico	67,8%	88,5%	72,6%
Publicação não jornalística	28,5%	21,5%	27,0%
texto	73,6%	52,6%	70,0%
texto + foto / gráfico	26,4%	47,4%	30,0%
Total final	100,0%	100,0%	100,0%

Fonte: elaboração própria

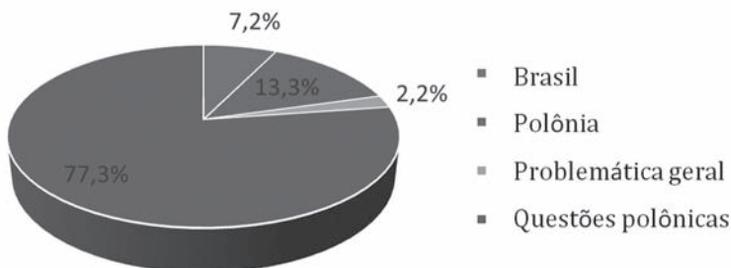
Nas mídias polônicas brasileiras ocorreram somente as duas primeiras categorias mencionadas acima. Por conseguinte, quase 73% das publicações jornalísticas eram aquelas cujo texto vinha acompanhado de uma foto ou de um gráfico. Por sua vez entre os materiais não jornalísticos a tendência era a oposta, visto que 70% eram constituídos daquelas unicamente de texto. As tendências acima foram preservadas igualmente em relação a ambos os periódicos brasileiros, isto é, no caso das publicações jornalísticas preponderam as mistas – com foto, e no caso dos materiais não jornalísticos há mais publicações sem fotos.

1.3.2. Temática

Tendo sido escolhido como critério da análise a **temática** entre as publicações jornalísticas, a situação apresentou-se da seguinte forma. Em ambos os periódicos polônicos brasileiros uma significativa quantidade de publicações (77,3%) dizia respeito a assuntos polônicos, a temática relacionada com a Polônia encontrou-se em segundo lugar (13,3%), e a problemática brasileira e geral obtiveram menos de 10%.

Artigos

Gráfico 2. Temática de *Echo Polonii Brazyljskiej* e de *Polonia Carioca*

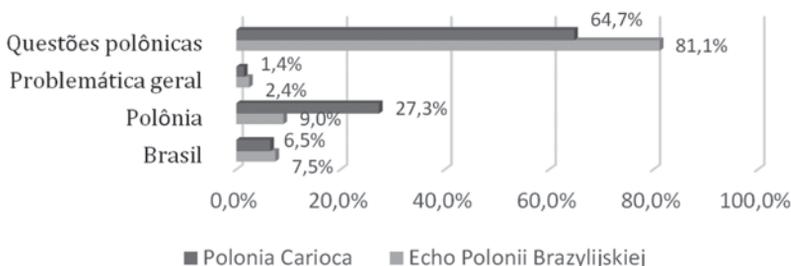


Fonte: elaboração própria

A temática dominante de *Echo Polonii Brazyljskiej* entre as publicações jornalísticas, que representavam nesse periódico 71,5% de todos os materiais, eram as questões polônicas – 81%, em segundo lugar situou-se a temática relacionada com a Polônia – 9%, ao passo que as seções restantes atingiram valores abaixo de 9%.

Dentre os 78,5% dos materiais jornalísticos que se encontravam no periódico *Polonia Carioca*, quase 65% da temática era constituído de questões polônicas. O lugar seguinte foi ocupado pelas questões polonesas – acima de 27%, e encontraram resultados bem inferiores a temática brasileira e a problemática geral. Pode-se, então, reconhecer que a divisão temática em ambos os periódicos apresentou-se num nível semelhante.

Gráfico 3. Temática de *Echo Polonii Brazyljskiej* e de *Polonia Carioca* – comparação



Fonte: elaboração própria

Questões polônicas

Dentro da temática relacionada com **questões polônicas**, o tema mais abordado em *Echo* eram as festas, solenidades e jubileus relacionados com a Igreja católica, a respeito dos quais se escreveu em 16% dos casos. O assunto seguinte, muito abordado, eram os padres e os missionários poloneses trabalhando no Brasil – 14%, e em terceiro lugar, com o resultado de 12%, encontrou-se a temática polônica geral.

Dispondo os diversos assuntos das questões polônicas em grupos temáticos, obtive 3 blocos principais, isto é, **questões religiosas**, vida social e costumes, bem como atividade da colônia polonesa. No primeiro dos mencionados grupos, que atingiu mais de 37% entre as publicações polônicas, encontraram-se os seguintes temas: solenidades, jubileus, festas relacionadas com a Igreja católica, missionários e padres poloneses, pastoral polônica, congregações missionárias, religiosas e conventos. A grande quantidade de materiais relacionados com a religião e a Igreja católica não deve espantar, se for levado em conta o fato de que nos primeiros 3 anos editoriais (14 números), isto é, 2009-2011, o periódico foi publicado com o título *Echo Polskiej Misji Katolickiej w Brazylii* (Eco da Missão Católica Polonesa no Brasil) e era direcionado especialmente a pessoas religiosas de origem polonesa. Além disso, o redator-chefe de *Echo* é uma pessoa religiosa, o que igualmente se reflete na temática do periódico.

O bloco relacionado com **vida social e costumes** representou mais de 11% e era composto dos seguintes assuntos: vida atual da comunidade polônica no Brasil, recordações de falecidos e pessoas conhecidas, encontros com personalidades importantes, busca de pessoas perdidas, heróis polônicos e poloneses de mérito no Brasil.

A seguir, atingiu quase 29% a **atividade da comunidade polônica**, ou mais exatamente: encontros polônicos, atividade das organizações e associações polônicas, comemorações de jubileus importantes para a coletividade polônica, dias da Polônia (concertos, festivais, desfiles), representações diplomáticas e assuntos polônicos em geral.

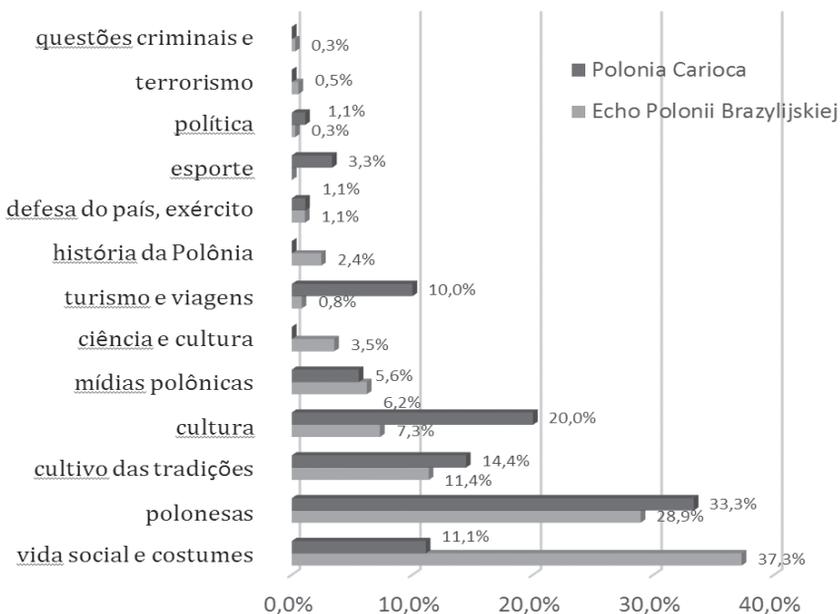
Merece atenção igualmente o grupo relacionado com o **cultivo das tradições polonesas** (7,3%), nas quais foram incluídas as comemorações de festas nacionais polonesas, a identidade e a consciência do polonismo, bem como o cultivo das tradições e dos costumes poloneses. Os demais assuntos

Artigos

no grupo das questões polônicas apresentavam-se esporadicamente, e a sua quantidade total é de 22,4%.

A disposição temática detalhada em *Polonia Carioca* apresentou-se de forma diferente. Entre os materiais relacionados com **questões polônicas**, mais frequentemente se escreveu sobre a atividade de organizações e associações polônicas (15,6%), bem como sobre o cultivo das tradições e dos costumes poloneses (11,1%). Mais raramente se falava de solenidades, jubileus e festas relacionadas com a Igreja católica, bem como de questões polônicas em sentido geral (em ambos os casos 7,8%), ao passo que materiais sobre heróis polônicos e poloneses de mérito no Brasil, sobre a comemoração de festas nacionais polonesas, bem como sobre o ensino da língua polonesa e as escolas polonesas representam 6,7% das publicações polônicas no caso de cada um deles. A parte restante dos materiais sobre temática polônica, ou 38%, era dispersa, e cada um dos assuntos obteve uma baixa percentagem de indicações.

Gráfico 4. Grupos temáticos relacionados com questões polônicas em *Echo Polonii Brazyljskiej* e em *Polonia Carioca*



Fonte: elaboração própria

| Artigos

Considerando a temática das questões polônicas de forma coletiva, mais de 33% desses materiais diz respeito à **atividade da comunidade polônica brasileira** no seu sentido amplo; 20% das publicações são as relacionadas com o **cultivo das tradições polonesas e da identidade polonesa**, ao passo que sobre **a vida social e os costumes** foram escritos mais de 14% dos materiais.

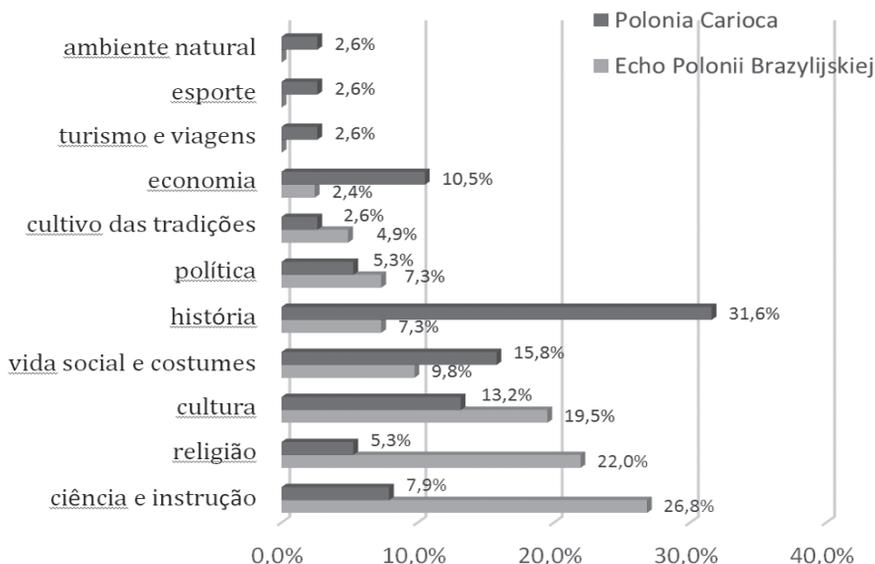
Polônia

A distribuição dos diversos assuntos em *Echo Polonii Brazylijskiej* na seção relacionada com a **Polônia** apresentava-se da seguinte forma. O tema mais frequentemente abordado era a educação e a ciência (p. ex. instrução, conferências científicas etc.) – 27%, em seguida situava-se a atividade da Igreja católica – 19,5% e um resultado de quase 10% coube à literatura e à edição de novos livros.

Agrupando os assuntos que mais frequentemente apareciam na seção sobre a Polônia, obtive 3 grupos, o primeiro dos quais, relacionado com a **ciência e educação**, chegou a quase 27%. O segundo grupo – **religião** obteve 22% (além da atividade da Igreja católica, também informações gerais sobre religião). O grupo seguinte, envolvendo a **cultura**, isto é, os assuntos relacionados com a literatura e a edição de novos livros, o cinema, o teatro, e também as exposições, alcançou 19,5% de todos os artigos sobre a Polônia. A respeito da vida social e os costumes na Polônia foram publicados menos de 10% dos materiais. As publicações restantes eram extremamente dispersas, porquanto atingiam 1 ou 2 indicações, e o seu âmbito temático era bastante amplo, em razão do que não foi possível reuni-las num grupo temático compacto. Os dados apresentados acima comprovam que a temática religiosa ocupa uma posição significativa na seção relacionada com a Polônia.

Artigos

Gráfico 5. Grupos temáticos relacionados com a Polônia em *Echo Polonii Brazyljskiej* e *Polonia Carioca* – comparação



Fonte: elaboração própria

O conteúdo de *Polonia Carioca*, levando-se em consideração a temática da Polônia, diferencia-se de *Echo*. Foi possível distinguir menos de 29% de publicações a respeito da história da Polônia, e bem menos popular mostrou-se a temática relacionada com a arte e a que apresenta personalidades conhecidas (10,5% cada). Além disso, pode-se distinguir um grupo temático dominante – a **história** (31,6%), bem como três que atingiram resultados acima de 10%, isto é, **vida social e costumes**, **cultura** e **economia**.

Brasil

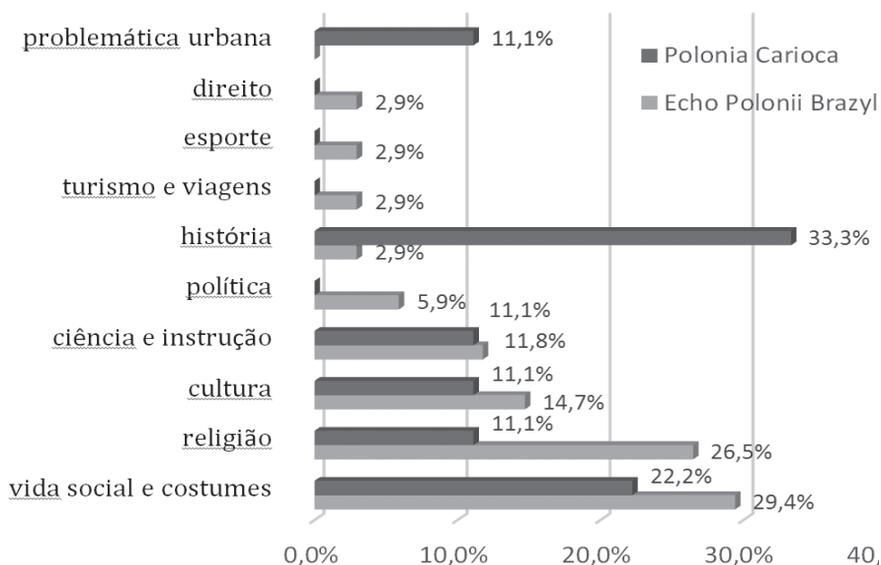
Em *Echo Polonii Brazyljskiej*, entre os assuntos relacionados com o **Brasil**, a maioria (mais de 20%) se relacionava com a pastoral católica, um pouco menos (17,6%) coube a prêmios e distinções, em seguida a respeito da literatura e da educação escreveu-se em 12% dos casos. Entre as seções insti-

Artigos

tuídas predominava a relacionada com **a vida social e os costumes** – mais de 29%, a seguinte dizia respeito à **religião** – um pouco mais que 26%, e quase em 15% dos casos escreveu-se a respeito de **cultura**.

O **Brasil** não foi um assunto popular abordado nas páginas de *Polonia Carioca*, visto que somente 6,5% dos materiais se relacionavam com esse tema.

Gráfico 6. Grupos temáticos relacionados com o Brasil em *Echo Polonii Brazyljskiej* e *Polonia Carioca* – comparação



Fonte: elaboração própria

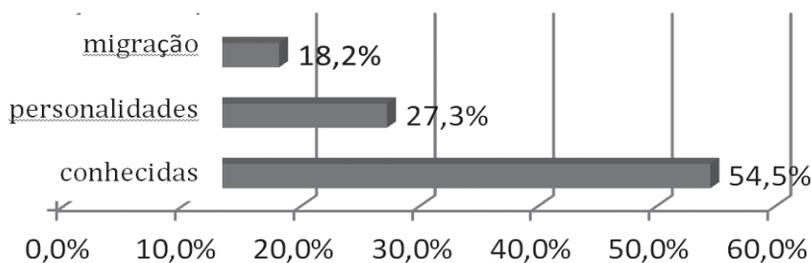
Problemática geral

O grupo temático menos numeroso em *Echo Polonii Brazyljskiej* mostrou ser o relacionado com a **problemática geral** (apenas 11 materiais foram classificados nesse grupo). Apesar disso, vale a pena apontar que um pouco mais de 36% relacionava-se com a vida de acordo com as normas da moralidade; a respeito de personalidades conhecidas escreveu-se em 27,3%, e atingiram 18% cada um os materiais relacionados com a Igreja católica e a

Artigos

migração. A problemática geral, abordada em grupos temáticos, é apresentada no gráfico abaixo.

Gráfico 7. Grupos temáticos relacionados com a problemática geral em *Echo Polonii Brazylijskiej*



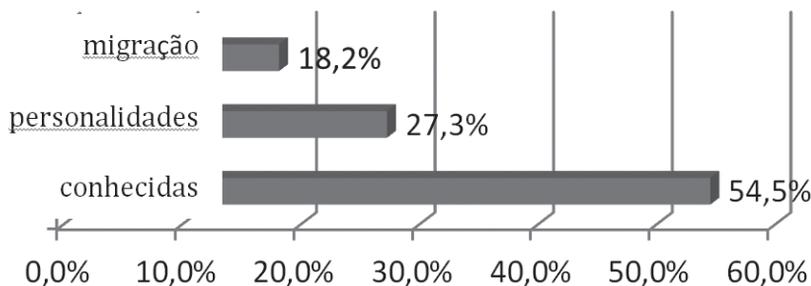
Fonte: elaboração própria

Observei uma popularidade igualmente baixa da problemática geral em *Polonia Carioca*, visto que ela foi o assunto principal somente em 2 publicações, e dizia respeito à publicidade e a novas mídias.

1.3.3. Publicações jornalísticas

Analisando o conteúdo de *Echo Polonii Brazylijskiej* quanto às espécies jornalísticas, pode-se tirar a conclusão de que se trata de um periódico informativo, visto que 63% das publicações jornalísticas eram constituídas pelas informativas.

Gráfico 8. Publicações jornalísticas em *Echo Polonii Brazylijskiej* – numérica e



Fonte: elaboração própria

Artigos

Uma tendência semelhante se manteve igualmente no bloco temático relacionado com **assuntos polônicos**, porquanto as espécies informativas constituíam 62%, as publicísticas – 17% e as limítrofes – 21%. Uma exceção entre as seções temáticas torna-se visível na problemática geral, onde predominam as espécies publicísticas (82%), enquanto que as informativas e limítrofes alcançaram somente 9% de indicações cada uma.

Tabela 2. Espécies jornalísticas nos diversos grupos temáticos em *Echo Polonii Brazylijskiej*

Temática	Espécies jornalísticas							
	informativas		publicísticas		limítrofes		TOTAL	
	QTD	%	QTD	%	QTD	%	QTD	%
Brasil	27	79%	1	3%	6	18%	34	100%
Polônia	29	71%	6	14,5%	6	14,5%	41	100%
Problemática geral	1	9%	8	73%	2	18%	11	100%
Questões polônicas	229	62%	64	17%	77	21%	370	100%

Fonte: elaboração própria

O periódico *Polonia Carioca* contém 68% de publicações informativas, 20% de materiais são espécies publicísticas e 12% são as limítrofes. Nos diversos grupos temáticos a quantidade de publicações informativas predomina sensivelmente. Constitui uma exceção a seção da problemática geral, onde foram registradas unicamente espécies publicísticas. As espécies limítrofes em cada caso registraram menores valores percentuais. Levando-se em conta os dados acima, pode-se afirmar que *Polonia Carioca* é uma revista informativa.

Artigos

Tabela 3. Espécies jornalísticas nos diversos grupos temáticos em *Polonia Carioca*

Temática	Espécies jornalísticas							
	informativas		publicísticas		limitrofes		TOTAL	
	QTD	%	QTD	%	QTD	%	QTD	%
Brasil	6	67%	2	22%	1	11%	9	100%
Polônia	21	55%	10	27%	7	18%	38	100%
Problemática geral	-	-	2	100%	-	-	2	100%
Questões polônicas	68	76%	14	15%	8	9%	90	100%

Fonte: elaboração própria

1.3.4. Publicações não jornalísticas

As publicações não jornalísticas em *Echo Polonii Brazyljskiej* constituíam 28,5%, e o material mais frequente era o informativo (33%). Alcançaram 19% cada uma a vinheta e a ficha editorial, enquanto que a terceira publicação mais frequente eram cartas à redação e agradecimentos (12%).

Em *Polonia Carioca*, em primeiro lugar entre os materiais não jornalísticos encontrou-se a mesma categoria de *Echo*. Ocuparam o lugar seguinte as cartas à redação e os agradecimentos (24%), bem como a fotografia do título e a ficha editorial (13% cada uma).

Tabela 4. Publicações não jornalísticas em *Echo Polonii Brazyljskiej* e *Polonia Carioca*

Publicação não jornalística	<i>Echo Polonii Brazyljskiej</i>	<i>Polonia Carioca</i>	Total
fotografia	0,5%	0%	0,5%
fotografia do título	0%	13,2%	2,3%
humor	0,5%	0%	0,5%
informativo	33,0%	31,6%	32,7%
calendário	2,7%	0%	2,3%
sermões, homilias, alocuções	1,1%	0%	0,9%

Artigos

cartas à redação, agradecimentos	12,1%	23,7%	14,1%
necrológicos, condolências	0,5%	0%	0,5%
anúncios	2,7%	0%	2,3%
sumário	0%	13,2%	2,3%
ficha editorial	19,2%	13,2%	18,2%
texto literário	3,8%	5,3%	4,1%
vinheta	19,2%	0%	15,9%
felicitações ocasionais	4,4%	0%	3,6%
Total final	100,0%	100,0%	100,0%

Fonte: elaboração própria

1.3.5. Reação da publicação

A metade das publicações jornalísticas em ambos os periódicos polônicos tinha um caráter aprobativo, e um pouco menos (48%) – reação neutra. Tendências análogas puderam ser percebidas nas revistas analisadas separadamente, o que mostra a tabela abaixo.

Tabela 5. Reação da publicação em *Echo Polonii Brazyljskiej* e *Polonia Carioca*

Publicação jornalística	<i>Echo Polonii Brazyljskiej</i>	<i>Polonia Carioca</i>	Total
negativa	2,2%	2,2%	2,2%
neutra	48,2%	46,8%	47,9%
aprobativa	49,6%	51,1%	49,9%
Total final	100,0%	100,0%	100,0%

Fonte: elaboração própria

1.3.6. Protagonista da publicação

Um pouco menos de 49% dos materiais jornalísticos analisados em ambos os periódicos polônicos diziam respeito a um protagonista coletivo. A seguir, quase 35% tratavam de indivíduos. Observei uma tendência semelhante em *Echo*, mas no caso de *Polonia Carioca* os materiais em que o protagonista era um indivíduo eram 10% menos do que no caso do primeiro periódico.

Artigos

Tabela 6. Protagonistas das publicações em *Echo Polonii Brazylijskiej* e *Polonia Carioca*

Periódico polônico	Protagonistas das publicações							
	individual		coletivo		indefinido		TOTAL	
	ilość	%	ilość	%	ilość	%	ilość	%
Echo Polonii Brazylijskiej	170	37,3%	220	48,2%	66	14,5%	456	100%
Polonia Carioca	37	26,6%	70	50,4%	32	23%	139	100%
Ambos os periódicos polônicos	207	34,8%	290	48,7%	98	16,5%	595	100%

Fonte: elaboração própria

Analisando os protagonistas das publicações e pelo prisma do **indivíduo**, a maioria dos materiais jornalísticos dizia respeito a membros individuais da comunidade polônica (quase 68% de todas as publicações em que o protagonista era um indivíduo), e escreveu-se também bastante sobre os poloneses (28%).

Tabela 7. O indivíduo como protagonista da publicação em *Echo Polonii Brazylijskiej* e *Polonia Carioca*

Periódico polônico	Indivíduo							
	brasileiro		polônico		polonês		outra pessoa	
	QTD	%	QTD	%	QTD	%	QTD	%
Echo Polonii Brazylijskiej	7	4%	122	72%	40	23,5%	1	0,5%
Polonia Carioca	-	-	18	48,6%	18	48,6%	1	2,8%
Ambos os periódicos	7	3,4%	140	67,7%	58	28%	2	0,9%

Fonte: elaboração própria

Artigos

Entre os protagonistas coletivos, a maioria dos materiais jornalísticos dizia respeito à comunidade polônica brasileira (quase 36%), e houve também um bom número de publicações relacionadas com a comunidade religiosa (20%). Esse fato não deve provocar espanto, levando-se em conta a temática de *Echo Polonii Brazyljskiej*, que em grande medida tem dedicado a atenção a questões relacionadas com a religião (veja resultados da análise 5.2.2. Temática).

Tabela 8. Protagonista coletivo em *Echo Polonii Brazyljskiej* e *Polonia Carioca*

protagonista coletivo		Mídias polônicas		
		<i>Echo Polonii Brazyljskiej</i>	<i>Polonia Carioca</i>	Ambas as mídias polônicas
comunidade polônica brasileira	QTD	72	32	104
	%	32,8%	45,7%	36%
organização, grupo polônico	QTD	25	13	38
	%	11,3%	18,6%	13%
coletividade da cidade, da região	QTD	35	4	39
	%	16%	5,7%	13,4%
comunidade polônica e poloneses	QTD	22	2	24
	%	10%	2,8%	8,2%
poloneses	QTD	5	15	20
	%	2,3%	21,5%	6,8%
comunidade religiosa	QTD	53	4	57
	%	24%	5,7%	20%
comunidade polônica e outras pessoas	QTD	4	-	4
	%	1,8%	-	1,3%
grupos de pessoas de outros países	QTD	4	-	4
	%	1,8%	-	1,3%

Fonte: elaboração própria

1.3.7. Língua da publicação

A língua dominante das publicações, tanto das jornalísticas como das não jornalísticas, era a língua polonesa (78,4%). Entre as publicações não jornalísticas a participação da língua polonesa era um pouco maior – 83,2%, ao

Artigos

passo que nas publicações jornalísticas manteve-se no mesmo nível, isto é, 76,6%. A quantidade simbólica de publicações foi apresentada em ambas as línguas, isto é, em língua polonesa e portuguesa (cerca de 1%). Digno de ênfase é o fato de que *Echo Polonii Brazyljskiej* era redigido em língua polonesa na sua totalidade, ao passo que em *Polonia Carioca* 95% das publicações jornalísticas e 94,7% das publicações não jornalísticas foram apresentadas em língua portuguesa.

Tabela 9. Língua da publicação em *Echo Polonii Brazyljskiej* e *Polonia Carioca*

periódico polônico	Língua da publicação							
	polonesa		portuguesa		polonesa e portuguesa		total	
	p.j.	p.nj.	p.j.	p.nj.	p.j.	p.nj.	p.j.	p.nj.
Echo Polonii Brazyljskiej	100%	100%	-	-	-	-	100%	100%
Polonia Carioca	-	2,6%	95%	94,8%	5%	2,6%	100%	100%
Ambos os periódicos polônicos	76,6%	83,2%	22,2%	36%	1,2%	1%	100%	100%

p.j. – publicações jornalísticas; p.nj. – publicações não jornalísticas

Fonte: elaboração própria

1.4 Verificação das hipóteses de pesquisa

O objetivo da análise de conteúdo realizada das mídias polônicas que funcionam no Brasil era a análise comparativa de 2 títulos selecionados da imprensa polônica, bem como a apresentação das semelhanças e das diferenças estruturais nessas mídias polônicas. A verificação das hipóteses específicas abaixo, isto é:

1. a temática abordada nas páginas da imprensa polônica em determinado país basicamente se diferencia entre os diversos títulos das publicações impressas;
2. existem semelhanças estruturais nas mídias polônicas que funcionam

| Artigos

no Brasil³², torna-se possível diante dos resultados da pesquisa apresentada no presente capítulo.

Levando-se em conta a primeira hipótese, a qual diz que **a temática abordada nas páginas da imprensa polônica em determinado país basicamente se diferencia entre os diversos títulos das publicações impressas**, deve-se perceber o que segue.

No **Brasil**, as ênfases dadas às diversas seções temáticas apresentavam-se de forma análoga em ambas as mídias. Tanto em *Echo Polonii Brazyljskiej* como em *Polonia Carioca* predominavam os assuntos polônicos (respectivamente: 81% e 65%); em segundo lugar encontrou-se a temática relacionada com a Polônia, a seguir a problemática ligada ao Brasil, e a menos abordada foi a problemática geral. No entanto, analisando-se as diversas seções temáticas, podem ser percebidas certas diferenças entre *Echo* e *Polonia Carioca*. Em cada uma das seções temáticas acima mencionadas, em *Echo Polonii Brazyljskiej* ocupam uma posição significativa (um lugar entre o primeiro trio dos temas mais populares) as **questões religiosas**. Entre as questões polônicas, muitas publicações foram apresentadas igualmente sobre a **atividade da comunidade polônica** (29%), enquanto que a ciência e a educação eram o tema principal na problemática polonesa (27%). Por sua vez em *Polonia Carioca*, na seção das questões polônicas, mais se escreveu sobre a **atividade da comunidade polônica** (33%) e sobre o **cultivo das tradições polonesas** (20%); dentro da temática relacionada com a Polônia e o Brasil, a maior atenção foi dedicada à **história** (respectivamente: quase 32% e mais de 33%).

Pode-se, portanto, tirar a conclusão que a temática geral das mídias polônicas brasileiras é a mesma, ao passo que na temática específica a ênfase é dada a questões diferentes. Aceitando-se a premissa de que a temática geral é superior diante da específica, com base nos dados apresentados **falsifico** a hipótese de pesquisa apresentada.

A verificação da segunda hipótese de pesquisa, a qual diz que **exis-**

32 A análise do conteúdo dos veículos de comunicação que funcionam no Brasil é uma das partes das pesquisas empíricas realizadas. Para as necessidades da tese de doutorado, a autora realizou também a análise do conteúdo dos veículos de comunicação polônicos na Federação Russa, nos Estados Unidos e na Grã-Bretanha.

tem semelhanças estruturais nas mídias polônicas que funcionam no Brasil, é representada pelos resultados da pesquisa apresentada no presente artigo, e em especial os dados relacionados com o tipo de publicação (texto, texto-gráfico, gráfico), as publicações jornalísticas (informativas, publicísticas, limítrofes), os materiais não jornalísticos, a reação, o protagonista e a língua da publicação. Para a sistematização dos resultados reunidos do trabalho de pesquisa e com o objetivo de verificação da hipótese, abaixo são apresentados os mais importantes deles.

Adotando-se como critério principal o **tipo de publicação**, constata-se que em *Echo Polonii Brazyljskiej* e em *Polonia Carioca*, entre os materiais jornalísticos, tiveram uma significativa preponderância os de texto-gráfico (respectivamente: 68% e 88,5%), enquanto que nas publicações não jornalísticas eram principalmente apresentados materiais de texto (respectivamente: 74% e 53%).

Ambos os periódicos foram reconhecidos como informativos, visto que a maioria das publicações jornalísticas pertencia às informativas – em *Echo* eram 63%, e em *Polonia Carioca* – 68%. Por sua vez os materiais publicísticos em *Polonia Carioca* ocuparam a segunda posição, e em *Echo* foram precedidos pelas publicações limítrofes.

Em ambos os periódicos, entre as **publicações não jornalísticas** a que mais frequentemente apareceu foi a informação – em *Echo* chegou a 33% dos materiais não jornalísticos, e no outro periódico, quase a 32%. A ficha editorial e a vinheta ocuparam a segunda colocação em *Echo*, ao passo que em *Polonia Carioca* essa posição foi ocupada pelas cartas à redação e pelos agradecimentos.

A **reação** de ambas as revistas polônicas pode ser reconhecida como positiva, porquanto no caso do *Echo* foi de quase 50%, e em *Polonia Carioca* – mais de 51% das publicações jornalísticas foi definida como aprovativa. Além disso, as publicações negativas em ambos os periódicos eram de apenas cerca de 2%.

Em *Echo Polonii Brazyljskiej* e em *Polonia Carioca* a maioria das publicações jornalísticas dizia respeito a protagonistas coletivos (respectivamente: mais de 48% e mais de 50%), e em segundo lugar encontraram-se os materiais

| Artigos

que tratavam de indivíduos. O mais popular protagonista coletivo em ambas as revistas foi a comunidade polônica brasileira, e entre os indivíduos, uma pessoa pertencente a esse grupo.

A estrutura linguística de ambos os periódicos apresentou-se de forma diferente – *Echo Polonii Brazylijskiej* era redigido em sua totalidade em língua polonesa, ao passo que em *Polonia Carioca* a língua portuguesa foi utilizada em 95% dos casos (publicações jornalísticas).

Os resultados gerais acima apresentados da pesquisa permitem verificar de forma **positiva** a hipótese apresentada, ou seja, é preciso reconhecer que existem semelhanças estruturais nas mídias polônicas no Brasil.

Bibliografia

BABBIE, E. *Badania społeczne w praktyce*. Warszawa: Wydawnictwo Naukowe PWN, 2003, ISBN 83-01-14068-2

BERELSON, B. *Content Analysis in Communication Research*. Glencoe: Free Press, 1952

CARTWRIGHT, D. P. Zastosowania analizy treści [in:] *Metody badań socjologicznych*, red. Nowak Stefan. Warszawa: Wydawnictwo Naukowe PWN, 1965

LISOWSKA-MAGDZIARZ, M. *Analiza tekstu w dyskursie medialnym*. Kraków: Wydawnictwo Uniwersytetu Jagiellońskiego, 2006, ISBN 978-83-233-2276-4

MAYNTZ, R.; HOLM, K.; HUBNER, P. *Wprowadzenie do metod socjologii empirycznej*. Warszawa: Państwowe Wydawnictwo Naukowe, 1985, ISBN 83-01-05254-6

OGRYZKO-WIEWIÓRSKI, H. *Wprowadzenie do metod badawczych w socjologii*. Lublin: Uniwersytet Marii Curie-Skłodowskiej, 1986, ISBN 83-227-0077-6

PISAREK, W. *Analiza zawartości prasy*. Kraków: Ośrodek Badań Prasoznawczych RSW *Prasa-Książka-Ruch*, 1983

SOŁOMA, L. *Metody i techniki badań socjologicznych*. Olsztyn: Wydawnictwo Uniwersytetu Warmińsko-Mazurskiego, 2002, ISBN 83-7299-202-9

WIMMER, R. D.; DOMINICK, J. R. *Mass media. Metody badań*. Kraków: Wydawnictwo Uniwersytetu Jagiellońskiego, 2008, ISBN 978-83-233-2282-5

RESUMO – STRESZCZENIE

Artykuł jest prezentacją wyników analizy zawartości 2 pism polonijnych ukazujących się w Brazylii, tj. Echa Polonii Brazylijskiej oraz Polonia Carioca. Autorka określiła czym jest analiza zawartości, a następnie przedstawiła metodologię badań, z wyróżnieniem celów i hipotez badawczych. Zasadniczą częścią artykułu są wyniki badań naukowych, które określają strukturę poszczególnych tytułów prasowych w 6 kategoriach (rodzaj publikacji, publikacje dziennikarskie, niedziennikarskie, wydźwięk, bohater i język publikacji) oraz tematykę poruszaną przez oba pisma.

IMIGRAÇÃO POLONESA EM SANTA CATARINA: PROBLEMÁTICA PARA REFLETIR

Murielle Silveira BOEIRA BENTHIEN*

O desenvolvimento deste artigo partiu de análises práticas e percepção de lacunas que parecem aos poucos, de forma tímida, estarem sendo supridas. As abordagens sobre a imigração polonesa em Santa Catarina ainda são pequenas, se tomarmos como referência os estados vizinhos do Paraná e Rio Grande do Sul.

Em solo catarinense, no geral receberam-se grupos de imigrantes poloneses na virada do século XIX para o XX, em menor número e de forma mais dispersa, concentrando-se em áreas periféricas de Colônias alemãs. Kazimierz Gluchowski, assíduo observador e pesquisador da época, afirma que os colonos estavam misturados com os alemães, e em nenhum momento constituíam firme maioria.

Do início do século XX, de um total estimado em aproximadamente 18 810 indivíduos, são citadas pelo autor as localidades de São Bento (atual São Bento do Sul), Campo Alegre, São José, Blumenau, Brusque, Orleans, Grão Pará, Cocal (atual Cocal do Sul), Urussanga (de predominância italiana), Rio Vermelho e Rio Natal (territórios incorporados a São Bento do Sul), Massaranduba, Bateias e Avenquinha (fazem parte da atual Campo Alegre), Indaial, Florianópolis, Anitápolis, Criciúma e outras localidades do Sul do Estado.¹ No quadro a seguir, complementando essas informações, pode-se observar ainda mais as ocupações:²

* Professora, pesquisadora e escritora.

1 GLUCHOWSKI, Kazimierz. *Os poloneses no Brasil: subsídios para o problema da colonização polonesa no Brasil*. Porto Alegre: Rodycz & Ordakowski Editores, 2005. p. 100-101.

2 IAROCHINSKI, Ulisses. *Saga dos Polacos, A Polônia e seus emigrantes no Brasil*. Curitiba: U. Iarochinski, 2000. p. 72.

Vale do Itajaí-Mirim	Brusque, Guabiruba (1875, 1888, 1890, 1896); Blumenau, Indaial, Rio dos Cedros, Benedito Novo (1877, 1890 e 1900).
Região Norte	São Bento do Sul, Rio Negrinho, Campo Alegre (1873,1875, 1878); Papanduva (1880); Itaiópolis (1889); Mafra, Três Canoinhas, Major Vieira, Monte Castelo (1891).
Alto do Rio Tijucas	Nova Trento, Major Gercino (1891).
Foz do Rio Itapocu	Corupá, Massaranduba, Guaramirim (1890).
Região Sul	Cocal do Sul, Jacinto Machado, Criciúma, Orleans, Grã-Pará (1882, 1885, 1887, 1890, 1891, 1892, 1893, 1896).
Vale do Rio do Peixe	Porto União, Irineópolis, Rio das Antas, Ipoméia, Caçador (1911,1926).
Vale do Rio Uruguai	Itá (1929).
Alto do Vale do Rio Itajaí	Rio do Oeste (1937), Presidente Getúlio (1939).
Meio Oeste	Faxinal dos Guedes, Nova Erechim (1938).
Extremo Oeste	Descanso (1934).
Catarinense	
Vale do Rio Itajaí	Pouso Redondo (1948).

Boa parte da região Norte e Oeste encontrava-se nessa época em litígio, sendo questionadas suas fronteiras judicialmente entre Santa Catarina e Paraná, popularizadas sob o termo Contestado. Na literatura corrente, segue-se também o registro de ocupação do Oeste por nativos brasileiros descendentes de portugueses e miscigenados, ou como fruto de reimplantação de famílias do Rio Grande do Sul. Alguns territórios do Paraná foram posteriormente anexados às fronteiras catarinenses, caso da atual cidade de Itaiópolis, por exemplo.

Ruy Christovam Wachowicz, leitura obrigatória a qualquer pesquisador que se debruce na temática imigratória polonesa, foi assíduo nas questões paranaenses, coletando e reunindo também informações de outros autores, fossem eles viajantes, padres, escritores ou envolvidos nas relações Polônia-Brasil. No que diz respeito a Santa Catarina, são citadas por ele as “linhas” do antigo núcleo colonial *São Bento*, como a localidade de *Rio Natal*. Também

Artigos

aborda a religiosidade nos “povoamentos” de *Lucena* e *Alto Paraguaçu*, hoje município de Itaiópolis/SC.³ Chegou a fazer também esboço específico sobre Rio Vermelho (São Bento do Sul/SC).⁴

Na sua significativa coleta e reunião de outros escritores, trouxe também cartas e textos traduzidos, que abordaram a imigração e a divulgaram na Polônia e Brasil.

Numa dessas traduções, está o relato de Antoni Hempel, viajante a serviço da Sociedade Comercial Geográfica, que veio ao Brasil para conhecer colônias polonesas, relatando sobre o que encontrou em Santa Catarina. Na sua Pequena descrição intitulada *Os Poloneses nas Províncias de Santa Catarina e Rio Grande do Sul*, o autor comenta sobre inúmeras regiões, dentre elas Joinville/SC, São Bento do Sul/SC, Itajaí/SC, Blumenau/SC, Orleans/SC, Criciúma/SC e Tubarão/SC.

No estimado ano de 1893, Antoni Hempel relatou que as colônias polonesas que cercavam as alemãs contabilizavam um total de 1 670 famílias, mas que perdiam muitos de seus filhos (provável mortandade devido a doenças, calor e falta de assistência governamental). Estabelecidos em casas provisórias, receberam ferramentas e trabalho monitorado na construção de estradas. Alertava ele que os alemães consideravam-se donos da Província Catarinense, demonstrando preocupação com o que seria no futuro a vida de poloneses e italianos.⁵

No entanto, convém mencionar que há os casos particulares, a exemplo da cidade de Itaiópolis/SC – conhecida de forma turística como a *Capital catarinense da Cultura Polonesa* –, que não se insere neste contexto de dispersão e moradia em áreas periféricas das colônias alemãs ou italianas (caso das adjacências do Norte, Vale do Itajaí e Sul do Estado referencialmente em fins do século XIX).⁶

3 WACHOWICZ, Ruy Christovam. *O camponês Polonês no Brasil*. Curitiba: Fundação Cultural; Casa Romário Martins, 1981. p. 11,113.

4 WACHOWICZ, Ruy Christovam. *Rio Vermelho*. Artigo não publicado. Acervo do Arquivo Histórico Municipal de São Bento do Sul.

5 HEMPEL, Antônio. Os Poloneses no Brasil. Tradução: Francisco Dranka, Lwów, 1893. In: *Anais da Comunidade Brasileiro-Polonesa*. VIII v. Curitiba:1973. p. 79-81.

6 Para saber mais sobre o assunto: RODYCZ, Wilson Carlos. *Os imigrantes poloneses da Colônia*

Artigos

Portanto, à luz das exceções, percebe-se em Santa Catarina um fraco desenvolvimento de pesquisa acerca dos povos eslavos, de certa forma intimidados pela fraca coesão de grupo. O espaço territorial menor (comparado aos fronteiriços), e a quantidade diminuta de poloneses estabelecidos parecem inibir estudos, mostrando-se uma bibliografia escassa, quando se dispõe de estudos imigratórios, disparando à frente a de alemães e italianos.

Infelizmente não se dispõe ainda de estudos detalhados sobre grupos étnicos minoritários, quando da sua relação até mesmo com outros grupos em questão, sejam eles descendentes de alemães, italianos, ucranianos ou brasileiros (moradores nativos ou locais antes da forte imigração e fundação de colônias). Ingleses, dinamarqueses, franceses, russos etc. também muito raramente são lembrados.

Quiçá então, diria aqui, dispõe-se de análise da relação entre esses imigrantes e os indígenas. Para Zuleika Alvim, são temas muito mal analisados, sabendo-se pouco sobre como se relacionaram negros, caboclos e índios, que são os habitantes mais antigos.⁷

Maria Therezinha Sobierajski Barreto, pioneira da escrita sobre poloneses da década de 1980, já havia observado essa problemática da escassez.⁸ Isso tudo causa um entrave no âmbito governamental, tendo em vista que a defesa do Patrimônio Histórico Catarinense carece de embasamento para tombamento dos bens móveis ou imóveis.⁹ Neste aspecto, a arquitetura parece ser a mais visada.

Lucena – Itaiópolis: se um marreco pisar no gelo ele quebra. Porto Alegre: Rodycz & Ordakowski Editores, 2011.

7 ALVIM, Zuleika. Imigrantes: a vida privada dos pobres do campo. In: SEVCENKO, Nicolau (org.). *História da Vida Privada no Brasil*. Vol. 3. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p. 268.

8 BARRETO, Maria Therezinha Sobierajski. *A presença Polonesa em Santa Catarina*. Artigo não publicado. p. 2

9 “Integram o patrimônio cultural do Estado, os bens móveis e imóveis que, pelo interesse público em sua conservação, venham a ser tombados pelo órgão competente”. *Lei número 5846 de 22 de dezembro de 1980* Artigo 1º In: FUNDAÇÃO CATARINENSE DE CULTURA - ESTADO DE SANTA CATARINA.

Arquitetura polonesa – município de Itaiópolis/SC



FONTE: Acervo da Fundação Catarinense de Cultura

Além disso, precisa-se levar em conta que nem todas as etnias foram consideradas como elementos ativos em sociedade, por motivos diversos, sejam eles econômicos ou políticos. O turismo exerceu um forte papel atrativo por décadas, que enlevou alguns grupos em detrimento de outros, bem como o discurso idílico de entes administrativos municipais, fomentando a admiração pela harmonia e desenvolvimento econômico que se trouxe.¹⁰ Motivos particulares, como descendência e ascensão social, também fazem parte desse contexto, então tem-se na literatura corrente de obras sobre municípios o pioneiro e herói, restringindo a visibilidade às minorias étnicas.

Atualmente, alguns municípios deram maior abertura à diversidade étnica presente, citando a presença de grupos variados em sites de visita, em livros sobre sua História, bem como promovendo festas folclóricas e eventos que abrangem um olhar multifacetado.¹¹

10 WOLFF, Cristina Sheibe. Historiografia catarinense: uma introdução ao debate. In: *Revista Catarinense de História*. Florianópolis: UFSC, 1994. n. 2.

11 Por exemplo: É o caso da *Festa das Etnias* em Jaraguá do Sul/SC, da *Schlachtfest* em São Bento do Sul/SC, que abre espaço para os poloneses no desfile típico de abertura e da *Festa das Etnias/SC* de Criciúma.

Artigos

No que se refere à identidade étnica fortemente delineada no século XIX, mencionada e estudada, características herdadas como patrimônio cultural firmaram-se no convívio das colônias, fruto de necessidades básicas dos imigrantes.

No final do Império e na República Velha vão ser formalizadas as identidades étnicas produzidas por diferentes grupos de imigrantes. De modo geral, alemães, italianos, poloneses, sírios, libaneses, armênios, judeus, portugueses, etc., localizados dentro do sistema colonial, criaram instituições comunitárias recreativas, culturais, assistenciais, de ajuda mútua, escolares e outras voltadas para os membros das respectivas “colônias” e operando com critérios étnicos bem definidos. A elaboração das etnicidades obedeceu a códigos culturais relacionados à origem nacional – sistemas simbólicos assinalando pertencimentos primordiais e incluindo a experiência comum da imigração.¹²

Em Santa Catarina, de forma geral, estudos sobre instituições como Escola e Igreja polonesas ainda deixam muito a desejar. “Vencidas a primeiras dificuldades com a moradia, os imigrantes poloneses começaram a se preocupar com a educação dos filhos”.¹³ Os professores eram escolhidos entre os mais instruídos do grupo, com escolas organizadas conforme a disponibilidade de recursos e espaço, estando em sua maioria relacionadas e comprometidas com o estudo catequético promovido entre as crianças. A casa fundada para funcionar a escola geralmente era construída pelos próprios moradores. Mas faltam registros mais incisivos sobre o assunto, que de maneira geral possam abranger mais localidades do Estado.

12 SEYFERTH, Giralda. Identidade Nacional, diferenças regionais, integração étnica e a questão imigratória no Brasil. In: ZARUR, George de Cerqueira Leite (Org.). *Região e Nação na América Latina*. Brasília: UnB. s/d. p. 95.

13 TIBINCOSKI, Casemiro. *História da Colonização Polonesa – Linha Três Ribeiros – LIRI*. Içara: Supergraf – Indústria Gráfica Ltda, 1997. p. 11. Citado por: Nazareno Dalsasso ANGULSKI. *Presença e contribuição dos poloneses na região sul de Santa Catarina*. In: *Polonicus, revista de reflexão Brasil-Polônia*. Site visitado em 20/07/2016.

| Artigos

Grupos folclóricos e associações culturais parecem ter mais foco neste aspecto. Em Florianópolis/SC há a *Sociedade Polônia*; em Criciúma/SC, a *Sociedade Polonesa Águia Branca*; em Brusque/SC, a *Sociedade Imigração Polonesa no Brasil*; em São Bento do Sul/SC, há a filial da BRASPOL e a *Polska Orkiestra w Brazylji*. Convém mencionar também, nesse município, a Câmara Comercial Brasil-Polônia. Em algumas destas associações, organizam-se grupos folclóricos e festas anuais; as comemorações iniciam-se sempre com uma missa.¹⁴ Em Itaiópolis/SC, há forte mobilização da comunidade, sob os mais variados aspectos.

Com relação à prática histórica, há as dificuldades dos pesquisadores com relação à disposição de fontes e material. O trabalho mais viável são entrevistas e consultas a livros paroquiais ou a acervos particulares. Como o Registo Civil e a formalidade em muitas documentações passaram a prevalecer no início da República, foram os padres em sua maioria que nos registros religiosos do cotidiano contribuíram para a geração de massa documental. A maioria dominava o português, além de sua língua de origem.

Neste contexto, a principal transformação na esfera eclesiástica pela qual passou o Estado ocorreu em 19 de março de 1908, quando a Diocese de Santa Catarina foi desmembrada da de Curitiba. Tem-se então como sede diocesana a Capital do Estado, Florianópolis. Esta, por sua vez, sob a condição de arcebispado, conta com outras duas Dioceses sufragâneas, a de Lages e a de Joinville.¹⁵ Estas mudanças implicaram nas relações com os imigrantes recém-chegados, porque em determinados momentos, amparados por padres que falavam sua língua, viveram a angústia de nem sempre ver suprida sua assistência religiosa.

Tais considerações são importantes, tendo em vista a forte religiosidade do imigrante polonês. Comparado aos outros grupos de migrantes, viveu situação especial, já que partiu de uma nação dividida e dominada por potências estrangeiras. Apegado ao catolicismo, podia confortar o espírito, sentin-

14 SCHWINZER, Roberta; CUNHA, Iolita. Poloneses em Santa Catarina. In: *Revista Mares do Sul*. n. 36. Florianópolis: Ed. Mares do Sul, Abril/Maio 2001.

15 PFEIFFER, Alexandre. *História da Igreja Católica de São Bento*. São Bento do Sul: SL Ltda., 1999. p. 9.

Artigos

do-se acolhido.¹⁶ Em território brasileiro, segundo a autora Zuleika Alvim, a expectativa de poder praticar sua religião era uma preocupação manifestada antes mesmo da partida para os países de adoção.¹⁷

Os poloneses carregaram consigo muitos pertences, como pequenas imagens da padroeira da Polônia (Czestochowa) e livros catequéticos. “Era uma questão vital para sua saúde mental, poder utilizar-se dos mesmos”.¹⁸ Portanto, muito há de se pesquisar e consultar a famílias de descendentes, que guardam materiais de forma zelosa. A arquitetura religiosa constituiu-se em traço marcante no Estado, bem como outros elementos valorativos da cultura. Como atividades de subsistência, dedicaram-se ao comércio e principalmente agricultura.

Convém observar que ainda há muito para ser feito, tendo em vista que a princípio a aparente dispersão não abarca pesquisas mais incisivas e reveladoras de novos ângulos e caminhos, talvez até questionadoras dessa própria visão de desinteresse dos escritores. Na última década, além da emergência de várias faculdades e da descentralização do ensino pelo estado, que despertaram a motivação pelo estudo acadêmico de temas regionais, muitas iniciativas individuais informais motivadas pela descendência também têm timidamente surtido um efeito positivo.

O Estado não é etnicamente homogêneo, e a continuidade dos valores identitários prossegue, sendo uma diversidade a ser registrada e valorizada não só pelos descendentes, mas de forma geral, como patrimônio cultural e histórico que o integra.

De acordo com a pressão exercida pela representatividade econômica ou por escritores mais críticos, aos poucos o quadro está sofrendo mudanças. Certamente a imigração polonesa no Estado de Santa Catarina é um assunto fascinante, que ainda tem muito a revelar e contribuir para a formação cultural de seu povo.

16 WACHOWICZ, Ruy Christovam. *O Camponês Polonês no Brasil*. Curitiba: Fundação Cultural; Casa Romário Martins, 1981. p. 11.

17 ALVIM, Zuleika. Imigrantes: a vida privada dos pobres do campo. In: SEVCENKO, Nicolau (org.). *História da Vida Privada no Brasil*. Vol. 3. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

18 WACHOWICZ, Ruy Christovam. *O camponês Polonês no Brasil*. Curitiba: Fundação Cultural; Casa Romário Martins, 1981. p. 97.

| Artigos

Bibliografia

ALVIM, Zuleika. Imigrantes: a vida privada dos pobres do campo. In: SEVCENKO, Nicolau (org.). *História da Vida Privada no Brasil*. Vol. 3. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

BARRETO, Maria Therezinha Sobierajski. *A presença Polonesa em Santa Catarina*. Artigo não publicado.

GOULART, Maria Carmo Ramos Krieger. *Imigração Polonesa em Brusque: um recorte histórico*. Florianópolis: do Autor, 1988.

GLUCHOWSKI, Kazimierz. *Os poloneses no Brasil: subsídios para o problema da colonização polonesa no Brasil*. Porto Alegre: Rodycz & Ordakowski Editores, 2005.

HEMPEL, Antônio. Os Poloneses no Brasil. Tradução: Francisco Dranka, Lwów, 1893. In: *Anais da Comunidade Brasileiro-Polonesa*. VIII v. Curitiba:1973.

IAROCHINSKI, Ulisses. *Saga dos Polacos, A Polônia e seus emigrantes no Brasil*. Curitiba: U. Iarochinski, 2000.

Lei número 5846 de 22 de dezembro de 1980. Artigo 1º In: FUNDAÇÃO CATARINENSE DE CULTURA - ESTADO DE SANTA CATARINA.

PFEIFFER, Alexandre. *História da Igreja Católica de São Bento*. São Bento do Sul: SL Ltda.,1999.

RODYCZ, Wilson Carlos. *Os imigrantes poloneses da Colônia Lucena – Itaiópolis: se um marreco pisar no gelo ele quebra*. Porto Alegre: Rodycz & Ordakowski Editores, 2011.

SCHWINZER, Roberta; CUNHA, Iolita. Poloneses em Santa Catarina. In: *Revista Mares do Sul*. n. 36. Florianópolis: Ed. Mares do Sul, Abril/Maio 2001.

SEYFERTH, Giralda. Identidade nacional, diferenças regionais, integração étnica e a questão imigratória no Brasil. In: ZARUR, George de Cerqueira Leite.(Org.). *Região e*

Artigos

Nação na América Latina. Brasília: UnB. s/d.

TIBINCOSKI, Casemiro. *História da Colonização Polonesa – Linha Três Ribeiros – LIRI*. Içara: Supergraf – Indústria Gráfica Ltda, 1997.

WACHOWICZ, Ruy Christovam. *O camponês Polonês no Brasil*. Curitiba: Fundação Cultural; Casa Romário Martins, 1981.

WACHOWICZ, Ruy Christovam. *Rio Vermelho*. Artigo não publicado. Acervo do Arquivo Histórico Municipal de São Bento do Sul.

WOLFF, Cristina Sheibe. Historiografia catarinense: uma introdução ao debate. In: *Revista Catarinense de História*. Florianópolis: UFSC, 1994.

RESUMO – STRESZCZENIE

Historia polskiej emigracji w brazylijskim stanie Santa Catarina jest jeszcze mało znana. Ten stan rzeczy nie odbiega od rzeczywistości związanej z innymi grupami etnicznymi. Bowiem na temat mniejszości w stanie Santa Catarina niestety nie ma za wiele publikacji. Polska architektura we wspomnianym stanie znalazła więcej zainteresowania ze strony osób zainteresowanych historią. Aktualnie znajdujemy coraz więcej informacji na temat aktywności organizacyjnej, czy też zespołów polskiego folkloru.

Autorka wyraża nadzieję, że fascynująca historia polskiej emigracji w Santa Catarina znajdzie zainteresowanie wśród historyków.

| Resenhas

SZÉLIGA, Márcia (organização) *Lendas Polonesas / Legendy Polskie*. Casa da Cultura Polônia-Brasil, Curitiba, 2016

Mariano KAWKA*

A PUBLICAÇÃO DE LENDAS POLONESAS / LEGENDY POLSKIE

A Casa da Cultura Polônia-Brasil, uma jovem e dinâmica instituição que funciona em Curitiba, tendo a sua sede na mais que centenária Sociedade Polono-Brasileira Tadeusz Kościuszko, deu um novo impulso à atividade artística e cultural dentro da nossa comunidade polono-brasileira, fazendo jus ao seu nome e irradiando os valores da cultura polonesa no Brasil a partir da capital paranaense.

A publicação bilíngue de *Lendas Polonesas / Legendy Polskie* (Casa da Cultura Polônia-Brasil, Curitiba, 2016, organização Márcia Széliga, coordenação e curadoria Márcia Széliga e Schirlei Freder), em cooperação e com o apoio do Consulado Geral da República da Polônia em Curitiba, assume a condição de um belo e precioso evento nas realizações da entidade polônica. O livro apresenta 13 lendas do rico folclore polonês, com o texto em português e polonês, o que o transforma também numa ferramenta para o aprendizado de ambas as línguas, porque dessa forma se torna acessível a leitores no Brasil e na Polônia, além de outros países onde haja falantes desses dois

* Professor e tradutor, membro do Conselho Editorial de *Polonicus*.

Resenhas

idiomas. A beleza da obra se completa e destaca com as belíssimas ilustrações que acompanham os textos e adornam a capa e a contracapa.

A leitura da obra se inicia por um prefácio do Cônsul Geral da República da Polônia em Curitiba, Sr. Marek Makowski e uma apresentação de Márcia Széliga. Seguem-se então os textos das lendas, em português e polonês, sempre acompanhados de sugestivas ilustrações. A preparação dos textos foi feita por Thaisa Socher (português) e Aleksandra Pluta (polonês). Couberam a Axel Giller o projeto gráfico e a diagramação. As ilustrações foram realizadas por uma equipe composta de artistas polônicas já muito conhecidas em Curitiba: Adriana Kmiec, Dulce Osinski, Emília Piaskowski, Everly Giller, Heliana Grudzien, Juliana Kudlinski, Márcia Széliga, Mari Inês Piekas, Schirlei Freder e Simone Koubik. Na sua parte final, o livro apresenta as fotos e as biografias dos componentes da equipe artística responsável pela obra.

O simbolismo da publicação se reforça pela coincidência do seu lançamento com uma data histórica importante para a comunidade polônica do Paraná: no dia 9 de outubro deste ano comemorou-se em Curitiba o aniversário dos 145 anos da vinda do primeiro grupo de imigrantes poloneses ao estado. Desde a vinda daquele grupo pioneiro, neste quase um século e meio, a presença polonesa passou a fazer parte da paisagem geográfica, econômica e cultural do estado do Paraná. Aqueles pioneiros eram na sua maioria modestos agricultores, mas os seus descendentes agora se inserem na vida paranaense com realizações notáveis e valiosas, como a publicação da obra que aqui comentamos.

FESTIVAL DE CINEMA POLONÊS NO BRASIL

Na sua 6ª edição, o Festival de Cinema Polonês deste ano exibiu ao público brasileiro as melhores produções cinematográficas da Polônia. A exibição contou com 6 longas de ficção e 6 curtas documentários, que entre junho e agosto de 2016 foram mostrados nos principais centros culturais do país, a saber: São Paulo (CCBB e SESC Pinheiros), Brasília (CCBB), Curitiba (Cine-mateca), Belo Horizonte (Fundação Clóvis Salgado), Porto Alegre (Santander Cultural) e Fortaleza (Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura).

Na edição deste ano, o objetivo foi destacar novos talentos e apresentar obras contemporâneas produzidas entre 2012 e 2015, em sua maioria inéditas no Brasil. Explica Ewa Zukrowska, co-curadora e produtora do Festival no Brasil: “O cinema polonês é considerado um dos mais autorais do mundo, graças a realizadores como Andrzej Wajda, Krzysztof Kieslowski, Jerzy Skolimowski ou Roman Polanski. Os cineastas contemporâneos poloneses estão desenvolvendo trabalhos de ressonância, como ficou evidenciado na premiação do Oscar de 2015, quando “*Ida*”, de Paweł Pawlikowski, foi premiado como o melhor filme estrangeiro. O reconhecimento internacional dos diretores é um exemplo de que o cinema autoral na Polônia trouxe novos ares. Ele se caracteriza pela variedade e individualidade de perspectivas e estratégias poéticas dos realizadores. A despeito de sua força, o cinema polonês atual ainda é desconhecido por grande parte do público brasileiro. Queremos ampliar essa lista de diretores e apresentar outros nomes interessantes da nova geração que começa a ganhar projeção no cenário mundial, conquistando prêmios e reconhecimento”.

Entre os longas que foram exibidos, estavam: “*Prédios flutuantes*” de Tomasz Wasilewski, “*A moça do armário*” de Bodo Kox, “*A promessa*” de Anna Kazejak, “*Deuses*” de Łukasz Pałkowski, “*Jeziorak*” de Michał Otlewski e “*Varsóvia 44*” de Jan Komasa.

Entre os curtas documentários, estavam os títulos “*Nossa maldição*” de Tomasz Śliwiński, indicado ao Oscar de melhor documentário em curta-metragem, e “*O objeto*” de Paulina Skibińska, vencedor da menção especial no Festival de Sundance em 2015, além de “*Rogalik*” de Paweł Ziemilski, “*Su-*

| Crônicas

perunidade” de Teresa Czepiec, “Ponto de partida” de Michał Szcześniak e “Sete homens de diferentes idades” de Sławomir Witek.

O Festival foi uma realização conjunta da Cinemateca de Curitiba, do Instituto Polonês de Cinema, da Embaixada da Polônia em Brasília, da Agência Mañana e da Fundação de Cinema de Cracóvia, que juntos promovem produções cinematográficas pioneiras no Brasil e contou com o apoio da Casa da Cultura Polônia-Brasil, da Sociedade Polono-Brasileira Tadeusz Kościuszko, da Braspol e da Sociedade Polono-Brasileira Józef Piłsudski.

Concluimos esta nota com uma homenagem à memória do acima citado Andrzej Wajda (1926-2016), considerado por alguns como o mais célebre cineasta polonês. Ele lançou seu último filme, *Afterimage*, neste ano. Wajda, que faleceu em Varsóvia no domingo 9 de outubro, aos 90 anos de idade, foi – nas palavras de Isabela Boscov (*Veja*, n. 2500) – “uma referência para o cinema mundial” e “essencial para a identidade polonesa”.

* * *

120 ANOS: BREVE HISTÓRICO DA PARÓQUIA NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO – RIO CLARO DO SUL – PR

Anderson SPEGIORI, SChr

Aos 18 de setembro de 2016, com a presença do bispo diocesano de União da Vitória, Dom Agenor Girardi, e do atual pároco, Pe. Anderson Spe-giorin SChr, foi celebrada uma grande festa em comemoração dos 120 anos da fundação da paróquia, a mais antiga da referida diocese. Antes da celebração da Santa Missa solene, a comunidade paroquial acolheu a imagem peregrina de Nossa Senhora Aparecida.

É bom recordar, pelo menos brevemente, a história da referida paróquia fortemente ligada à colonização polonesa.

A partir do ano 1855, por iniciativa de Zacarias de Góis e Vasconcelos (1815 – 1877), político brasileiro do Império e representante do Partido Liberal, presidente do Paraná (1853), Deputado Geral e Senador desde 1864, o estado do Paraná foi colocado no rumo da colonização estrangeira.

Foi baixada a lei número 29 de 21 de março de 1855, que determinava a promoção da imigração de estrangeiros para a província do Paraná, principalmente de colonos.

No ano 1884 saiu de Campo Largo uma caravana de 15 famílias de agricultores que, passando por Palmeira, penetraram num território até agora intacto. Depois de dois meses atingiram a região localizada à margem esquerda de um rio, onde fundaram um pequeno povoado, com moradias provisórias, e lhe deram a denominação de Rio Claro, em virtude da limpidez das águas do rio. Daquele grupo, s conhecidos somente três chefes de famílias: Frederico Carlos Franco de Souza, João Teixeira de Lima e Antônio Rodrigues de Lima.

A primeira leva dos imigrantes poloneses fixou-se na região a partir do ano 1890, e alguns anos mais tarde chegaram colonos europeus ucranianos.

Em 1891 foi criada legalmente a Colônia de Rio Claro do Sul, às margens do rio Iguaçu, constituída por 1 371 lotes, dos quais 79 formavam a sede

da colônia, sendo os demais distribuídos por 9 linhas principais e 18 vicinais.

Graças ao progresso da região e à índole católica dos povoadores, foi erigida uma capela em louvor de Nossa Senhora do Rosário.

Em 1892 criou-se o distrito de Rio Claro do Sul, cujo território pertencia ao município de São João do Triunfo.

Por meio de uma circular do dia 26 de novembro de 1895, o bispo da nova diocese de Curitiba, D. José de Camargo Barros, criou uma capelania eclesiástica provisória com sede principal na colônia São Mateus, onde residia o capelão principal, que podia ter capelães nas colônias determinadas pelo Bispo, isto é, “Rio Claro, Água Branca e Palmyra”, (L.T. I, p. 34). Os capelães deveriam ser aprovados para essas residências, tendo a jurisdição delegada pelo capelão cura principal.

A assistência espiritual já existia antes da criação da capelania. Segundo os arquivos, já no ano 1892 atuava nesse território o Pe. Ludovico Przytarski, padre polonês do clero diocesano, que celebrou ali alguns batizados. Começou a residir em Rio Claro como capelão desde o ano de 1896 e lá trabalhou até 1907. A obra principal dele foi a construção da igreja dedicada a Nossa Senhora do Rosário, com uma torre de 50 metros de altura, toda de madeira. Era tão imponente e fascinante que o povo a chamava “Czestochowa Paranaense”.

No ano 1907 a capelania de Rio Claro foi assumida pelo Pe. Silvestre Kandora, da Congregação da Missão (Padres Vicentinos), cujos padres trabalharam ali até maio de 1968.

Por meio de um decreto do dia 16/12/1911, o bispo D. José de Camargo Barros criou “o Curato de Rio Claro, [...] desmembrado fique do Curato de São João do Triunfo todo este território que até ao presente a ele pertenceu, e elevado a curato independente, tendo por sede o núcleo principal Rio Claro” (L.T. I, p. 91).

No começo a paróquia pertenceu à diocese de Curitiba, até 1929, quando uma bula papal, ao organizar a Igreja no Paraná, transferiu uma parte da paróquia para a nova diocese de Ponta Grossa, e a outra continuou como parte da antiga diocese de Curitiba.

Em abril de 1949 a sede da paróquia foi transferida para Mallet, que

| Crônicas

desde 15 de abril de 1912 era sede de um município desmembrado de São Mateus do Sul. No dia 21 de setembro de 1912, com a instalação oficial, foram criados dois distritos desse município, em Rio Claro do Sul e Dorizon.

criada a paróquia de São Pedro, e Rio Claro tornou-se parte desta. Em agosto de 1951 foi devolvido à igreja de Rio Claro do Sul o título de igreja matriz.

Em 7 de janeiro de 1952, iniciou-se a construção da nova igreja paroquial, que terminou no dia 25 de maio de 1953, com a bênção solene da comunidade (L.T. I, p. 132).

Com a saída dos Padres Vicentinos em maio de 1968, a partir de junho do mesmo ano a paróquia foi atendida pelos padres da Sociedade de Cristo para os Emigrados Poloneses da Paróquia São Pedro de Mallet.

Em janeiro de 1970, o Pe. Sigismundo Szwajkiewicz SChr, pároco de Mallet, muda-se para Rio Claro do Sul, assumindo a paróquia como pároco.

Hoje a paróquia de Rio Claro faz parte da diocese de União da Vitória, que foi criada em 3 de dezembro de 1976 pela bula “Qui divino” do Papa Paulo VI, desmembrada da arquidiocese de Curitiba e das dioceses de Guaruapuava e Ponta Grossa.

No dia 17 de março de 1996 a igreja paroquial de Nossa Senhora do Rosário foi erigida canonicamente em Santuário Mariano diocesano.

A primeira romaria diocesana ao Santuário Mariano aconteceu no dia 19 de outubro de 1997. Foi um marco histórico para paróquia e a diocese. Nesse evento estiveram presentes mais de 4 mil pessoas.

Dia 16 de maio de 1999 aconteceu a 1ª Romaria Vocacional da nossa diocese. A partir daquele ano o Santuário recebe duas romarias diocesanas e várias pequenas romarias de várias paróquias e vários movimentos que atuam na diocese.

Um capítulo à parte na história da comunidade paroquial de Rio Claro é a história da gruta de Nossa Senhora de Lourdes.

Tudo começou no tempo do Pe. Estanislau Piasecki. Numa época de bastante seca, o padre encontrou uma vertente próxima da igreja e resolveu então construir no local uma gruta com a ajuda de toda a comunidade. A inauguração da gruta ocorreu no dia 13 de maio de 1940. Naquele dia os fiéis saí-

Crônicas

ram da igreja matriz em procissão até a gruta, onde o Pe. Bronislau Kozlowski celebrou a missa. Participaram desse evento os padres: Estanislau Piasecki, Inácio Zabrzeski – pároco de Rio Claro, Pe. Porzycki de São Mateus e Pe. Pincocy, vigário de Mafra. Após a missa e a bênção, com o acompanhamento da banda local, houve uma festa, e o lucro foi destinado para o pagamento das despesas da construção da gruta e para Cruz Vermelha.

Atualmente a gruta serve de local de visitação, oração, agradecimentos e também de reflexão, pois o contato com a natureza proporciona a paz e a harmonia.

Rio Claro foi também abençoada pelo trabalho das irmãs religiosas. Primeiro as Irmãs de Caridade de São Vicente. Não temos fontes que possam indicar o ano da chegada das irmãs a Rio Claro. Sabemos que começaram a trabalhar como professoras no Colégio Santa Clara, mas também organizavam diversos cursos, como: costura, tricô, crochê, pintura, culinária, entre outros.

Trabalharam também no hospital, que durante determinado período de tempo atendia os doentes da região. Infelizmente não temos dados e maiores informações. Na década de 1920 aproximadamente, houve a mudança do colégio Santa Clara para perto da igreja, onde hoje se localiza o colégio, que atende as reuniões pastorais e a catequese.

O colégio foi usado como escola até 15 de novembro de 1959, quando foi bento o Grupo Escolar de Rio Claro do Sul, que até hoje serve como escola.

O colégio onde se encontrava o Instituto Santa Clara passou a ser apenas moradia das irmãs. No dia 14 de janeiro de 1966 às Irmãs da Caridade de São Vicente deixam o colégio, e mais tarde vendem o lote e a construção para a igreja Nossa Senhora do Rosário em 17 de outubro de 1975.

O colégio tinha sido ocupado pelas Irmãs Mensageiras do Amor Divino, que, além de cuidarem da igreja, promoviam cursos. No dia 21 de março de 1983 a madre superiora pediu a transferência das irmãs, o que aconteceu no dia 4 de setembro de 1983.

Até hoje as pessoas da comunidade lembram a presença e o trabalho das irmãs de ambas as congregações.

Atualmente a paróquia conta com 19 pontos de missa, entre estes 1

| Crônicas

igreja matriz, 12 capelas e 6 escolas.

A partir do ano 1892 até hoje, atuaram na paróquia aproximadamente 47 padres, como capelães, párocos e coadjutores. Atualmente a comunidade paroquial é dirigida pelo Pe. Anderson Spegiorin, SChr, que, junto com várias pastorais, movimentos, apostolados e vários líderes leigos, não medem esforços para continuar os trabalhos de evangelização.

* * *

RECITAIS EM HOMENAGEM AOS 1050 ANOS DO BATISMO DA POLÔNIA

Na sexta-feira, 23 de setembro de 2016, ainda no espírito de comemoração dos 1050 anos do batismo do príncipe Mieszko, os polônios de Porto Alegre tiveram uma rica e agradável noite na Igreja Polonesa da capital gaúcha. O Prof. Henryk Siewierski, da Universidade de Brasília (UnB), através da palavra, da música e do canto, transportou no tempo as pessoas presentes para uma viagem pela História da Polônia. As pessoas presentes assistiram a uma belíssima e enriquecedora apresentação. Quem participou desse evento com certeza saiu espiritualmente enriquecido e aprofundou o seu conhecimento da história religiosa e mariana da Polônia.

No domingo, 25 de setembro, um recital semelhante foi apresentado em São Luís Gonzaga. A organização do evento coube a Mathias Bueno Ribas, presidente do Rotary Clube local, e à Profa. Anna Olívia do Nascimento, presidente do Instituto Histórico e Geográfico de São Luís Gonzaga. Colaborou também com a organização do recital o Teatro Turma Dionísio, com o seu diretor, o ator Gérson Fontana, e a atriz Maristela Marasca. Para a apresentação deste e dos encontros seguintes contribuiu significativamente também a professora Natália Klidzio, da Universidade Maria Curie Skłodowska, em Lublin, na Polônia. A Profa. Natália nasceu na região das Missões e continua sempre presente em sua vida cultural.

No dia seguinte, a convite da prefeita do município de Guarani das Missões, a Sra. Janete Teresinha Daudek, e da secretária de educação do município, Profa. Sônia Urbanski, o Prof. Siewierski encontrou-se com alunos e professores das escolas do ensino fundamental e médio em Guarani das Missões. Das quatro aulas-recitais participaram cerca de 400 pessoas.

O encontro seguinte e último ocorreu no dia 27 de setembro na Universidade de Ijuí (UNIJUÍ), organizado pelo Departamento de Literatura, representado pela Profa. Rosita da Silva Santos, bem como pela Seção Cultural da organização polônica Sociedade Cultural Polonesa Karol Wojtyła, dirigida pela Sra. Maria Teresinha Meiger Siekierski. Participou do encontro um nu-

| Crônicas

meroso grupo de estudantes, professores, representantes da colônia polonesa e escritores locais, entre os quais Ademar Campos Bindé, autor do livro *Os Poloneses*, que registra a contribuição dos imigrantes poloneses e dos seus descendentes para o desenvolvimento da cidade de Ijuí e da região.

* * *

VIGÍLIA EM MONTE CLARO NA INTENÇÃO DOS EMIGRADOS POLONESES E DOS SEUS DESCENDENTES

Zdzislaw MALCZEWSKI, SChr

A organizadora da vigília anual diante da imagem de Nossa Senhora de Monte Claro é a Sociedade de Cristo para os Poloneses Emigrados. A vigília deste ano realizou-se na noite de 21 para 22 de outubro (sexta-feira/sábado), com o lema: “Sede testemunhas da misericórdia”. Diante da imagem da Rainha da Polônia e da comunidade polônica no exterior, elevamos súplicas na intenção dos nossos compatriotas que vivem fora das fronteiras da Pátria. No presente ano 2016, vivenciando o Jubileu Extraordinário da Misericórdia, a XXXI Jornada da Juventude em Cracóvia, os 1050 anos do batismo do príncipe Mieszko I, os 300 anos da coroação da Imagem Milagrosa de Nossa Senhora de Częstochowa e os 70 anos da consagração da Nação Polonesa ao Imaculado Coração de Maria, realizada pelo Servo de Deus Cardeal Augusto Hlond, Primaz da Polônia e Fundador da Sociedade de Cristo, na capela da imagem milagrosa reuniram-se mais de 2 mil peregrinos vindos de diversas partes da Polônia, bem como dos países vizinhos, para juntos rezarem pelas comunidade polônica presente em tantas países do mundo.

Segundo o tradicional costume do santuário de Monte Claro, às 21h realizou-se o Apelo de Monte Claro. O Apelo deste ano foi dirigido pelo Pe. Zdzislaw Malczewski SChr – reitor da Missão Católica Polonesa no Brasil. Apresentamos abaixo o texto da oração do Apelo:

Senhora de Monte Claro!

Crônicas

- Colocamo-nos hoje diante da Vossa Face, com a expressão sincera e humilde do nosso amor e da nossa gratidão!

- Neste momento de vigília e oração, gostaríamos de ser os representantes de todos os poloneses e polonesas que por diversas razões vivem fora das fronteiras da Polônia! É nessa comunidade que nos vincula pelo sangue e pela fé que nós vemos as sucessivas gerações dos nossos emigrados. Gerações que, apesar da passagem do tempo, das mudanças ocorridas, das variadas situações sociais, políticas, econômicas ou religiosas dos países onde nasceram e vivem, foram capazes de preservar a fé e o grande amor a Vós, Senhora de Monte Claro!

- A comunidade das polonesas e dos poloneses no exterior, da mesma forma que a comunidade polônica presente em tantos países do mundo, em espírito de união com toda a Nação Polonesa batizada, expressou, e também nós, nesta hora do nosso Apelo, pela Vossa mediação, ó Mãe e Auxiliadora, gostaríamos de expressar diante de Deus Pai, pleno de misericórdia, a nossa sincera e profunda gratidão pelo dom com que também nós fomos beneficiados graças à conversão do príncipe Mieszko I, que recebeu o sacramento do santo batismo! Pelos 1050 anos de incessante vínculo de fé, amor e esperança na história da nossa nação e na história da coletividade polônica no mundo!

- Em espírito de filial gratidão, nós, os membros da Sociedade de Cristo, recordamos o 70º aniversário da entrega da Nação Polonesa ao Vosso Imaculado Coração, que no dia 8 de setembro de 1946 foi promovida pelo nosso Fundador, o Servo de Deus Augusto Hlond, Primaz da Polônia, juntamente com todo o Episcopado e com uma multidão de mais de um milhão de pessoas reunidas diante do Vosso Santuário de Monte Claro!

- Recordando esse solene ato da consagração a Vós e ao Vosso Imaculado Coração, Mãe Santíssima, queremos agora, contemplando a Vossa amorosa e desvelada face, neste sagrado lugar sinceramente entregar: a nós mesmos, a nossa congregação religiosa, os sacerdotes polônicos e as irmãs religiosas que lhes dão apoio no serviço aos irmãos e às irmãs que vivem em tantos países do mundo, para que todos, pastores e fiéis, graças ao amparo do Espírito Santo, melhor e mais fielmente servindo a Deus, preservando a fidelidade à Sua doutrina e lei, defendendo a santidade do Evangelho e da Igreja, possamos contribuir para a difusão do Reino de Deus entre nós e entre aqueles em meio aos quais nos cabe viver! Senhora e Rainha nossa, à Vossa proteção

| Crônicas

recorremos. Envolvei a família polonesa, onde quer que ela viva, com a Vossa maternal proteção e preservai a sua santidade. Inspirai com o sobrenatural espírito da piedade as nossas comunidades polônicas, protegei nossos irmãos e nossas irmãs dos pecados e das desgraças e fortalecei e santificai os pastores polônicos com as Vossas graças. Alcançai para a Nação Polonesa, aqui na Pátria e aos seus filhos emigrados espalhados pelo mundo inteiro, a constância na fé, a santidade de vida e a compreensão dos compromissos. Congregai-os na concórdia e no amor fraterno. Dai à terra polonesa, embebida de sangue e lágrimas, uma tranquila e gloriosa existência na verdade, justiça e liberdade. Da República da Polônia, e dos seus filhos que vivem no exterior, sede a Rainha e a Senhora, a Inspiradora e a Padroeira! Aos nossos irmãos e irmãs que escolheram o destino da vida de emigrados e se desencaminharam espiritualmente, apontai o caminho da volta à prática da fé e à unidade com o Rebanho de Cristo. Mostrai aos que se desviaram na vida de emigrados o sol da verdade e conquistai os seus corações com a ternura do Vosso Imaculado Coração!

- Senhora de Monte Claro, Rainha nossa! Através do Vosso Maternal Coração expressamos – em nome de toda a comunidade crente do mundo – a gratidão a Vosso Filho Jesus, o único Salvador do homem, pela vida, pela vocação e pelo devotado ministério pastoral do Arcebispo Estêvão Wesoły – por muitos anos delegado do Primaz da Polônia para a pastoral dos emigrados. Há alguns dias (no dia 16 de outubro) ele comemorou os 90 anos de vida, e em poucos dias (no dia 28 de outubro) vai dar graças pelos 60 anos de sacerdócio. Por toda a sua vida, pela total entrega ao serviço de Deus e dos emigrados poloneses – com cordial gratidão nós o chamávamos pároco da comunidade polônica do mundo, bispo vivendo com as malas nas mãos –, que o SENHOR Uno e Trino seja glorificado! Maria, defendei o Arcebispo Estêvão de todo mal, concedei-lhe o consolo espiritual e a alegria do coração!

- Maria, nossa Mãe e Rainha, Senhora de Monte Claro! Queremos pedir-Vos somente uma graça. Alcançai junto a Vosso Filho e nosso Senhor para nós aqui reunidos no Vosso Santuário de Monte Claro, e sobretudo para todos os nossos irmãos e irmãs poloneses e polonesas que vivem no exterior, e a todos aqueles que vivem em muitos países do mundo em já sucessivas gerações emigratórias, a autêntica alegria do coração, decorrente de uma fé sinceramente professada!

- Essa alegria de espírito, a sincera fraternidade que há apenas três meses foi demonstrada pelos jovens cristãos reunidos na Jornada Mundial da Juventude em

Cracóvia, juntamente com o Papa Francisco, graças à Vossa intercessão e ajuda, ó Mãe nossa, oxalá se tornem presentes na vida cotidiana dos emigrantes poloneses e de toda a comunidade polônica no mundo de hoje!

- Maria de Monte Claro, Mãe de Deus e nossa! Aceitai esta nossa noturna e sincera oração! Acolhei a todos os poloneses e seus descendentes espalhados pelo mundo inteiro no Vosso Imaculado Coração e reuni-nos para sempre com Cristo e com o Seu santo Reino. Amém.

O texto dessa oração do Apelo foi por mim preparado com base no Ato da entrega da Nação Polonesa ao Imaculado Coração de Maria, pronunciado no dia 8 de setembro de 1946 pelo Servo de Deus Cardeal Augusto Hlond em Monte Claro, na presença de uma multidão de mais de um milhão de pessoas vindas de todas as partes da Polônia.

Após o Apelo de Monte Claro, os fiéis permaneceram em oração, dirigida por diversos grupos paroquiais da Polônia e do exterior. Às 24 horas foi concelebrada uma santa Missa solene, que foi presidida pelo Pe. Ricardo Głowacki SChr – superior geral da Sociedade de Cristo, o qual também pronunciou a homilia ocasional. Concelebraram quase 50 sacerdotes da Polônia e do exterior. Iniciamos a celebração da santa Missa já no dia 22 de outubro, ou seja, na memória litúrgica de S. João Paulo II. Pedimos a intercessão daquele que, como papa, durante as suas visitas apostólicas em diversos países do mundo encontrava tempo para se encontrar com os emigrantes poloneses e com os representantes das comunidades polônicas.

A vigília de oração estendeu-se até as 4 horas da manhã. Aos poucos, os peregrinos reunidos na capela da imagem milagrosa de Nossa Senhora de Monte Claro começaram a dirigir-se aos seus locais de hospedagem para algumas horas de descanso.

Essa sucessiva vigília em Monte Claro pela comunidade polônica conscientizou-nos mais uma vez da necessidade de oração por aqueles que em diversos períodos e por variadas razões escolheram a vida no exterior, para que eles não percam os valores espirituais e nacionais.

R. D. Wourting

~~Dr. W. S. S.~~

L. K. K. K.

M. K. K.

T. K. K.

S. K. K.

M. K. K.

~~_____~~
